OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

TOMO QUINTO.

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

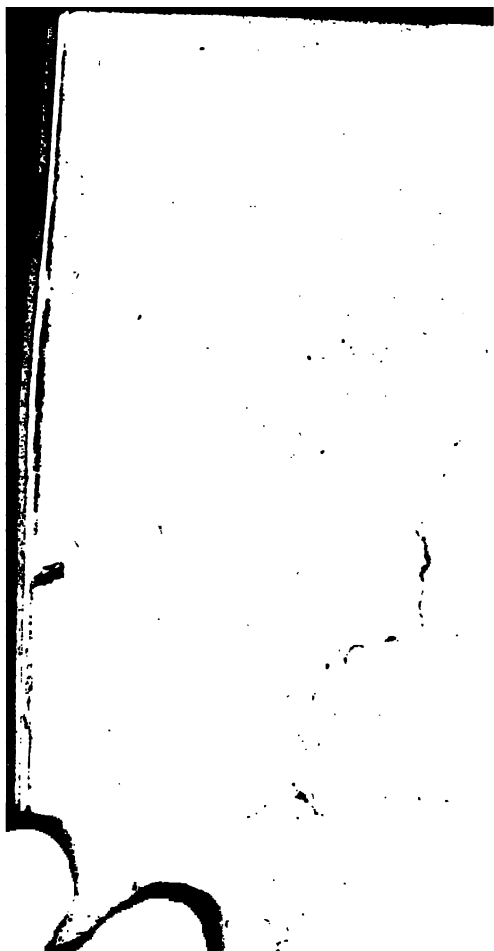
TOMO V.

PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.

E ACHA-SE EM LISBOA,

EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.

MDCCCXV.

PREFAÇAO.

Diversas saõ as figuras em que no Mundo tem apparecido impressas as Obras de Luis de Camões, em folha, em quarto, em oitavo, a que chamam pequeno, em doze, em desaseis, e em vinte e quatro. Cada hum dos Editores lançou mão daquella medida que se lhe representou mais conforme, ou com o seu proprio capricho, ou com algum seu particular interesse. Nós, entre tanta variedade, attendendo mais ao commodo do Público, que ao nosso particular, escolhemos a presente medida de oitavo grande (*), como mais ac-

---

(*) Houve justos motivos para passar esta segunda Ediçaõ de 8°. grande para 8°. pequeno, sendo hum delles, fazer neste a letra chamada interduo, na qual vai impresso, o mesmo effeito, e o mesmo commodo, naquelle a leitura.

commodada ao intento, pelas razões que saõ claras, assim aos intelligentes da Poesia, como aos da Arte Typographica. Haviamos disposto, que em tres volumes se comprehendessem todas estas Obras; e neste projecto persistimos por largo tempo; porém apparecem de novo composições do Poeta, e algumas outras de seu Commentador, respectivas ao mesmo Luis de Camões, e de naõ pequeno interesse para o Público, e para os amantes destes estudos; vendo que com o que accrescia, o terceiro volume ficava desmedidamente avultado, nos resolvemos a fazer quarto Tomo, que he o presente. Para elle reservámos as Comedias, os Fragmentos, as Obras suppostas, e huma larga Ecloga de Manoel de Faria e Sousa, da qual tratámos já em outro lugar. Em quanto ás Comedias, naõ temos que dizer mais, do que ser esta, segundo alcançamos, a terceira vez que se imprime a de Filodemo, a qual, tendo corrido na negligencia de Copiadores, e Impressores, a mesma fortuna que as demais Obras do Poeta, nos deo bastante

trabalho para a darmos certa na pontuaçaõ. Tivemos em nosso poder, e á vista, hum exemplar da primeira Ediçaõ della, que foi no anno de 1616., fonte donde sahio a segunda; com a qual (como tambem com a mesma primeira) poderá o Leitor curioso confrontar esta terceira, pois só entaõ conhecerá a differença que se dá entre as tres nesta parte.

Depois das Comedias entram os Fragmentos de algumas Obras do Poeta, achados por Manoel de Faria e Sousa em alguns Manuscriptos, e recolhidos agora por nós, dos seus Commentarios, por onde se acham dispersos. [illegible]a entre estes Fragmentos huma Elegia, aqual [illegible]anoel de Faria, naõ se atrevendo a meter[illegible] a mão, fez pública no mesmo estado cor[illegible]to, e deploravel em que a achou; para que [illegible]isse o estrago que nas Obras do Poeta ha[illegible] feito Copiadores barbaros. Nós a damos [illegible]em da mesma sorte; ficando-nos huma [illegible]de mágoa de a naõ acharmos, para cabal [illegible]açaõ dos Eruditos, como seu Athor a es[illegible]

Aos Fragmentos se seguem as Obras suppostas, e attribuídas a Luis de Camões, as quaes por diversas vezes, e em varias Edições, atrevidamente se tem publicado debaixo do seu nome, e com injúria grande delle: e aqui temos mais que dizer. Saõ estas Obras hums Tercetos, de que foi argumento o Senhor Rei D. Sebastiam: huma Petiçaõ ou Memorial em oitavas, feito ao Regedor, em nome de huma mulher criminosa, que se achava presa, e estava incursa na pena de degredo: os tres Cantos da creaçaõ, e composiçaõ do homem, e huma Elegia. A nenhuma destas cousas deramos lugar nesta Ediçaõ; mas entram aqui, porque póde ser que, com o que dissermos ácerca de cada huma dellas, se desenganem alguns crédulos, ou que naõ tem todo o conhecimento, e noticia das cousas.

Em primeiro lugar: quanto aos Tercetos, temos grande dúvida que sejam do nosso Poeta; naõ só pela pessima versificaçaõ, baixo estylo, falta de digestaõ, e methodo com que estaõ escriptos, senaõ tambem porque nos

ommentarios de Faria, assim impressos,
mo manuscriptos, que revolvemos, se naõ
z mençaõ, nem achámos noticia de taes
ercetos: e naõ se faz crivel que a hum Es-
iptor taõ empenhado na gloria do Poeta, e
ie taõ diligentemente procurou haver á mão
suas composições, escapasse huma Obra
õ consideravel pelo seu assumpto, e argu-
ento. Naõ nos seria difficil mostrar com al-
ins lugares, e com a má ordidura daquelle
oema, quaõ indigno seja do nome de Luis
Camões; mas naõ nos esquecendo da bre-
dade que seguimos nestas, como adverten-
as, deixamos estas reflexões aos Leitores pru-
entes, e judiciosos, aos quaes lembramos,
ie huma tal Obra, mais que da suavidade,
brandura de Luis de Camões, só parece ser
lha daquella escabrosa dureza com que o
outor Antonio Ferreira se explicava nos seus
rsos.

Passando agora á Petiçaõ, ou Memorial,
lle dizemos o mesmo; Isto he, naõ ser Obra
e Luis de Camões: e porque o nosso voto se naõ

faça suspeitoso, e pareça ter origem em algu-
ma particular paixaõ, transcreveremos o que
a este respeito escreveo Faria, nesta materia
melhor estimador que muitos que depois delle
o presumíram ser. No fim do Tomo IV. dos
Commentarios ás Rhythmas, commentando
Manoel de Faria a ultima oitava das 70. que
Luis de Camões escreveo a Santa Ursula, diz
assim, pag. 157., col. 2.: « Estas son las Oc-
« tavas que permanecen de nuestro Poeta. En
« la Parte que llamaron segunda de sus Poe-
« mas varios, se ven unas con titulo de Me-
« morial al Presidente de Justicia, en favor de
« uná muger hermosa, cazada, y que se lla-
« mava D. Catalina; y que estava condenada
« a destierro ultramarino, por adultera, ti-
« niendo su marido en la India... Ellas son 18.,
« y el que las escriviò tenia lecion de su esty
« lo; y echava mano de uno y otro lance suyo
« sin algun fundamento; porque no ay Estan-
« cia que no sea un absurdo; en tanto extre-
« mo, que no las hiziera tales el Poeta, quan-
« *do en la calle* fuesse obligado a escrivirlas

la rodilla. Quiero se queden aqui la
'a, y la ultima, en testimonio de ver-
Depois de Manoel de Faria transcre-
meira e a ultima das referidas Oita-
clue com o seu costumado sal: « Si
egidor de Justicia tuviera entendi-
, y la hiziera, passára, sin duda, el
ro en que estava condenada aquella
, a quien por ella rogava con tan cri-
s versos: porque mayor culpa és ser
ıbre tan tonto, que una muger cazada
civa. »
nos agora com os tres Cantos da crea-
omem, que saõ os que se seguem;
póde ser) ainda mais alheia do esty-
s de Camões, do que os mesmos Ter-
enhor Rei D. Sebastiam, e as mesmas
favor da mulher criminosa. O pri-
litor que publicou estes tres Cantos
ingos Fernandes, Livreiro; o qual,
gratificar ao Arcebispo D. Rodrigo
a, entaõ Bispo de Portalegre, alguns
ue lhe havia feito, e conhecendo que

nisto lhe fazia hum obsequio o mais agr
vel, por ser muito amante das letras, ajur
varias Rhythmas de Luis de Camões, e im
mindo-as em Lisboa, no anno de 1616
Officina de Pedro Crasbeeck, lhas dedic
indo entre as mesmas Rhythmas os tres C
tos da creaçaõ do homem. Temos pres
hum exemplar desta Ediçaõ, (he a segu
parte das Rhythmas, de que falla Manoe
Faria, onde tambem se imprimíram a
meira vez as Oitavas a favor da mulher)
cuja Dedicatoria diz Domingos Fernan
fallando com o Arcebispo D. Rodrigo da C
ha: « Naõ se descuidou minha ventura em
« offerecer esta occasiaõ de andar junta
« estas Rhythmas: e V. S. me fez merc
« haver a maior parte, certificado seren
« Author. Outras me deram várias pesso
« na mão de muitos Senhores Illustres a
« tres Cantos da creaçaõ do homem, em
« va Rhythma, que vaõ no fim deste Livr
« tendo-os impresso, V. S. me affirmou n
« *rem* seus: mas como os tinha impressos, e

Parece que bastava hum testimunho tão calificado, como o do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, para se naõ terem por de Luis de Camões os tres Cantos da creaçaõ do homem: mas como ainda póde haver alguns crédulos (por naõ dizer teimosos) daquelles a quem tudo o que luz, aindaque seja o mais baixo metal, lhe parece ouro; os quaes, depois de huma tal decisaõ, fiquem na dúvida, accrescentaremos á authoridade do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha a do mesmo Faria e Sousa. Falla elle desta Obra, e diz assim, tom. IV. dos Commentar. ás Rhythm. pag. 158., col. 1.

« Ay tambien con nombre de Luis de Ca-
« mões, en la propria segunda Parte, tres
« Cantos, intitulados de la creacion del hom-
« bre: y mal criado fue todo aquel, a quien se
« le puso en la mollera, que eran de Luis de
« Camões aquellas malditas coplas. El primer
« Canto contiene 60.; el segundo 72.; el ter-
« cero 70.: y no haviendo en las 202. una que
« eche de si una pequeña lumbrecilla de alien-
« to Poetico; *y haviendose* mostrado a hom-

« bres que presumiam de entender desto (oh
« presuncion mortal!) las dexaron imprimir
« en nombre de un hombre, como Luis de
« Camões: y no se que virtud tiene su nom-
« bre, que solo por estar alli, aunque tan
« postiço, se quiere nuestro entendimiento su-
« getar a hazer cuenta de algunos versos; por
« más que muchos dellos son errados, ya por
« sobra, ya por falta de syllabas; y otros sin
« número, aunque tengan onze. Estas Coplas
« escriviò sin duda algun Medico ò Cirujano,
« traduziendo en verso lo que anda escripto
« en prosa en la segunda Parte del Libro de
« Anatomia que imprimió el Medico Bernar-
« dino de Montaña el año de 1551.; y aquella
« Parte se intitula: » Sueño del Marquez de
Mondejar D. Luis Hurtado de Mendoça. « Fin-
« gese alli, que esse Cavallero soño haver visto
« aquella fabrica de la composicion del hom-
« bre, en fórma de un Palacio; y enpieça
« assi: » Ante todas cosas me pareciò que via
una casa tan polida, tan graciosa, tan bien la-
brada, que dava a entender claramente ser

ıbros interiores y exteriores del hom-
; todo como se vè en aquellas Coplas:
la condicion de que ellas son malas, y
prosas del Marquez, y de su Medico,
buenas; y la Philosophia dellas bien di-
da. A' imitacion deste coloquio, hizo des-
s otro el Medico Vilalobos, con el Conde
Benavente enfermo; però con vantajosa
ancia, gala, y donaire.»
ista de huns documentos taõ authoriza-
de tanto pezo, como ahi ficam; e depois
bservações que fizemos nessas mesmas
, naõ faltou muito para as omittirmos
Edicaõ, como indignas de andarem de-

nem com os seus mesmos olhos. Com bastante incerteza damos tambem huma Elegia que se acha em algumas Edições, e principia: « Du- « vidosa esperança certo medo, etc. » aindaque esta, pela phrase, nos parece ser mais chegada ao estylo do Poeta; postoque a reputemos muito viciada de copias.

Depois das Obras suppostas, segue-se em ultimo lugar a vida do Poeta, escripta com os seus mesmos versos por Manoel de Faria e Sousa; Obra de summo trabalho, e de que só poderia dar boa conta quem tivesse empregado nos Commentarios dos mesmos versos os largos estudos de mais de vinte e cinco annos, como elle mesmo em alguns lugares confessa que empregára. Só quem tiver bastantes experiencias das composições deste genero poderá ser hum justo avaliador do seu merecimento. Foi notavel este Escriptor nos elogios de Luis de Camões; e tanto menos suspeitoso, quanto mais inimigo da lisonja, e quanto mais amante daquella verdade, inteireza, e zelo da gloria da Naçaõ, que tanto reluz em qualquer parte

que se abram os seus escriptos. O merecimento deste Poeta foi para elle unico na estimaçaõ: nem cessa de se magoar do mal, que o tratáram os seus mesmos Compatriotas, assim em vida, como depois da morte; pois que por muitos annos até se ignorou o lugar da sua sepultura. Em varios lugares repete Manoel de Faria estas, na verdade justificadas, queixas; e muito particularmente nos Commentarios manuscriptos, sobre a Ecloga XV., a qual agora novamente damos á luz. Gostosamente transcreveremos a passagem, para que igualmente se conserve a memoria, tanto do zelo de Manoel de Faria, quanto do merecimento de hum homem, que tanto honrou a Patria.

Diz Faria, em huma advertencia sobre a Ecloga XV. « De siete Eclogas, que ay de mi « Poeta en el manuscripto, esta és la ultima, « y sola ella tiene titulo, que dize cuya és deste « modo: » Ecloga de Luis de Camões á morte de D. Catharina de Ataide, Dama da Rainha. « Y antes desta Ecloga está la que de mi Poeta « és la tercera en estas Rhythmas, escripta sin

b.

« duda a la propria muerte desta Señora... A
« esta dicha mia de hallar este Manuscripto en
« Madrid, el año de 1641, se deve el saberse
« quien era esta Dama; porque hasta entonces
« no se sabia su nombre. Y si Portugal no dor-
« miera el sueño de Endimion, en lo que és
« hazer caso de los successos que se tuvieron
« por glorias de otras Naciones, no olvidára
« esto: porque yo no sè que Petrarca fuesse
« mayor Poeta, que Luis de Camões, ni de tan
« lusido nascimiento: ni que Laura fuesse más
« illustre por sangre, que D. Catalina; ni que
« fuesse más hermosa, que ella. Y sè que siem-
« pre se conservò en Italia y Francia la memo-
« ria de quien havia sido, solo porque mere-
« ciò ser cantada de Petrarca: y sè, que lo
« que más sustenta la gloria del ingenio de Pe-
« trarca, és el haver celebrado a Laura. Y sè,
« que muriendo Laura, fue sepultada honori-
« ficamente, para que se supiesse della, solo
« por el haver sido celebrada de un tan raro
« ingenio: y sè que hallandose despues este se-
« *pulchro en* Aviñon, y sabiendolo el Christia-

« nissimo y entendido y Politico y magnanimo
« Rey Francisco I. de Francia, se fue a ver
« aquellos huessos, y los hizo poner en más
« ventajoso monumento, con epitaphios de
« varias Lenguas; y en la suya Franceza le
« compuso uno, de ocho versos, con que acabò
« de colmar la gloria de Laura, y de Petrar-
« ca (*). Y sè, que Luis de Camões, en cali-

(*) Para completa satisfaçaõ dos nossos Leitores, lhes damos aqui estes Epitaphios que Manoel de Faria nos naõ dá, nem tam pouco Luis Antonio Muratori, na sua ampla Ediçaõ das Obras de Petrarca, feita em Modena no anno de 1711. Acham se debaixo da seguinte advertencia, em huma Ediçaõ das Rhythmas do mesmo Petrarca, feita pelo Rovilio em Leaõ, no anno de 1574., em 16., da qual os tiráram tambem para a sua os modernos Editores Venezianos do anno de 1756.: Ediçaõ a mais magnifica que se fez das Obras deste Poeta.

Nel mille cinquecento trenta tre fu trovato in Avignone, per la molta diligenza del molto dotto, e virtuoso M. Maurizio Sceva, in una sepoltura antica d'una capella della *Chiesa* de' Frati Minori una sca-

« dad, en ingenio, y en exercicios illustres,
« excediò a Petrarca : y sè, que D. Catalina de

---

tola di piombo, chiusa con un filo di rame, dentro la quale era una membrana scrittovi il « già riferito » Sonetto; ed una medaglia con una figura d'una Donna picciolissima da una banda, e dall' altra nulla; con queste lettre attorno : M. L. M. I. le quali furono dal medesimo M. Sceva interpretate : *Madonna Laura morta jace.* Per li quali indizj, e scritture è stato da molti con molta ragione creduto che in quel luogo fosse sepolto il corpo di quella Madonna Laura dal Petrarca amata. Onde poi passando in quel medesimo anno il Cristianissimo Re Francesco Primo por Avignone, per andare a Marsiglia, ed intendendo, il sepolcro di Madonna Laura essere stato ritrovato, l' andò a vedere, e, come magnanimo, e di tutte le virtù verissimo padre, comandò ch' ei fosse e di marmi rifatto, e di Epitaffj in varie Lingue ornato, ed acciocche Madonna Laura la maggior gloria, e splendore che mai potesse ricevere, recivesse, egli stesso un' Epitaffio ornatissimo, e dottissimo compose : il quale co' suoi pochi versi le recò forse non minor fama che i molti, e rarissimi componimenti del Petrarca recato le abbiano. I versi dell' Epitafio di sua Maestà furono *li seguenti :*

« Atayde, en sangre, y en puesto, fue mayor
« que Laura, y que en hermosura no fue me-

Epitaffio del Re Francesco Primo sopra la sepoltura di Madonna Laura.

En petit lieu comprins vous pouvez voir
Ce, qui comprent beaucoup par renommée.
Plume, labeur, la langue, et le savoir
Furent vaincuz par l'aymant de l'aymée.
O gentil' Ame estant tant estimée,
Qui te pourra lover qu'en se taisant?
Car la parole est tousjours reprimée,
Quand le subjet surmonte ledisant.

Leggonsi ancora i due seguenti Epitaffij, per comandamento della medesima Maestà stati in quel medesimo tempo composti.

Julii Camilli Epigramma.

Laura ego, quæ fueram Tusci olim vita Poetæ;
Laura ego, quam in vita Tuscus alebat amor;
Hic sine honore diu jacui non cognita, quamvis
Cognita carminibus, culte Petrarcha, tuis.
Nullus purpureis spargebat floribus urnam:
Nullus odoratis serta dabat calathis.

« nor. Antes, siendo preciso dar credito a mi
« Poeta en esto; ella aun en esto fue mayor;

Nunc quoque, Francisci sed versu, et munère Regis
Notesco, officiis conspicienda piis.

Del Signor Luigi Alamanni.

Qui giace il tronco di quel sacro lauro,
Che del Tosco meglior fu tale oggeto,
Ch' ovunque scalda il Sol n' ando l' odore:
Or dal Gallico Re, del Ciel tesauro;
(Sendo in poco terren vile, e negletto)
E di marmi, e di stil riceve onore:
E sempre i rami avrà fioriti, e freschi
Sotto l' ombra immortal de' duo Franceschi.

Sonetto a Madonna Laura.

Alma leggiadra, il cui corporeo velo
Trovò sì bello il Fiorentin Poeta,
Ch' Enea spregiando, Esiodo, e Dameta,
Di te cantò pien d'amoroso zelo:
Com' ei viva t' ornò, poi morta in Cielo
Pose; e con faccia mesta, e talor lieta
Or rise, or pianse, fra timore, e piéta,
Bramoso non cangiar natura, e pelo:

« pues el dize, al celebrar su belleza, que no
« la vieron tal en Beatriz, ni en Laura; Dante,

Così io, vago di quel che a lui sì piacque,
Della tua dico, ed immortal sua gloria,
E che vosco ognor viva anco ilmio nome:
Con l'arte istessa che t' onora e come,
E che meco, e con lui sovr' Arno nacque,
Lascio qui di noi tre nuova memoria.

D. O. M. S.

ET MEMORIAE AETERNAE
D. LAVRAE, CVM PVDICI-
TIA TVM FORMA FOE-
MINAE INCOMPARABILIS,
QVAE ITA VIXIT, VT
EIVS MEMORIA NVLLO
SAECULO EXTINGVI
POSSIT.
RESTITVIT VETE-
RVM MONVMENTO-
RVM PEREGRINVS
INDAGATOR
Gabriel Symeonus Flor. IIII. Idus Apriles
M. D. LVII.

« ni Petrarca: esto es en la Oda sexta, Est. :

Aquelle naõ sei que,
Que aspira naõ sei como;
Que invisibil sahindo a vista o vê;
Mas para o comprehender naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz nem Laura nunca via.

SONETTO

RITROVATO NELLA SEPOLTURA DI MADONNA LAURA I AVIGNONE DEL 1533.

Qui giaccion quelle caste, e felici ossa
Di quell' alma gentile, e sola in terra.
Aspro e dur sasso, or ben teco hai sotterra
Il vero onor, la fama, e beltà scossa.
Morte ha del verde lauro svelta, e mossa
Fresca radice, e'l premio di mia guerra
Di quattro lustri, e più; s'ancor non erra
Mio pensier tristo; e'l chiude in poca fossa.
Felice pianta in borgo d' Avignone
Nacque, e morì; e qui con ella giace
La penna, e'l stil, l'inchiostro, e la ragione.

« Y sè, que Portugal estimando todo esto en
« nada, estuvo muchos años sin saber adonde
« estava mal enterrado Luis de Camões: y ni
« mal ni bien sabe adonde lo está D. Catalina;
« y hasta agora ignorò quien ella fuesse, etc. »

Naõ poriamos termo ao dizer, se pertendessemos referir aqui as queixas que alguns Escriptores, zelosos das glorias da Naçaõ Portugueza, (quasi sempre ingrata para os que melhor a servíraõ) fizeram nesta parte; e por isso fecharemos este Discurso com o seguinte Epigramma, que a este mesmo proposito escreveo o erudito Abbade da Igreja de Sant-Iago Dantas, Joaõ Soares de Brito.

Hospitium vivo tumulum post fata negavit
Ingrata (heu!) meritis patria terra tuis.
At vaga sydereum posuit tibi fama sepulchrum,
Quâ sub non uno nomine terra patet.

Delicati membri, o viva face,
Ch' ancor mi cuoci, e struggi! inginocchione
Ciascun preghi 'l Signor t' accetti in pace.

Quà celer Euphrates, et quà secat arva Timavi
Et terra extremo cingitur Oceano.
Vilior in gemmis, Lodoice, auroque jaceres:
Unica fama potest esse tibi tumulus.

ADVERTENCIA

ÁCERCA DAS COMEDIAS QUE SE SEGUEM.

Como atéqui, nestas minhas duas Edições, em quanto ao texto do nosso Poeta, tenho seguido sempre os Exemplares impressos, e manuscriptos do Erudito, e Illustre Commentador Manoel de Faria e Sousa, como mais certos, e mais correctos; parece posto em rasaõ, e creio farei hum serviço relevante, e agradavel aos meus Leitores, se, tirandoas da confusaõ em que sempre andáraõ, lhes der tambem agora, divididas nos seus Actos, e Scenas, as duas Comedias, dos *Amphitrioes*, e *Filodemo*, conforme as vi (tambem as vi commentadas) ha muitos annos nos Originaes do mesmo Faria. Naõ entra, porém, nem dá lugar a esta divisaõ a Farça delRey Seleuco (Domingos Fernandes, primeiro editor della no anno de

1616, lhe chamou Comedia, talvez por *lh*
achar esse titulo em algum manuscripto) po
ser huma breve composiçaõ, feita com o fi
de instruir, e ao mesmo tempo recrear, a qu
por aquelles tempos intitulavaõ Auto. Na
lhe tirando pois, o titulo com que já corre, s
advertirei, que naõ he o de *Auto* de taõ pouc
momento, como alguns por ventura se persu
diráõ; por quanto, deixada a nobre derivaça
que tem de *Acta, orum*, pois que *Auto* nenh
ma outra cousa quer dizer, senaõ Feitos, A
çöes, etc. foraõ muitos os Varões doutos,
benemeritos da Rep. das letras, os que se o
cupáraõ em o escrever, humas vezes em Vers
e no estilo Comico, para Censura de vicio
e reprovaçaõ de máos costumes, outras e
prosa para a instrucçaõ dos que a elles se a
plicassem. Entre os primeiros, que os escr
véraõ em Verso, deve sem dúvida ter o primei
lugar o Infante D. Luis no seu Auto intitulad
D. Duardos; Obra, conforme o parecer d
intelligentes, cheia dos mais finos pensame
tos, apuradas Politicas, e maravilhosos affe

ıtu, grandeza de animo, affabilidade, e
ificencia. Foi filho, do senhor Rei D.
el, de feliz memoria, e de sua segunda
er a Rainha D. Maria, filha dos Reis Ca-
os D. Fernando, e D. Isabel: nasceo no
de 1506, e, depois de nos deixar nas
acções memorias dignas do seu nome,
o no de 1555 (*). Tambem neste genero

No Testamento com que falleceo, que vem no
lo tomo das Provas da Historia Genealogica da
leal a pag. 513, se póde ler a piedade deste
e. Veja-se tambem a este mesmo proposito o
II. da mesma Histor. Genealog. pag. 357, e seg.
ı e Sousa no tomo 2° da Europ. Portug. m.

merece destincta memoria Gil Vicente ..., pai (tambem do mesmo nome, e célebre pelas mesmas composições) vendo que era excedido pelo filho no engenho, como mostrou no Auto de *D. Luis de los Turcos* (*), e outras Obras; e que com mais razaõ poderia merecer, e lhe veriaõ a dar a antonomasia de Plauto Portuguez, tanto se indignou, (a que desatinos naõ conduz os homens a inveja!) que o fez desterrar para a India, onde, morrendo com sum-

(*) Naõ faltou quem entendesse, que este Auto de *D. Luis de los Turcos* fora Obra do mesmo Infante D. Luis, e naõ de Gil Vicente o Moço; e que elle o compuzera para nelle referir alguns dos successos, que lhe haviaõ acontecído na memoravel guerra de Africa, onde se achou, e onde o levára naõ só o seu natural valor, mas o gosto de acompanhar a seu Cunhado o Emperador Carlos V. Seja como for : o tal Aüto, conforme li em huma Memoria, principiava desta sorte:

Viver em mingoa, temendo
De morrer, he viver falto:
Morrer eu por bem taõ alto,

alor em hum combate, deo bem a conhe-
uanto naõ tinha menos maõ para a penna,
para a espada. Muitos outros se derão a
genero de composição, e escrevêrão Au-
m Verso, e no estilo Comico; assim co-
Antonio Pires Gonge, natural de Santa-
e Antonio Prestes, filho tambem da mesma
. De muitos delles, como tambem de al-
as Comedias, fez Antonio Lopes, Moço
Capella Real huma Colleçaõ, que foi im-

Fico taõ vivo morrendo,
Quanto no querer me exalto.
Arriscome n'hum proposito,
Que me sobe a tanto bem,
Que arriscar-me me convem:
Ponha-se a vida em deposito:
Perca-se pois causa tem, etc.

bem he sua huma Copla que corre impressa, e
era principio de outra Obra, a qual diz assim:

Muito vence o que se vence:
Muito diz quem naõ diz tudo:
Porque a hum discreto pertence
A *tempos fazer-se mudo.*

pressa em Lisboa por André Lobato, no anno de 1587, a qual hoje raras vezes se acha. Em tempos mais proximos a nós, e com a mesma delicadeza de engenho escrevêraõ igualmente Autos Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello, e outros: coroando (tambem nos nossos tempos) todos os que atéqui se compuzeraõ em prosa, o *Auto da Vida de Adam*, que com o nome de Felis Joseph da Soledade escreveo, e publicou em Lisboa no anno de 1727 o Eruditissimo Joseph da Cunha Brochado, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza.

Mais me dilatára nesta materia, e mais larga memoria fizera em particular de alguns Autos, ponderando ao mesmo tempo o bem merecido applauso, que conseguíraõ os que primeiro abríraõ caminho a este genero de escriptos, dos quaes muito apenas se acha já hoje hum, ou outro Exemplar, ou alguns fragmentos citados em outros livros; porém certamente o naõ soffre a brevidade de huma Advertancia. Por ora vou a cumprir com as

Comedias, mènos o Commento, da mesma sorte que as vi em Faria. Se acaso para o futuro, como espero, se me offerecer occasiaõ mais opportuna, com a mesma boa vontade, e com o mesmo gosto servirei mais amplamente aos meus Leitores.

ELREI SELEUCO,

COMEDIA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

INTERLOCUTORES

DO PROLOGO.

O Mordomo, ou Dono da Casa.
Martim Chinchorro.
Ambrosio, Escudeiro.
Lançarote, Moço.

INTERLOCUTORES

DA COMEDIA.

El Rei Seleuco.
A Rainha Estratonica.
O Principe Antiocho.
Leocadio, Pagem do Principe Antiocho.
Frolalta, Criada da Rainha Estratonica.
Hum Porteiro da Cana.
Huma Moça da Camara.
Hum Physico, ou Medico.
Sancho, Moço do Physico.
Alexandre da Fonseca, hum dos Musicos.

LREI SELEUCO,

COMEDIA.

PROLOGO.

Diz logo o **MORDOMO**, *ou* **DONO** *da casa.*

Senhores, o Auctor por me honrar nesta festi-
oite, me quiz representar huma Farça; e diz, que
naõ se encontrar com outras já feitas, buscou hũus
s fundamentos para a quem tiver hum juizo assi
oado, satisfazer. E diz, que quem se della naõ
ntar, querendo outros novos acontecimentos,
se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castan-
, ou de Alhos Vedros, e Barreiro, ou converse
ua Nova em casa do Boticario, e naõ lhe faltará
conte. Porém diz o Auctor, que usou nesta obra
aneira de Isopeta. Ora quanto á obra senaõ pa-
: bem a todos, o Auctor diz, que entende della
os que todos os que lha puderem emendar. To-
, isto he para praguentos, aos quaes diz, que res-
le com hum dito de hum Philosopho, que diz:
outros estudastes para praguajar, e eu para des-

prezar praguentos. E com tudo quero saber da l em que ponto vai. Moço Lançarote?

MOÇO.

Senhor.

MORDOMO.

Saõ já chegadas as figuras?

MOÇO.

Chegadas saõ ellas quasi ao fim de sua vida.

MORDOMO.

Como assi?

MOÇO.

Porque foi a gente tanta, que naõ ficou capa friza, nem talaõ de çapato, que naõ sahisse fóı couce. Ora vieram huns embuçadetes, e quizerar trar por força: ei-lo arrancamento na mão: d huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgáram l meia calça ao Ermitam; e agora diz o Anjo, qu ha de entrar, até lhe naõ darem hũa cabeça n nem o Ermitam até lhe naõ pôrem huma estopac calça. Este pantufo se perdeo alli: mande-o Domingo apregoar nos pulpitos, que naõ quero do alheo.

MORDOMO.

Se elle fora outra peça de mais valia, tu botái consciencia pela porta fóra, para o meteres em tua

MOÇO.

Oh se o elle fora, mais consciencia seria torn *a seu dono,* quem o havia mister para si.

MORDOMO.

Ora vem cá: vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe, que temos cá Auto com grande fogueira, que se venha sua mercê para cá, e que traga comsigo o Senhor Romaõ d'Alvarenga, para que sobre o Canto-chão botemos nósso contraponto de zombaria. Ouves, Lançarote? Ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidam de entrar por força.

Indo-se o MOÇO diz:

Chichisflo de Judèo; assi como foste pantufo, que te [illegible] ser huma bolsa com hum par de reales, que [illegible] bôos para Escudeiro hypocrita, que saõ muito, e valem pouco?

MORDOMO.

Moço, que estás fazendo que naõ vás?

MOÇO.

Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando, que se agora fora aquelle tempo, em que corriam as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga-me v. m. que farei deste?

MORDOMO.

O' fideputa bargante; esperai, que est'outro vo-lo dirá.

Faz que lhe atira com outro pantufo, vai-se o MOÇ
e diz o MORDOMO:

Naõ ha mais máo conselho, que ter hum villaõ d
tes mimoso porque logo passam o pé álém da mã
e zombam assi da gravidade de seu amo. Mas tornan
ao que importa vossas mercês he necessario, que
cheguem hũus para os outros, para darem lugar
outros Senhores que haõ de vir; que de outra n
neira, se todo o corro se ha de gastar em palanqu
será bom mandar fazer outro alvalade; e mais, q
me haõ de fazer mercê, que se haõ de desembuç
porque eu naõ sei quem me quer bem, nem quem
quer mal: este só desgosto tem hum Auto, que
como officio de Alcaide; ou haveis deixar entrar a
dos, ou vos haõ de ter por villaõ ruim.

Entra MARTIM CHINCHORRO, *fallando com o Es*
deiro AMBROSIO, *e diz:*

MARTIM.

Entre v. m.

AMBROSIO.

Dias ha, Senhor, que ando de quebras com co
zias, e por isso vou diante. Beijo as mãos a v. m
verdade he esta, passear em casa juncada, fogu
com castanhas, mesa posta com alcatifa, e car
álém disto Auto para esgaravatar os dentes, esta l
vida, de que se ha de fazer consciencia.

MORDOMO.

Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em uanto homem puder, porque os trabalhos sem os chaarem de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

MARTIM.

Ora pois, Senhor, o Auto dizem, que he tal? Porue hum Auto enfadonho traz mais somno comsigo ue huma prégaçaõ comprida.

MORDOMO.

Senhor, por bom mo vendêram, e eu o tomei á illa de sua boa fama, e se tal he, eu acho, que por itra parte naõ ha tal vida, como ouvir hum villaõ, ie arranca a falla da garganta, mais sem sabor, que ıma perapam, e huma donzella, que vem mais po-e de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa ie huma lamentaçaõ.

MARTIM.

Para estes taes he grande peça rapaz travesso com ólho de junco, porque naõ andem mais ao coscorõ, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si ıfadamento.

MOÇO.

O' lá Senhores; pedem as figuras alfinetes para tourem hum Escudeiro. Ora sus ha hi quem dê mais? ie ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas : ora sus ınham de mano em mano, ou de mana em mana.

MORDOMO.

Moço, falla bem ensinado.

MOÇO.

Senhor, naõ faz ao caso, que os erros por amores tem privilegio de Moedeiro.

AMBROSIO.

O' rapaz naõ me entendes? Pergunto-te se tardará muito por entrar.

MOÇO.

Parece-me, Senhor, que antes que amanheça começaráõ.

AMBROSIO.

Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. Donde es natural?

MOÇO.

Donde quer que me acho.

AMBROSIO.

Pergunto-te onde nasceste.

MOÇO.

Nas mãos das parteiras.

AMBROSIO.

Em que terra?

MOÇO.

Toda a terra he huma, e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquella hora, que naõ havia palmo de terra nella.

MARTIM.

Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho es? He para ver com que disparate *respondes.*

MOÇO.

ierdade, parece-me a mi, que eu son filho
a tio.

MARTIM.

De teu tio! E isso como?

MOÇO.

'sto Senhor he adivinhaçaõ, que vossas
entendem. Meu pai era Clerigo, e os Cle-
e chamam aos filhos sobrinhos, e daqui
ni ser filho de meu tio.

MARTIM.

igo que es gracioso. Senhor, donde hou-

MORDOMO.

veio ás mãos sem piós, nem nada; e eu
o tomei; e mais tem outra cousa, que
fala taõ bem como vós, ou como eu, ou
ado.

AMBROSIO.

anté disso nós havemos-lhe de ver fazer
sa, em quanto se vestem as figuras. Ainda-
ue he mais Auto, que vermos a este?

MORDOMO.

Moço: dize aquella trova, que fizeste á
inja, por amor de mi.

MOÇO.

si direi; mas aquella trova naõ he senaõ
a entender.

MARTIM.

Como! Taõ escura he ella?

MOÇO.

Senhor, assi a sei eu escrever, e a fiz na memori porque eu naõ sei escrever senaõ com carvaõ, e p rém diz assi :

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM.

Oh como he galante! Que descuido taõ gracios Mas vem cá : que culpa te tem teu avô nos desfavo que te tua dama dá?

MOÇO.

Pois, Senhor, se eu houve de pezar de alguen naõ pezarei eu antes dos meus parentes, que d alhéos?

MORDOMO.

Pois, ouçam vossas mercês a volta, que he ma chêa de gavetas, que trombeta de Serenissimo de Valla.

MOÇO.

A volta, Senhores, he mui funda; e parece-m Senhores, que nem de mergulho a entenderáõ; e p isso mandem assoar os engenhos, e metam mais hun sardinha ño entendimento, e póde ser que com es servilha lhe calçará melhor; e todavia palra assi:

Vossos olhos taõ daninhos,

AMBROSIO.

Tu fazes já melhores argumentos, que moç
estudo por dia de S. Nicoláo.

MARTIM.

Senhor, aquillo tudo he bom engenho : este
he natural para Logico.

MOÇO.

Que, Senhor? Natural para loja? Si, mas na
fria como vossas mercês.

MORDOMO.

Parece-me, Senhor, que entra a primeira fi
Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouç
este Representador, que vem mais amarlotado d
contros, que hum capuz roxo de Piloto, que sal
terra, e o tira da arca de cedro.

MARTIM.

Senhor, elle parece que aprende a Cirurgiaõ.

AMBROSIO.

Mais parece ourinol capado, que anda de ar
com a menina dos olhos verdes.

MORDOMO.

Em fim, parece figura de Auto em verdade.

Entra o REPRESENTADOR.

He Lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquillo que vem;
Porque eu cuido que zombo de alguem,
E cuido que zombo da mesma maneira:

ılquer parece que está mais dobrado, sem
:onhecer seu proprio engano, por grande
Ora, Senhores, a mim me esquece o dito
nto em claro, mas naõ sou de culpar, por-
a mais que tres dias que mo deram : mas em
lavras direi a vossas mercês a summa da
he toda de rir do cabo até á ponta. En-
› primeiramente quinze donzellas, que vaõ
casa de seus pais, e vaõ com cabazes apan-
ıa; e traz ellas vem logo oito mundanos,
n hum covaõ, cantando : *Quem os amores*
'intra; e despois de cantarem faraõ hũa
:spadas, cousa muito para ver : entra mais
n Sancho bailando os machatins, e entra
arina Real com hũus poucos de parvos
eira, e semeá-los-ha pela casa, de que nas-
› mantimento ao riso, e nisto fenecerá o
ı musica de chocalho, e businas, que Cu-
dar a huma alfeloeira a quem quer bem,
ɔ vossas mercês cada hum para suas pousa-
nsoaráõ cá comnosco disso que ahi houver.
: que nenhum diz que naõ. Ora pois ficareis
laboraverunt, porque atégora zombei de
ne forrar do erro da representaçaõ, como
digo-to, antes que mo digas.

AMBROSIO.

digo, Senhores, que se as figuras saõ todas
ıcertariam em errar os ditos; aindaque me

parece que este o naõ fez, senaõ a ser mais
Mas se assi he, ella he a melhor invençaõ qu
porque já agora representações, todas he da
praguentos, e saõ taõ certas, que he melhor e
que acertá-las.

MORDOMO.

Parece-me que entram as figuras de siso:
se saõ taõ galantes na prática, como nos vestic

Entra ElRei SELEUCO, *com a Rai* ESTRATONICA.

REI.

Senhora, desque a ventura
Me quiz dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa formosura,
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Naõ tem força, nem vigor,
Para em si sentir amor,
Senaõ he que estou mudado
Com ser vosso n'outra côr.
Muito grande dita tem
A mulher que he formosa.

RAINHA.

Senhor, grande; mas porém
Se a tal he virtuosa,

Quer-lhe a ventura mór bem.

REI.

Si, mas porém nunca vemos
A natureza esmerar,
Donde haja que taxar,
Que quando ella faz extremos,
Em tudo quer-se extremar.
Eu fallo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vejo presente,
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Huma só tristeza tenho,
Que naõ tem a meninice,
Que no mór contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

RAINHA.

Senhor, novidades tais
Far-me-haõ crer de verdade.

REI.

Novidades lhe chamais!
Fólgo, Senhora, que achais
Na velhice novidades.

RAINHA.

Senhor, dias ha que sento
Em o Principe Antiócho
Certo descontentamento

Dera alguma cousa a trôco
Por saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarello o rosto,
Ou de triste, ou de doente:
Ou elle anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto
Que o naõ deixa ser contente.
Mande, Senhor, vòssa Alteza
A chamá-lo por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.

REI.

Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
Que mal póde nelle haver?
Ide dizer a meu filho,
Que me venha logo ver.

RAINHA.

Se curar naõ se procura
Huma cousa destas tais,
Vem despois a crescer mais:
Quando naõ se acha já cura,
Toda a cura he por demais.

Entra o Principe ANTIOCHO, *com seu* [illegible]
nome LEOCADIO.

PRINCIPE.

Leocadio, se es avisado,

E naõ te falta saber,
Saber-me-has dar a entender,
Quem ama desesperado,
Que fim espera de haver?

PAGEM.

Senhor, naõ.
Mas porem porque razaõ
Lhe avem sabê-lo, ou de que?

PRINCIPE.

Pergunto-te a concluzaõ,
Naõ me perguntes porque.
Porque he minha pena tal,
E de taõ estranho ser,
Que me hei de deixar morrer;
E por naõ cuidar no mal
O naõ ouso de dizer.
Que maneira de tormento
Taõ estranho, e evidente,
Que nem cuidar se consente,
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente!

PAGEM.

Naõ entendo a Vossa Alteza.

PRINCIPE.

Assi importa á minha dor.

PAGEM.

E porque razaõ, Senhor?

PRINCIPE.

Para que seja a tristeza
Castigo do meu temor.
Porque ordena
O amor, que me condena,
Que se hajam de sentir:
E sem dizer nem ouvir.
Bemaventurada a pena
Que se póde descobrir.
Oh caso grande, e medonho!
Oh duro tormento fero!
Verdade he isto, que eu quero?
Naõ he verdade, mas sonho,
De que acordar naõ espero.
Quero-me chegar a ElRei
Meu pai, que já me está vendo.
Mas onde vou? Naõ m'entendo.
Com que olhos olharei
Hum pai, a quem tanto offendo?
Que novo modo de antolhos!
Porque neste atrevimento
Devêra meu sentimento,
Para elle naõ ter olhos,
Nem para ella pensamento.

Chega aonde está ELREI, *e diz* ELI

REI.

Filho, como andais assi,

Que tanto desgosto [illegible]
De vos ver como vos vi?

PRINCIPE.

Naõ sei eu tanto de mi,
Que possa saber o como.
Dias ha já, Senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser,
Que se nelle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.

REI.

Pois, filho, será razaõ
Que meus Physicos vos vejam.

PRINCIPE.

Os Physicos, Senhor, naõ,
Que os males que em mi estaõ,
Saõ curas que me sobejam.

RAINHA.

Deite-se, que na verdade
Hum corpo deitado, e manso,
Descansa á sua vontade.

PRINCIPE.

Senhora, esta enfermidade
Naõ se cura com descanso.

RAINHA.

Todavia, bom será
Que lhe façam huma cama,

PRINCIPE.

Hum coxim abastará,
Que assi naõ descansará
O repouso de quem ama.

REI.

Vamos, filho, para dentro,
Em quanto a cama se faz:
Repousai como capaz,
Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

Vaõ-se, e vem huma MOÇA *a fazer a cama, e*

MOÇA.

Mimos de grandes Senhores,
E suas extremidades,
Me haõ de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Entaõ logo lhes parecem
Aos outros, que saõ mamados;
E os que saõ mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo, e assi Deos me ajude,
Que saõ muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Naõ podem com a saude.
Mas deixallos,

Porque elles daraõ nos vallos,
Donde mais naõ se ergueráõ,
Inda que lhe dem a maõ
Os seus privados vassallos.

'ntra hum PORTEIRO *da Cana, e bate primeiro, e diz.*

PORTEIRO.

Traz, traz, traz.

MOÇA.

Jesu! Quem está ahi?

PORTEIRO.

Já vós, mana, ereis mamada,
Para vos levar furtada.
Nunca tal ensejo vi.
E vós estais descuidada!

MOÇA.

E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO.

Vossos descuidos, cadella?
Ah minh'alma! Sois taõ bella,
Que esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vella.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirai os antolhos,
E vereis meus tristes dannos.

MOÇA.

Naõ tenhais esses engannos.

PORTEIRO.

Nem vós tenhais esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.

MOÇA.

De meus olhos? Assim era.

PORTEIRO.

Moça, que taes olhos tem
Nenhũus olhos ver devêra.

MOÇA.

E porque?

PORTEIRO.

Porque cegais
A quantos olhos olhais,
Postoque por vós padecem.
Olhos, que tambem parecem,
Porque naõ os castigais?

MOÇA.

Deos dé siso, pois de vós
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO.

Desatai-me lá esses nós.
Que mais siso quero eu,
Que naõ ter siso por vós?

MOÇA.

Fallais d'arte: eu vos prometo

Que a resposta vem á velha.
Isso he olho de panella.
Quanto ha já que sois discreto?

PORTEIRO.

Quanto ha já que vós sois bella.

MOÇA.

Dais-me logo a entender
Que eu sou fea a meu ver.

PORTEIRO.

E isso porque o entendeis?

MOÇA.

Porque? Porque me dizeis,
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.

PORTEIRO.

He verdade.

MOÇA.

Pois bem sento,
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer naõ ser nada.

PORTEIRO.

Olhai aquelle argumento,
Além de bella, avisada.
Oh! Nem tanto, nem tam pouco.
Vede vós o que fallais.

MOÇA.

Cego no saber andais.

PORTEIRO.

No siso mas naõ taõ louco
Como vós, mana, cuidais.
Ora dizei, duna má,
Que naõ amais, quem vos ama?

MOÇA.

Ouvistes vós cantar já,
Velho malo, em minha cama?
Já me entendereis.

PORTEIRO.

Ha, ha.
Senhora, estais enganada,
Que com huma capa, e espada,
E com este capuz fóra.

MOÇA.

Ora bem, tirai-o ora,
E fazei huma levada.

PORTEIRO.

Naõ : se me eu hoje alvoróço
Achar-me-heis d'outra feiçaõ.

Aque tira o capuz, e diz.

PORTEIRO.

Tenho má disposiçaõ?
Estas obras saõ de moço,
Se as mostras de velho saõ.

MOÇA.

Tendes mui gentís meneos.

PORTEIRO.

Naõ, Senhora, faço extremos.

MOÇA.

Passeai ora, veremos
Se tendes taõ bõos passeos.

PORTEIRO.

Tudo, Senhora, faremos.

MOÇA.

Virai ora a essoutra maõ.

PORTEIRO.

Esta disposiçaõ vede-a,
Que tenho gentil feiçaõ.

MOÇA.

Tendes vós mui boa rédea.
Soffreis ancas?

PORTEIRO.

Isso naõ.

MOÇA.

Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes.
Fazei mais o que souberdes.

PORTEIRO.

Naõ sei cousa que naõ faça,
Senhora, por me quererdes.

MOÇA.

Tendes vós muito bom ar.

PORTEIRO.

Mais que isto faz quem quer bem.

MOÇA.

Ivos asinha, que vem
O Principe a se deitar.

PORTEIRO.

Nunca huma pessoa tem
Hum'hora para fallar.

Entra o PRINCIPE *com o seu Pagem* LEOC
e diz.

PRINCIPE.

Seja a morte apercebida,
Porque já o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Naõ tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois naõ se póde dizer,
Que naõ tem já que esperar,
Nem com que satisfazer.
Os Physicos vem, e vaõ,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharáõ,
E se o querem ver nas aguas,
As dos olhos lho diraõ.
Se com sangrias tambem
Procuram ver-me curado,

O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas véas todo coalhado.
Quero-me aqui encostar,
Que já o esprito me cai.
Leocadio, vai-me chamar
Os Musicos de meu Pai,
Folgarei de ouvir cantar.

'qui se deita, como que repousa, e falla dizendo assi.

PRINCIPE.

Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, Senhora, por ventura,
A força do meu destino,
Como vossa formosura?
Bem conheço que naõ posso
Ter taõ alto pensamento;
Mas disto só me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

Entram os MUSICOS, *e diz* ALEXANDRE DA FONSECA *hum delles.*

ALEXANDRE.

Senhor, de que se acha mal
O Principe, ou que mal sente?

PAGEM.

Senhor, sei que está doente,
Mas sua doença he tal,
Que entender se naõ consente.
Os Physicos vem, e vaõ,
Hũus e outros a meude
Sem o poderem dar saõ:
Quanto mais cura lhe daõ
Entaõ tem menos saude.
O Pai anda em sacrificios
Aos deoses, que lhe dem
A saude que convém;
Dizendo, que por seus vicios,
O mal a seu filho vem.
Eu suspeito que isto saõ
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coraçaõ.

ALEXANDRE.

Amores! Com quem seraõ,
Que lhe naõ dem de focinhos?

PORTEIRO.

Senhores, que lhe parece
Da doença de Antiôcho?

ALEXANDRE.

Diga lha quem lha conhece.

PAGEM.

Que toma morrer a trôco
De calar o que padece.

PORTEIRO.

Isso he estar emperrado
Na doença, que he peor.
Tem-no os Physicos curado?

ALEXANDRE.

Oh! Que de mal del amor,
No ha, Señor, sanador.

PORTEIRO.

Fallais como exprimentado,
Que eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere,
Y por mas tormiento quiere,
Que se sienta, y no se diga.

ALEXANDRE.

Pois, Senhor meu, isso asselle,
Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido que está nelle,
Dar-lhe-ha penas cruéis,
Pues no ay quien la consuele.

PORTEIRO.

Fólgo, porque me entendeis.

PAGEM.

Hemo-nos, Senhores, de ir,
Porque nos está esperando.

PORTEIRO.

Pois eu tambem hei de ir,
Que naõ me posso expedir
Donde vejo estar cantando.

PRINCIPE.

Cantai por amor de mi
Alguma cantiga triste,
Que todo meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.

PORTEIRO.

Mande-lhe cantar hum chiste.

ALEXANDRE.

Chiste naõ, que he deshonesto,
E naõ tem esses extremos.
Outro canto mais modesto:
Porém naõ sei que diremos.

PAGEM.

Gaõleaõ o dirá presto.

PORTEIRO.

Dá licença V. Alteza,
Que diga minha tençaõ?

PRINCIPE.

Dizei: seja em Canto-chaõ.

PORTEIRO.

Pois crede que he subtileza,
Que os Anjos a comeráõ.
Digaõ esta:
Enforquei minha esperança,
E o amor foi taõ madraço,
Que lhe cortou o baraço.

ALEXANDRE.

Naõ me parece essa boa.

PORTEIRO.

Haja eu perdaõ,
Porque naõ a entenderáõ.
Entender! Bofé que he boa.
Naõ lhe cahis na feiçaõ?

ALEXANDRE.

Dizei ora outra melhor,
Com que nos atarraqueis

PORTEIRO.

Ora esperai, e ouvireis.
Se a esta naõ dais louvor,
Quero que me degolleis.

CANTIGA.

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coraçaõ Mendes.

ALEXANDRE.

Essa parece mui taibo,
Porque mostra bom indicio.

PORTEIRO.

Vós cuidareis que eu que raivo.

ALEXANDRE.

Todavia tem máo saibo.
Ora mal lhe corre o officio.

PRINCIPE.

Tá, naõ vá mais *por* diante

A zombaria, que he má:
Cantai qualquer dellas já,
Que esse Porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

Aqui cantam, e em acabando diz o PAGEM.

PAGEM.

Parece que adormeceo.

PORTEIRO.

Pois será bom que nos vamos.

ALEXANDRE.

Senhor, quer que nos vejamos?

PORTEIRO.

Senhor vir-me-ha do Ceo.
Revela-me que o façamos.

Entra a RAINHA *com huma sua Criada por nom* FROLALTA, *e diz a* RAINHA.

RAINHA.

Frolalta, como ficava
Antiôcho em te tu vindo?

FROLALTA.

Ficava-se despedindo
Da vida que entaõ levava,
E assi seus dias cumprindo.

RAINHA.

Oh grave caso de amor!

Desditosa vida chara!
Oh quem nunca cá viera,
E com seu Pai naõ casára,
Ou em casando morrêra!.

FROLALTA.

Aindaque eu pesa saõ,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleiçaõ
O que lhe pede o desejo
Naõ consente o coraçaõ.

RAINHA.

Frolalta, pois que es discreta
Nada te posso encobrir;
Porque se queres sentir,
A huma mulher discreta
Tudo se ha de descobrir.
O dia que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos com que me via.
Este princípio soffri-lho,
Para ver se se mudava;
Antes mais se accrescentava:
Eu amava-o como filho,
E elle d'outra arte me amava.
Agora vejo-o no fim,
Por se me naõ declarar:

jue já a isso vim,
rte que o levar,
ve tambem amim.
ie já que minha sorte
õ crúa, e desabrida,
ne naõ quer dar sahida,
os juntos na morte,
naõ somos na vida.
iem me mandou casar
ver tal crueldade!
iem venda a liberdade,
aõ póde resgatar
naõ tem a vontade.
aõ ha mór desvario,
forçado casamento
cançar alto assento;
em fim, todo o senhorio
io contentamento.
ei se o vá ver agora,
i tempo conforme,
imos a deshora.

FROLALTA.

is iremos, Senhora,
jora dizem que dorme.

Entra o PHYSICO *a tomar-lhe o pulso, do-o diz.*

PHYSICO.

Su madrasta oyó nombrar,
Y el pulso se le alterò:
Esto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El coraçon le obligó.
Pues el coraçon se altere,
Y porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De afficion terrible le hiere,
Que causa tal movimiento.
Pues que afficion cabe assi,
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones ay aqui:
La una dize, que si,
La otra dize, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad,
Y hazer una habilidad,
Que declare es agua, ò vino,
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa effetual

De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon;
Mas aun deve de dormir
Segun que es dormilon.
Sancho?

SANCHO.

A Señor, à Señor.

PHYSICO.

Ea, aun estás dormiendo?

SANCHO.

Estoyme, Señor, vestiendo.

PHYSICO.

Pues vellaco, y sin sabor,
No me respondes dormiendo?
Vestios presto, ladron.
Oh que moço, y que ventura!

SANCHO.

Mas que amo y cararon.
Embieme el ropon,
Que no allo mi vestidura.

PHYSICO.

Que embie el ropon acá?
Parece, que os desmandais.

SANCHO.

Que vaya, Señor, ha, ha.
Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em huma ma
PHYSICO.

PHYSICO.

Di como vienes assi
Con la manta, y para que?

SANCHO.

Yo, Señor, se lo dirè:
Por venir presto vesti
Lo que mas presto me allè:
Porque viendo que el me llama,
Dormiendo yo sin afan,
Saltè presto de la cama,
Que parezco un gavilan,
Hermoso como una dama.

PHYSICO.

Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta ficion.

SANCHO.

De mi vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.

PHYSICO.

Embiôme ElRey a llamar
Otra vez.

SANCHO.

Y a mi?

PHYSICO.

Y a ti!

SANCHO.

Y el que presta allà sin mi?

PHYSICO.

Que puedes tu aprovechar?

SANCHO.

Yo se lo dirè de aqui.
Si por la ventura quiere
Para que le dê consejo
Quando doliente estuviere;
Digo, coma, si pudiere,
Y beba buen vino anejo,
Porque este es el licor
Que dá fuerça, y es sabroso,
Que segun dizen, Señor,
Vinum lætificat cor
Hominis, y le es provechoso.

PHYSICO.

Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.

SANCHO.

Pues, Señor, porque es divina.
Però ElRey que le quiere,
Que manda, ò que determina?

PHYSICO.

El Principe está doliente.

SANCHO.

O' mesquino! Y que mal ha?

PHYSICO.

Y a ti, necio, que te và?

SANCHO.

O' Señor, que es mi pariente.

PHYSICO.

Gracioso el bovo està.
Y pues dime por tu fé:
Llorarás si se muriere?

SANCHO.

No llorarè;
Emperò, Señor, harè
La peor cara que pudiere.

PHYSICO.

Ea bovo, vè corriendo,
Y ensilla la mula ayna.

SANCHO.

Vengala ensillar mejor.

PHYSICO.

O' Bellaco, y sin sabor.

SANCHO.

Yo por cierto no lo entiendo.
Pero una medecina
Le he de pedir, Dios queriendo,
Porque ando atribulado,
Y no sè parte de mi
Con este nuevo cuidado,

Para un sayo esfarrapado,
Que me dizen ay alli.

PHYSICO.

Ora ensilla, y nunqua biva,
Pues sufro tus desatinos.

SANCHO.

Señor, passion no reciva,
Ya cavalga Calainos
A la sombra de una oliva.

Aqui sahe bolindo com a almofaça, e acorda o PRINCIPE, *e diz.*

PRINCIPE.

Oh bella vista, e humana,
Por quem tanto mal sostenho!
Oh Princeza soberana,
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana!
Pois como, sonho, tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assi mais me enganar?
Assi que, com quanto canso
Já naõ posso achar atalho,
Pois que o somno quieto, e manso,
Que os outros tem por descanso

Me vem a mi por trabalho.
Pois ha hi tantos enganos
Que condemnam minha sorte;
Naõ o tenho já por forte,
Se á volta de tantos danos,
Viesse tambem a morte.

Aqui entra ELREI *com o* PHYSICO, *e diz* ELR[EI].

REI.

Andai, e vede se achais,
O rasto deste segredo,
Que me dizem que alcançais;
Ainda que tenho medo
Que lhe seja por demais.

PHYSICO.

Plega a Dios que aqueste sea,
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea.
Yo buscarè todo el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o PHYSICO *o pulso, e diz.*

PHYSICO.

Afloxen, Señor, sus ais.
Como se alla en su penar?

PRINCIPE.

Como me acho perguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?

PHYSICO.

La respuesta abre el camino.
Imagina de contino?

PRINCIPE.

Naõ tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senaõ o em que mi imagino.

Aqui entra a RAINHA, *e diz.*

RAINHA.

Como se sente, Senhor?
Tem a febre mais pequena?

PRINCIPE.

Responda-lhe minha pena.

PHYSICO.

Conocido es su dolor.
Ora sea en hora buena,
Tomada está la tristeza
A las manos. Que sentiò?
Usarè de subtileza.

Diz contra ELREI.

Cumpleme que solo yo

Platique con Vuestra Alteza.

REI.

Cheguemos-nos para cá.

RAINHA.

Naõ deve desesperar,
Que em fim se bem attentar
Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.

PRINCIPE.

Que cura poderá ter
Quem tem a cura, Senhora,
Nó impossivel haver?

RAINHA.

Ficai-vos, Senhor, embora,
Que vos naõ sei responder.

Vai-se a RAINHA, *e diz* ELREI.

REI.

Neste mal, que naõ comprendo,
Que meio dais de conselho?

PHYSICO.

Señor, nada entiendo dello;
Y supuesto que lo entiendo,
Yo quisiera no entendello.

REI.

Porque?

PHYSICO.

Porque he entendido
Lo más malo de entender,
Para lo que puede ser,
Porque anda, Señor, perdido
De amores por mi muger.

REI.

Santo Deos, que tal amor
Lhe dá doença taõ fera!
Que remedio achais melhor?

PHYSICO.

Forçado serà que muera,
Porque no muera mi honor.

REI.

Pois como a hum só herdeiro
Deste Reino naõ dareis
Vossa mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este naõ o engeiteis,
Dai-lha, porque eu espero
De vos dar dinheiro, e honra,
Quanto eu para elle quero.

PHYSICO.

No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

REI.

Ora bem pouco defeito

(He pequice conhecida)
Quando deixa de ser feito,
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveito.

PHYSICO.

Quan facilmente aporfia
Quien en tal nunqua se viò!
Del consejo que me diò,
Vuestra Alteza que haria
Si agora fuesse yo?

REI.

A mulher que eu tivesse
Dar-lha-hia. Oxalá
Que elle a Rainha quizesse!

PHYSICO.

Pues dèlla si le parece,
Que por ella muerto está.

REI.

Que me dizeis?

PHYSICO.

La verdad.

REI.

Sem dúvida, tal sentistes?

PHYSICO.

Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, aora tomad
Los consejos que me distes.

REI.

Certamente, que eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como o vistes? Porque via?

PHYSICO.

Nel pulso, que se alterava
Si la via, ò si la oia.

REI.

Que maneira ha de haver?
Que eu certo me maravilho.
Possa mais o amor do filho,
Do que póde o da mulher.
Finalmente hei-lha de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir levantar,
E iremos para dentro
Neste caso praticar.

Diz contra o PRINCIPE.

Levantai-vos, filho, d'hi
O melhor que vós puderdes,
E vinde-vos para aqui,
Porque, em fim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.

PAGEM.

Ha Senhores, oulá, ou?

PORTEIRO.

Viestes em conjunçaõ
A melhor que póde ser:
Haveis aqui de fazer
A tosquia a hum rifaõ.

PAGEM.

Deixai-me, Senhor, dizer:
Haveis isto de acabar;
Coraçaõ hi bugiar,
No esteis preso en cadenas,
Que pois o amor vos deo penas,
Que vos lanceis a voar.

PORTEIRO.

Por certo que bem comprou.

PAGEM.

Ora sabeis o que vai,
Antiocho, que casou
Com a mulher de seu Pai,
E o mesmo Pai o ordenou.

PORTEIRO.

Isso como?

PAGEM.

Naõ o sei;
Porque dizem que a amava,
E que só por ella andava
Para morrer, e ElRei
Deo-a a quem a desejava.

PORTEIRO.

Se o casa por querer bem
Com a moça, a quem elle ama,
Direi eu que a mim me inflama
O amor mais que a ninguem.

PAGEM.

Pois pedi-lhe a nossa dama.

PORTEIRO.

Por Saõ Gil, que ei-los cá vem,
Elle pela mão com ella.

Entra ELREI, *e* ANTIOCHO *com a* RAINHA *pela mão, e diz* ELREI.

REI.

Que ha mais que esperar?
Olhai que estranheza vai:
O muito amor ordenar,
Ir-se o filho namorar
De huma mulher de seu Pai.
Querer bem foi sua dor,
Negar-lha será crueldade;
Assi que, já foi bondade
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro

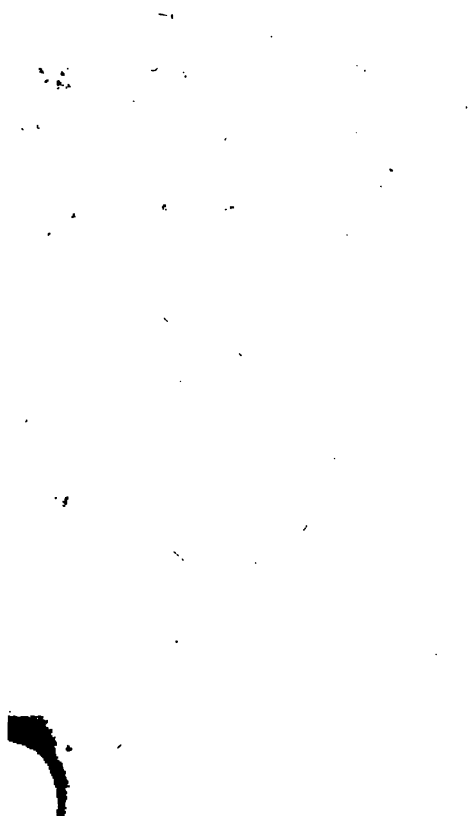
Por se com elle casar,
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.
Em que nella tinha posto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais que ella ha deixado,
Que mais se deixa no gosto,
Que no poderoso estado.
Mas já que tudo isto vemos,
Hajam festas de prazer,
As que melhor possam ser,
Porque em taõ grandes extremos,
Extremos se haõ de fazer.
Hajam cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo,
Porque se quereis sentir
Deste modo entrou o mundo,
E assi ha de sahir.

Aqui vem os MUSICOS, *e cantam, e dep tarem, sahem-se todas as figuras, e di:* CHINCHORRO.

Ora, Senhor, tomemos tambem nosso] vamos festejar os noivos, ou vamos con: figuras, porque me parece que esta he que póde ser. Mas espere v. m., ouvirem na volta das figuras nos acolheremos. Mo

sse mólho de cavacos, porque faz escuro, naõ vamos
ar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o
uço, e as canastras.

Estacio da FONSECA.

Naõ, Senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com
um par de tições na mão, e perdoem o máo gasal-
ado, mas daqui em diante sirvam-se desta pousada,
naõ tenham isto por palavras, porque essas, e plu-
nas, o vento as leva.

OS AMPHITRIÕES,

COMEDIA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

INTERLOCUTORES

DA COMEDIA.

AMPHITRIAÕ.
ALCMENA, sua mulher.
CALLISTO.
FELISEO.
SOSEA, moço de Amphitriaõ.
BROMIA, sua criada.
BELFERRAÕ, Patraõ
AURELIO, Primo de Alcmena.
HUM MOÇO DE AURELIO.
JUPITER.
MERCURIO.

OS AMPHITRIÕES,

COMEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Entra ALCMENA, *saudosa do marido, que he na guerro, e diz.*

ALCMENA.

Ha Senhor Amphitriaõ,
Onde está todo meu bem,
Pois meus olhos vos naõ vem.
Fallarei co' o coraçaõ,
Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes duas vontades,
Qual corre mores perigos,
Qual soffre mais crueldades,
Se vós entre os inimigos,
Se eu entre as saudades?
Que a ventura, que vos traz

Taõ longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou á guerra,
Naõ me quiz leixar em paz.
Bromia, quem com vida ter,
¿Da vida já desespera,
Que lhe poderás dizer?

BROMIA.

Que nunca se vio prazer,
Senaõ quando naõ se espera.
E por tanto naõ devia
De ter triste a phantasia;
Porque vossa mercê crea,
Que o prazer sempre saltea
Quem delle mais desconfia.
Eu tenho no coraçaõ,
Do Senhor Amphitriaõ
Venha hoje alguma nova:
Naõ receba alteraçaõ,
Que a verdadeira affeiçaõ
Na longa ausencia se prova.

ALCMENA.

Dizei logo a Feliseo,
Que chegue muito apressado
Ao caes, e busque meo
De saber se algum recado
Do porto Persico veo:
E mais lhe haveis de dizer,

Isto vos dou por officio,
D'alguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos Deoses o sacrificio. *Vai-se Alcm.*

SCENA II.

BROMIA.

Saudades de minha ama,
Chorinhos, e devoções,
Sacrificios, e orações,
Me haõ de lançar n'hũa cama,
Certamente.
Nós mulheres de semente
Somos sedenho mui tosco:
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
Que os Deoses vivam comnosco.
Quero Felisco chamar,
E dizer-lhe aonde ha de ir;
Mas elle como me vir,
Logo ha de querer rinchar,
De travesso.
Eu que de zombar naõ cesso,
Por ficar com elle em salvo,
Lanço-lhe hum, e outro remesso,
Aos seus furto-lhe o alvo,

E entaõ elle fica avesso.
Porque o melhor destas danças,
Com hũus vendisos assi,
He trazê-los por aqui
O cheiro das esperanças
Por viver.
Ha-os homem de trazer
Nos amores assi mornos,
Só para ter que fazer,
E despois ao remetter
Lançar-lhe a capa nos cornos.
Feliseo, se estais á maõ,
Chegai cá, vem como hum gamo:
Bem sei que naõ chamo em vaõ.

SCENA III.

Entra FELISEO.

FELISEO.

Chamais-me? Tambem vos chamo;
Porém eu ouço, e vós naõ:
Senhora, que me matais,
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis, e vos callais,
Dizei porque me chamais
Se me vós a mim fugis?

BROMIA.

Eu vos fujo?

FELISEO.

Fugis digo
De dar a meus males cabo.

BROMIA.

Sabei que desse perigo
Naõ fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.

FELISEO.

Dai ao démo essa tençaõ,
Usai antes de cortês,
Cahi vós nesta razaõ.

BROMIA.

Do perigo fogem os pés,
Do diabo o coraçaõ.

FELISEO.

Dizeis-me, que nessa briga
Do meu coraçaõ fugis.

BROMIA.

Ainda qu'eu isso diga...

FELISEO.

Ah minha doce inimiga!
Bem sinto, que me sentis.
Mas para que me chamais?

BROMIA.

Manda-vos minha Senhora

Que chegueis daqui ao cais,
E algũas novas saibais
D'Amphitriaõ nesta hora.

FELISEO.

Quem as naõ sabe de si,
D'outrem como as saberá?

BROMIA.

Naõ as sabeis vós de mi.

FELISEO.

Má trama venha por ti,
Duna feiticeira má.
Porque naõ me olhas direito,
Cadella, que assi me cortas?

BROMIA.

Porque vos quero dar portas,
Que s'eu olhar d'outro geito
Trarei cem mil vidas mortas.

FELISEO.

E pois para que me andais
Enganando ha cem mil annos?

BROMIA.

Dou-vos vida com engannos.

FELISEO.

Nesses enganinhos tais
Acho cruéis desengannos.

BROMIA.

Quant'esses vos quero eu dar.
Vós cuidais que estais na sella?

Pois podeis-vos descer della,
Qu'eu nunca vos pude olhar.

FELISEO.

Jogais comigo á panella?
Tendes-me ha tanto captivo,
E desenganais-me agora?
Tudo isto he o que privo.
Assi, que he isso, Senhora,
Dochelo morto, dochelo vivo.
Se me vós desenganais
No cabo de tantos annos,
Direi, se licença dais,
Dais-me vida com engannos,
Desenganos já chegais.
Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,
Desterro de meu viver,
Que vos custava dizer
Amor, vai buscar tua vida?

BROMIA.

Zombais? Fallais-me coprinhas?

FELISEO.

Rir-vos-heis se vem á maõ:
Copras naõ, mas isto saõ
Ansias y passiones minhas
Dos bofes, e coraçaõ.

BROMIA.

-vos fazendo d'hũus sengos.....

FELISEO.

Perdoneme Dios si peco.

BROMIA.

Nesses dentinhos framengos
Conheço que sois hum peco
De todos quatro avoengos.

FELISEO.

Tudo vos levo em capelo,
Já qu'estais tanto em agraço;
Porém fallando singelo,
A furto desse máo zelo,
Quereis-me dar hum abraço?

BROMIA.

Ora digo que naõ posso
Usar comvosco de fero:
Tomai-o.

FELISEO.

Já o naõ quero,
Porque esse abraço vosso,
Sabei que he engano mero.

BROMIA.

O' ... vós sois d'hũus sensabores,
Abraço pedis assim?
S'eu remango d'hum chapim?

FELISEO.

Tudo isso saõ favores.
Zombai, vingai-vos de mim.

BROMIA.

Vós de furioso touro
As garrochas naõ sentis.

FELISEO.

Vedes, com isso só mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitijs.

BROMIA.

Em fim, sanha de villaõ
Vos fez perder hum bom dia.

FELISEO.

Já agora o eu tomaria.
Quereis-mo dar?

BROMIA.

Ora naõ.
Cocei-vos eu todavia?

FELISEO.

Pois, Senhora, a quem vos ama,
Sois taõ desarrazoada?
Quero tomar outra dama,
Que naõ digam os d'Alfama,
Que naõ tenho namorada.

BROMIA.

Deixai-me.

FELISEO.

Vós me deixais.

BROMIA.

Deixai-me.

FELISEO.

Zombais de mi?

BROMIA.

Deixai-me, pois me engeitais.
Eu me ausentarei daqui,
Onde me mais naõ vejais.

FELISEO.

Boa está a zombaria.

BROMIA.

Naõ saõ essas minhas manhas.

FELISEO.

Porém is-vos todavia?

BROMIA.

Voyme a las tierras estrañas
Adò ventura me guia. *Vai-se Brom.*

SCENA IV.

FELISEO *só.*

FELISEO.

Phantasias de donzellas,
Naõ ha quem como eu as quebre,
Porque certo cuidam ellas,
Que com palavrinhas bellas
Nos vendem gato por lebre.
Esta tem lá para si
Qu'eu sou por ella finado;

E crê que zomba de mi;
E eu digo-lhe que si,
Sou por ella esperdiçado.
Preza-se de humas seguras,
E eu naõ quero mais Frandes,
Dou-lhe tréla ás travessuras,
Porque destas cossaduras
Se fazem as chagas grandes.
Qu'estas, que andam sempre á vella,
Estas vos digo eu que cosso,
Porque de firmes na sellá,
Crem que falsam a costella,
E ficam pelo pescosso.
Que quando estas damas tais
Me cacham entaõ recacho,
Mas disto agora nó mais,
Quero-me ir daqui ao cais
Ver se algumas novas acho. *Vai-se.*

SCENA V.

Entra JUPITER, *e* MERCURIO, *e diz* JUPITER.

JUPITER.

Oh grande, e alto destino,
Oh potencia taõ profana,
Que a sétta d'hum menino
Faça que meu ser divino

Se perca por cousa humana!
Que me aproveitam os Ceos,
Onde minha essencia mora
Com tanto poder, se agora,
A quem me adora por deos,
Sirvo eu como a Senhora?
Oh que estranha affeiçaõ!
Quem em baixa cousa vai pôr
A vontade, e o coraçaõ,
Sabe taõ pouco d'amor,
Quaõ pouco amor de razaõ.
Mas que remedio hei de ter
Contra mulher taõ terribil,
Que se naõ póde vencer?

MERCURIO.

Alto Senhor, teu poder
O difficil faz possibil.

JUPITER.

Tu naõ vês qu'esta mulher
Se préza de virtuosa?

MERCURIO.

Senhor, tudo póde ser,
Que para quem muito quer,
Sempre a affeiçaõ he manhosa.
Seu marido está ausente
Na guerra longe daqui;
Tu, que es Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti,

Que o farás mui facilmente.
E eu me transformarei
Na de Sosea, criado seu,
E ao arraial me irei,
Onde logo saberei
Como se a batalha deu.
E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido,
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar,
Quanto eu lá tiver sabido.

JUPITER.

Quem arde em tamanho fogo
Tira-lhe a virtude a côr
De subtil, e sabedor;
E quem fóra está do jogo
Enxerga o lanço melhor.
Mas tu, que dos sabedores
Tanto avante sempre estás,
Se deos es dos mercadores,
Sê-lo-has dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponha-se logo em effeito,
Que naõ soffre dilaçaõ,
Quem o fogo tem no peito;
E tu vai logo direito
Aonde anda Amphitriaõ. *Vaõ-se.*

SCENA VI.

Entra FELISEO, *e* CALLISTO, *e diz* FEI

FELISEO.

A dò bueno por aqui,
Taõ longe do acostumado?

CALLISTO.

Mais longe vou eu de mi,
D'ir perto de meu cuidado.

FELISEO.

No andar vos conheci.

CALLISTO.

E vós onde vos lançais,
Com vossa contemplaçaõ?

FELISEO.

Eu chego daqui ao cais
A saber de Amphitriaõ:
Naõ sei se vou por demais.

CALLISTO.

Porque, por demais dizeis?

FELISEO.

Porque nada alli ha certo.

CALLISTO.

Novas lá naõ as busqueis,
Que aqui as tendes mais perto.

FELISEO.

Pois dai-mas já, se as sabeis.

CALLISTO.

Hum navio he já chegado,
A' barra, que vem de lá,
Traz de Amphitriaõ recado,
Diz, que o deixa embarcado,
Para se vir para cá.
Tem vencido aquelle Rei,
E diz, segundo lhe ouvi,
Que esta noite será aqui.

FELISEO.

Essas novas levarei.
A Alcmena, que torne em si;
Porque ella tem maior guerra,
Co' os temores de perdello,
Que elle co' o Rei dessa terra.

CALLISTO.

Onde amor lançar o sello,
Nenhuma cousa o desterra.
Porque inda que o pensamento
Vos fique, Senhor, em calma,
Por morte, ou apartamento,
Sempre vos lá ficam n'alma
As pégadas do tormento.

FELISEO.

Isso he hum segredo mero,
A que o amor nos obriga:

Por isso em caso taõ fero,
Senhor, nunca ninguem diga,
Já lho quiz, e naõ lho quero.
Eu quiz bem a huma mulher,
Que vós conhecestes bem,
E com muito lhe querer,
Casou-se.

CALLISTO.

Oh! E com quem?
Que ainda o naõ posso crer.

FELISEO.

Com hum Mercador, que veio
Agora do Egypto rico.

CALLISTO.

Isso traz agua no bico.
Esse homem he parvo, ou feio?

FELISEO.

Pois vedes? Disso me pico.
E em pago desta traîçaõ,
Afóra outros mil descontos,
Que traz comsigo a affeiçaõ,
Sempre os signaes destes pontos
Trarei no meu coraçaõ.

CALLISTO.

Vistè-la mais?

FELISEO.

Senhor vi,
Na janellinha da grade;

Passei, e disse-lhe assi:
Casada sem piedade,
Porque naõ a haveis de mi?

CALLISTO.

Que vos disse?

FELISEO.

Lá no centro
Lhe enxerguei pouca alegria,
E como quem lhe doia,
Metendo-se para dentro
Disse, já passo *solia.*

CALLISTO.

Ah má sem conhecimento!
Quem lhe désse mil chofradas!

FELISEO.

Senhor, como saõ casadas,
Casam-se co' o esquecimento
Das cousas que saõ passadas.

CALLISTO.

Lembranças de vos deixar
Picar-vos-haõ como *tójos.*

FELISEO.

Senhor, haveis d'assentar,
Que onde amor vos quer matar,
Siempre allà miran los ojos.
Hum motete lhe mandei,
Hum dia estando com febre,
Só da paixaõ que tomei.

CALLISTO.

Pois vejamos, quem tem lebre.

FELISEO.

Senhor eu vo-lo direi.

Mote.

Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, eu penado;
Vós casada, eu cansado,
Polos santos de minha dona.

CALLISTO.

Senhor, vós só o fizestes?

FELISEO.

Si, que ninguem me ajudou.

CALLISTO.

Se vós só o compozestes,
Crede, que extremos dissestes.
Nunca Orlando tal fallou.
Senhor, fizestes-lhe pé?

FELISEO.

Senhor, si, e todo hum anno.
Vós zombais senaõ m'enganno?

CALLISTO.

Naõ, mas dou-vos minha fé
Que nunca vi taõ bom panno.

FELISEO.

Ora olhe vossa mercê..

Volta.

Olhai em quaõ fundos váos
Por vossa causa me affógo,
Que outro me ganha no jogo,
E eu triste pago os páos.
Olhos travessos, e máos,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.

CALLISTO.

Naõ mais, qu'isso me degola.

FELISEO.

Senhor, eu haja perdaõ.

CALLISTO.

Fizestes este rifaõ
Em algum jogo de bola,
E foi-lhe elle ter á maõ?

FELISEO.

Digo-vos que o vio, e lho leo
Hum moçozinho d'escola.

CALLISTO.

Está isso assi do Ceo.
Sabe ella jogar a bola?

FELISEO.

Naõ.

CALLISTO.

Pois naõ vos entendeo.

Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.
Onde mora o bom saber,
Logo dá signal de si.
Onde casada pozestes,
Dizei, porque naõ dissestes
La, que yo vi por mi mal.

FELISEO.

Renunciava o metal,
Que em rifõeszinhos como estes,
Ha-se-de pôr tal com tal.
Que a trova trigo tremez
Ha de ser toda d'hum pano;
Que parece muito Ingrez
N'hum pelote Portuguez,
Todo hum quarto Castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tençaõ,
Clara, leve, bonitinha,
De feiçaõ, que esta trovinha,
He trovinha de feiçaõ.
Como n'hum dia me visse
Morto, e a mão na candêa,
E ella me naõ acodisse,
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito he

Andar eu hum dia só,
E para que houvesse dó
De mi, e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.

CALLISTO.

Andastes, Senhor, mui bem.

FELISEO.

Ora, Senhor, attentai,
E vede o saibo que tem,
Se he para a ver alguem.

CALLISTO.

Ora dizei.

FELISEO.

Ei-la vai.

Trova.

Coraçaõ de carne crua,
Vê-lo teu amor aqui,
Que esmorecido por ti
Jaz no meio desta rua?

CALLISTO.

Na rua, Senhor, jazia?
E era em tempo de lama?

FELISEO.

Senhor, quem falla a quem ama
De si mesmo se naõ fia.
Haveis de mentir á dama.

CALLISTO.

Volta disso?

FELISEO.

Singular,
Senaõ que he muito sentida:
Far-vos-ha, Senhor, chorar.

CALLISTO.

Oh! Diga, por sua vida.

FELISEO.

Farei o que me mandar.

Volta.

Porque naõ has delle mágoa,
O' dura mais que ninguem,
Que anda o triste, que naõ tem
Quem lhe dê huma vez d'agoa.
Naõ lhe negues teu querer,
Pois te naõ custa dinheiro;
Que, em fim, por derradeiro
A terra te ha de comer.

CALLISTO.

Tal trova nunca se vio.
Agorentaste-la já?

FELISEO.

Senhor naõ, ainda está
Como a sua mãi pario,
E naõ está muito má.

CALLISTO.

He trova, que tem por seis,
Naõ a posso mais gabar;
Mas, pois, tal cousa fazeis,
Senhor, naõ me ensinareis
Donde vem taõ bem trovar?

FELISEO.

Naõ he a cousa taõ pequena
Como, Senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas, porém, vou dar a Alcmena,
Estas novas que me déstes.
Depois, Senhor, nos veremos;
Ficai roendo esse osso.

CALLISTO.

O roer, Senhor, he vosso.

FELISEO.

Pois eu, por mais que zombemos
Hei de ser vosso, e revosso.

CALLISTO.

O' ... Escusai-vos d'extremos,
Que isso, Senhor, me atarraca;
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca. *Vaõ-se.*

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Entraõ JUPITER *e* MERCURIO *transform.* JUPITER *na fórma de* AMPHITR. MERCURIO *na de* SOSEA *escravo,* JUPITER.

JUPITER.

Mercurio, pois sou mudado,
Nesta fórma natural,
Olha, e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Apparente co' o real.

MERCURIO.

Quem taõ proprio se transfórma,
Tenho por opiniaõ,
Que na tal transformaçaõ,
Lhe prestou natura a fórma,
Com que fez Amphitriaõ.

JUPITER.

Pois tu no gésto, e na côr,
Estás Sosea escravo seu.

MERCURIO.

Muito mais farás, Senhor.

JUPITER.

Naõ o faz senaõ o amor,
Que nisto póde mais qu'eu.

MERCURIO.

Já, Senhor, te fiz mençaõ,
Como deo Amphitriaõ
A ElRei Terela a morte,
Que na guerra igual a sorte
Póde mais que o coraçaõ.
E despois de ser tomada
Toda a Cidade, com gloria
D'Amphitriaõ bem ganhada,
Como em signal de victoria,
Esta copa lhe foi dada.
Por ella bebia ElRei,
Em quanto a vida queria;
E eu porque te cumpria,
A seu escravo a furtei,
Que n'huma caixa a trazia.
Esta poderás levar
A Alcmena, por lhe mostrar
Verdadeiro, o que he fingido;
E desta arte serás crido,
Sem mais outro ardil buscar.

JUPITER.

Pois tudo tẽes ordenado

Por taõ nova, e subtil arte,
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Phebo de minha parte.
Que faça mais devagar
Seu curso neste Hemispherio,
Que o que soe acostumar;
Que esta noite hei de ordenar
Hum caso de alto mysterio.
E á Esphera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja;
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria he sobeja.
E terás tamanho tento,
Que como isto se ordenar,
Venhas aqui vigiar,
Porque meu contentamento
Ninguem mo possa estorvar.

MERCURIO.

Seja feito sem debate
Tudo como te convém.

JUPITER.

Pois naõ parece ninguem,
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

Bate MERCURIO *á porta.*

MERCURIO.
O' de la casa, en buena hora,
Darmean de cenar aqui?
BROMIA (*dentro.*)
Sosea parece que ouvi,
Alviçaras, minha Senhora,
Que na falla o conheci.

SCENA II.

Entra ALCMENA, *e* BROMIA.

ALCMENA.
Zombais, Bromia, por ventura?
BROMIA.
Senhora, naõ zombo, naõ.
ALCMENA.
Vejo eu Amphitriaõ,
Ou a vista me affigura
O qu'está no coraçaõ?
JUPITER.
Olhos, diante dos quais
Dezejei mais este dia,
Que nenhuma outra alegria;
Senhora, nunca creais

Que lhe minta a phantàsia.

ALCMENA.

Oh presença mais querida
Que quantas formou amor!
Isto he verdade, Senhor?
Acabe-se aqui a vida,
Por naõ ver prazer maior.

JUPITER.

Pois esta hora de vos ver,
Alcançar, Senhora, pude,
Para mais contente ser,
Conformem co' este prazer
Novas de vossa saude.

ALCMENA.

Vida foi pezada, e crua,
A saude qu'eu sostinha,
Que em quanto, Senhor, a tinha,
Temer perigo na sua,
Me fez descuidar da minha.

MERCURIO:

Y pues, mi Señora Alcmena,
Pese al demonio malvado,
No dirà a un su criado,
Vengaes Sosea norabuena?

ALCMENA.

Sejais, Sosea, bem chegado.

BROMIA.

Bem mal cri eu, que pudesse

Ver-te, Sosea, hoje aqui.

MERCURIO.

Pues tambien yo no crei,
Que en mi vida te viesse,
Segun las muertes que vi.

ALCMENA.

Muito, Senhor, folgarei
Com novas de vencimento.

JUPITER.

De tudo quanto passei,
Por vos dar contentamento,
Em summa vos contarei.
Trago, Senhora, a victoria
Daquelle Rei taõ temido,
Com fama clara, e notoria,
Porém maior foi a gloria
De me ver de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os Grandes me obedecêram;
Como ElRei morto tiveram,
Em signal de obediencia
Esta copa me tróuxeram.
ElRei por ella bebia;
Ella, e tudo o mais he nosso,
Por onde claro se via,
Que tudo me obedecia,
Pois tinha nome de vosso.

MERCURIO.

Si, mas luego de rondon
La fortuna diò la buelta.

ALCMENA.

Como?

MERCURIO.

Fue gran perdicion,
Porque en aquella rebuelta,
Me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
Quando comigo riñeron,
Que aunque me despojaron,
Si uno de seda llevaron,
Otro de açotes me dieron.

ALCMENA.

Senhor, naõ posso gostar
De gosto, que he taõ immenso,
Senaõ muito devagar.
Faça-me mercê d'entrar,
E contar-mo-ha por extenso. *Vai-se Jup. e.*

SCENA III.

MERCURIO, *e* BROMIA.

MERCURIO.

Yo tambien te contaria,
Bromia, se quedas atras,

Que una noche ... enojarteas?

BROMIA.

Que?

MERCURIO.

Soñava, que te tenia;
No me atrevo a dezir màs.

BROMIA.

Dize.

MERCURIO.

Pardies no diré.
Soñava.

BROMIA.

Bem; que sonhavas?

MERCURIO.

Que quando en la cama estavas
Que yo enfin recordé.

BROMIA.

Pois tudo isso receavas?

MERCURIO.

Sabe Dios, que yo acà siento,
Sola una alma vive en dos,
La qual anda dentro en vós.

BROMIA.

E que quer ella cá dentro?

MERCURIO.

Tambien esso sabe Dios. *Vai-se Brom.*

SCENA IV.

MERCURIO.

Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
Como Alcmena s'enganou;
Mas cumpre-me ir ordenar
O que meu Pai me mandou.
E porque seja guardada
Esta porta, e vigiada,
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser taõ depressa a tornada,
Que prestes faço a partida. *Vai-se.*

SCENA V.

Entra SOSEA *com o recado de* AMPHITRIAÕ

SOSEA.

Amphitrion esforçadó,
Bravo yà por la batalla,
Siete cabeças llevava,
De las mejores que ha hallado.

Falla.

Quien viene de tierra agena,

Y de la muerte escapó,
La razon le permitió,
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera,
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y más de mil,
Que digan desta manera:

Canta.

Dongolondron, con dongolondrera,
Por el camino de otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron, con dongolondrera.

Falla.

Quando yo vengo a pensar,
Que uno matarme quisiera,
No hago sino temblar,
Porque creo si muriera,
No pudiera màs cantar.
Porque estando a un rincon
De la casa adò quedè,
Senti mui grande ronron,
Y mirando que, mirè,

Vi que era un gran raton.
Empero yo nunca sigo,
Sino consejos mui sanos,
Que en estes casos levianos,
Quien desprecia el enemigo,
Mil vezes muere a sus manos.
Pero mi Señor alli
Matò al Rei de los Glipazos:
Yo como muerto le vi,
Juro a mi fé, que le di
Màs de dós mil cuchillazos.
Y por me librar de afan,
Me voy siempre a cosa hecha,
Probar mi mano derecha,
Que aquel es buen Capitan,
Que del tiempo se aprovecha.
Que quien ha de pelear,
Ha de buscar tiempo y hora;
Pero quiero caminar,
Que me muero por cantar
Todo aquesto a mi Señora.

SCENA VI.

Entra MERCURIO, *e diz:*

Mil vezes comigo vejo,
Para que meu Pai se affoute;

Pois em taõ pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noute,
A' medida do desejo.
E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora neste instante
A estorvar qu'este bargante
Me naõ chegue a esta porta.

SOSEA.

No sè que miedo, ò locura,
Neste pecho se me cria :
Por Dios que se me afigura,
Que ha mucho qu'es noche escura,
Sin que venga el claro dia.
Mas sabed, que pienso yo,
Qu'el Sol que no se acordò
De con el dia venir,
Que à noche quando cenò
Algun buen vino bebiò,
Que le haze tanto dormir.

MERCURIO.

Já sentes comprida a noute,
Que eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quizeres vir ter.
Porém, pois este bargante (*á parte.*)
Tem medroso coraçaõ,

Quero-me fingir ladraõ,
Ou phantasma, e por diante
Naõ irá, se vem á maõ.
E com tudo se passar,
A falla quero mudar,
Na sua de tal feiçaõ,
Que couces, e porfiar,
Lhe façam hoje assentar,
Que sou Sosea, elle naõ.
(*Falla Castelhano.*)
No veo passar ninguno,
En quien yo me pueda hartar?

SOSEA.

A quien oygo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno,
Que me quiera aporrear.

MERCURIO.

La carne de algun humano
Me seria mui sabrosa.

SOSEA.

Oh que boz tan temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano?
No es mejor otra cosa?
Çarne humana es mui mezquina.
O' no comas desso, no.
Antes carne de gallina.
Pero se màs se avezina,

Que màs gallina, que yo?

MERCURIO.

Una boz de hombre aora
A la oreja me bolò.

SOSEA.

Pezate quien me parió?
La boz traigo boladora.
Ella quizera ser yo,
Pues mi boz pudo bolar,
Dò la pudiesses oyr:
Por contigo no reñir,
Me devieras de prestar
Las alas para huir.

MERCURIO.

Que buscas cabe essa puerta,
Hombre? Sè qu'eres ladron.

SOSEA.

Ay que el alma tengo muerta.
Oh Jupiter me convierta
Las tripas en coraçon.

MERCURIO.

Quien eres? Quieres hablar?

SOSEA.

Soy quien mi voluntad quiere.

MERCURIO.

Piensas que puedes burlar?

SOSEA.

E tu puedesme quitar
Que yo sea quien quisiere?

MERCURIO.

Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarron?
Di quien eres?

SOSEA.

Un criado
Del Señor Amphitrion,
Por nombre Sosea llamado.

MERCURIO.

Pienso qu'el seso perdiste.
Como te llamas mal hombre?

SOSEA.

Sosea soy, sino me oiste.

MERCURIO.

Como en persona tan triste,
Osas d'ençuziar mi nombre?
Estos puños llevarás
Pues tener mi nombre quieres.
Quieresme dizir quien eres?

SOSEA.

O' Señor, no me des màs,
Que yo seré quien tu quisieres.

MERCURIO.

Con tan nueva falsedad

Andais por esta Ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea, tomad.

SOSEA.

Si me dás por la verdad,
Que me harás por la mentira?

MERCURIO.

Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo?

SOSEA.

Sino soy Sosea, que digo,
Que Jupiter me destruya.

MERCURIO.

Mirad el falso enemigo:
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea, y no vòs.

SOSEA.

Tu Sosea?

MERCURIO.

Sosea por Dios,
Escravo d'Amphitrion.

SOSEA.

De modo que tiene dos?

MERCURIO.

No tendrà, aunque tu quieres,
Que a mi solo conoció.

SOSEA.

Pues luego de quien soy yo?

MERCURIO.

Si tu no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? No.

SOSEA.

En fin, has me de hazer crer
Que yo no soy quien ser solia.

MERCURIO.

Quien solias tu de ser?

SOSEA.

Tregoas me as de prometer,
Dirtelohe sin profia.

MERCURIO.

Prometo.

SOSEA.

No me daràs?

MERCURIO.

No, sino fuere razon.

SOSEA.

Pues hermano, tu sabràs
Que mi amo Amphitrion...

MERCURIO.

Tu amo? Pues llevarás.
Mi amo es, que tuyo no.

SOSEA.

Ay que un brazo me quebrò!

MERCURIO.

Mas que luego te matasse.

SOSEA.

Oxalà Dios ordenasse
Que tu aora fuesses yo,
Y yo que te desmembrasse!

MERCURIO.

Essa tu tema tan loca,
Puños te la han de quitar.
Dime, di, verguença poca,
Que hablas?

SOSEA.

Que puedo hablar,
Si me as quebrado la boca?

MERCURIO.

Di quien eres, sin fatiga.

SOSEA.

Soy un hombre, en quien tu dàs.

MERCURIO.

Dime, pues, que nombre as.

SOSEA.

Como quieres tu que diga,
Para que no me dês màs?

MERCURIO.

No me as de hablar contrahecho.

SOSEA.

Toda mi vida passada
Sosea fuy, y con despecho
Aora soy; que? No nada,

Que tus manos me han desecho.

MERCURIO.

Cuyo eres, pues las sientes?
Dexando consejos vanos:
La verdad, que si me mientes,
Dàs con la lengua en los dientes,
Y yo doyte con las manos.

SOSEA.

No conoces Amphitrion?

MERCURIO.

Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estàs de razon!
Piensas de mi, bovarron,
Que no conozco a mi amo?

SOSEA.

En su casa conociste
Uno, que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?

MERCURIO.

Dessa suerte lo dixiste?
Yo soy triste y despreciado?
Pues sabe que te llegó
A la muerte tu fortuna.

SOSEA.

Pues logo si yo no soy yo,
Aunque nadie me matò,
Soy luego cosa ninguna.

Oh dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto?
O' muriome la razon?
Yo no soy de Amphitrion?
El no me mandou del puerto?
Yo sè que no estoy loco.
De mi madre no naci?
No ando? No hablo aqui?

MERCURIO.

Pues sossiega aora un poco,
Que yo tambien diré de mi.
Yo no sè que yo soy yo?
Yo no te di con mis manos?
Mi Señor no me llevò
A la guerra, adò matò
Aquel Rey de los Thebanos?

SOSEA.

Yo esso muy bien lo sè.
Empero tu que hazias
Quando la batalla vias?

MERCURIO.

Escucha, yo lo diré,
Y cessaran tus porfias.
Quando mi Señor andava
Peleando, y derramava
La sangre de algun mezquino,
Con una bota de vino

Yo el mio acrescentava.

SOSEA.

Dize lo que yo hazia.
Con todo, saber queria
Sola una cosa, si puedo.
Tu pecho entonces sentia?

MERCURIO.

Del beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.

SOSEA.

Y despues?

MERCURIO.

Muy reposado
A dormir me echè de grado,
Des del Sol hasta la Luna.

SOSEA.

Todo lo tiene contado.
En fin, tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna.
Pues de todo en un instante
Me as echado de mi fuera,
Aconsejame si quierà,
Quien seré daqui adelante,
Pues no soy quien d'antes era.

MERCURIO.

Quando yo no ser quisiere
Esse, que tu ser deseas,
Despues, que ya Sosea no fuere,

Dartehe, si te pluguiere,
Licencia, que todo seàs.
Y acogete luego amigo
A buscar tu nombre digo,
Pues Dios vida te dexò,
Que el Sosea queda comigo.

SOSEA.

Pues contigo quedo yo,
Dios quede hermano contigo.
Aora quiero yr allà,
Adò mi Señora está,
Contarle como es venido
Mi Señor. Mas ò perdido!
Si otro yo tiene allà,
Todo lo tendra sabido.

MERCURIO.

Ah hombre.....

SOSEA.

Mi boz sonò.

MERCURIO.

Aonde buelves aora?

SOSEA.

Por Dios no sê onde vò,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena es mi Señora.

MERCURIO.

Adonde vàs?

SOSEA.

Con mensaje
Del Señor Amphitrion
Para Alcmena.

MERCURIO.

Adò salvaje?
Pues quebraste la omenaje,
Ahi veràs tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfias otra vez?

SOSEA.

Altos dioses soberanos,
Pues me no valen las manos,
Aqui me valgan los pies. *Foge.*

MERCURIO.

Desta arte enseñan aqui
A hurtar el nombre ageno. *Vai-se Merc.*

SCENA VII.

SOSEA.

Ay Dios como me acogi!
O' Jupiter alto, y bueno,
Quan cerca la muerte vi!
Quierome yr a mi Señor
Contarle quanto he passado,
Y el me dirà de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me he tornado. *Vai-se.*

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Entraõ JUPITER, *e* ALCMENA.

JUPITER.

Toda a pessoa discreta
Terá, Senhora, assentado,
Que hum bem muito desejado
Se ha de alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.
E quem alcançado tem
Tamanho contentamento,
Por conservá-lo convém
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
E por isso hei de tomar
Este tempo taõ ditoso,
Para a frota visitar;
E depois quando tornar,
Tornarei mais desejoso.
Que pois taõ bom captiveiro
Me tem presa a liberdade,

Eu lhe prometto em verdade,
Que torne ainda primeiro,
Que mo peça a saudade.

ALCMENA.

Aindaque se possa ir
Mais asinha do que creo,
Como hei de eu consentir,
Que se haja de partir
Na mesma noite que veo?

JUPITER.

Forçada he minha tornada,
Mas muito cedo virei,
Porque desque foi chegada
A este porto a Armada,
Ainda a naõ visitei.

ALCMENA.

Pois, Senhor, taõ pouco estais
Com quem vistes inda agora?
Faça-se como mandais.

JUPITER.

Vós me vereis cá, Senhora,
Primeiro do que cuidais. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Entraõ AMPHITRIAÕ, *e* SOSEA.

AMPHITRIAÕ.

Em fim, tu, que estás aqui,
Estavas jà la primeiro?

SOSEA.

Señor, crea qu'es ansi.

AMPHITRIAÕ.

Eu nunca entendi de ti,
Que eras tambem chocarreiro.

SOSEA.

Señor, yo qu'estoy presente,
No soy Sosea su criado?

AMPHITRIAÕ.

Creo que naõ certamente,
Porque Sosea era avisado,
E tu es mui differente.

SOSEA.

Pues, Señor, si en mi se vè,
Que no soy quien d'antes era
Buelvome.

AMPHITRIAÕ.

E para que?

SOSEA.

Ver se à dicha me quedè

Durmiendo por la galera.

AMPHITRIAÕ.

Pois me queres fazer crer
Huma doudice taõ raza,
Mais quero de ti saber,
Como naõ entraste em casa,
D'Alcmena minha mulher?

SOSEA.

Aunque Sosea quisiesse
La verdad no negarà:
Aquel yo que allà està
No quiso que a casa fuesse
Estotro yo, que yva allà.
Y con furia tan crecida
A mi se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huyda,
Y ansi le dexè mi nombre,
Por me dexar el la vida.

AMPHITRIAÕ.

Quem seria taõ ousado,
Que tanto mal te fizesse?

SOSEA.

Yo mismo Sosea llamado,
Que a casa era ya llegado,
Antes que de acà partisse.

AMPHITRIAÕ.

Tu chegaste antes de ti?

Este he gentil desbarate.

SOSEA.

Pues màs le digo de aqui,
Que vengo huyendo de mí,
Porque yo mismo no me mate.

AMPHITRIAÕ.

Eram dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fugir?

SOSEA.

Pezete quien me parió:
Digo, que era un solo yo:
Mil vezes lo he de dezir?
Puede ser que naceria
Daquel hombre otro alguno,
Como aquel de mi nacia,
Porque aunque fuesse el uno,
Por màs de quatro tenia.
El tenia mi aparencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerça, ni tal potencia:
Esta sola diferencia
Le tengo hallado de mi.

AMPHITRIAÕ.

Pudeste delle saber
Cuja era?

SOSEA.

Quien? Aquel yo?

Tuyo, Señor, dixo ser.

AMPHITRIAÕ.

Nunca eu tive mais que hum só,
E esse naõ quizera ter.

SOSEA.

Pues, Señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Deve ser de ti alabado,
Pues de uno solo criado,
Te ha hecho agora dos.

AMPHITRIAÕ.

Antes para que conheças,
Que cousa he máo servidor,
Me pezará se assi for,
Que de taõ ruijs cabeças,
Quantas mais, tanto peor.
E já que saõ taõ incertos
Teus ditos para se crer,
Muito melhor deve ser,
Que deixe teus desconcertos,
E vá ver minha mulher. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Entra ALCMENA, *e diz.*

Que fado, que nascimento,
De gente humana nascida,

Que d'escasso, e avarento,
Nunca consentio na vida
Perfeito contentamento!
Amphitriaõ, que mostrou
Hum prazer taõ desejado
A quem tanto o desejou,
Na noite, que foi chegado,
Nessa mesma sẽ tornou!
De se tornar taõ asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido, e alma minha,
Que certo, que me adivinha
Algum novo desprazer.
Mas parece este, que vem,
Senaõ estou enganada.
Se elle he, venha com bem,
Pois que com sua tornada,
Taõ transtornada me tem.

SCENA IV.

Entra AMPHITRIAÕ, *e* SOSEA, *e diz*

AMPHITRIAÕ.

Com que palavras, Senhora,
Poderei engrandecer
Taõ sublimado prazer,
Como he ver chegada a hora,

Em que vos pudesse ver?
Certo grão contentamento
Tive de meu vencimento,
Mas maior o hei de mim
De me ver posto no fim
De taõ longo apartamento.

ALCMENA.

Já eu disse o que sentia
De vinda taõ desejada.
Mas diga-me todavia,
Como naõ foi ver a Armada,
Que me disse hoje este dia?

AMPHITRIAÕ.

Della venho eu inda agora
Desejoso de vos ver,
Muito mais que de vencer.
Mas que me dizeis, Senhora,
Que hoje me ouvistes dizer?

ALCMENA.

Senaõ estava remota
Certamente, que lhe ouvi,
Quando hoje partio daqui,
Que tornava a ver a frota,
Porque era forçado assi.

AMPHITRIAÕ.

Sosea.

SOSEA.

Señor, aqui estoy yo.

AMPHITRIAÕ.

Tu ouves tal desconcerto?

SOSEA.

Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó,
Quien estava allà nel puerto.

AMPHITRIAÕ.

Quando dizeis, que me ouvistes?

ALCMENA.

Hoje, quando vos partistes.

AMPHITRIAÕ.

Donde?

ALCMENA.

Daqui de me ver.

AMPHITRIAÕ.

Nunca vi grande prazer,
Que naõ tenha os cabos tristes.
Quantos males d'improviso,
Que causam grandes mudanças!
Que mulher de tanto aviso,
Agora minhas lembranças
A tem fóra de juizo!

ALCMENA.

Quereis-me fazer cuidar,
Que poderia sonhar
O que pelos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdes-me exprimentar.

AMPHITRIAÕ.

Postoque he para pasmar
Ver hum caso taõ estranho,
Todavia hei de attentar,
Se poderei concertar
Hum desconcerto tamanho.
Quando dizeis que vim cá?

ALCMENA.

Esta noite que passou.

AMPHITRIAÕ.

Dai-me alguem, que aqui se acho
Que me visse.

ALCMENA.

Esse que ahi está,
Sosea, que comvosco andou.

AMPHITRIAÕ.

Sosea, pódes-te lembrar,
Que hontem me vistes aqui?

SOSEA.

Nunca yo supe de mi,
Que me pudiesse acordar
Daquello que nunca vi.

ALCMENA.

Ora eu creo, e he assì,
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mi,
Mas eu darei hoje aqui
Signaes que sejam provados.

AMPHITRIAÕ.

Que signaes póde ahi haver
De mentira taõ notoria,
Que nem foi, nem póde ser?

ALCMENA.

Donde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?

AMPHITRIAÕ.

Que novas?

ALCMENA.

Dir-vo-las-hei,
Assi como mas contastes,
Que na batalha matastes
Aquelle soberbo Rei,
E tudo desbaratastes.
Naõ fazendo resistencia
N'huma batalha taõ crua,
Dando-vos obediencia,
Vos deram huma copa sua,
Lavrada por excellencia.

AMPHITRIAÕ.

Sosea he culpado só
Nestes acontecimentos.

SOSEA.

Señor, son encantamientos,
Porque aquel hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.

AMPHITRIAÕ.

Quem he esse que vos deu
Taes novas, saber queria?

ALCMENA.

Quem mo pergunta.

AMPHITRIAÕ.

Quem? Eu.
Quereis-me fazer sandeu?

ALCMENA.

Mas vós me fazeis sandía.

AMPHITRIAÕ.

Ora quero perguntar:
Que fiz sendo aqui chegado?

ALCMENA.

Puzemos-nos a cear.

AMPHITRIAÕ.

E despois de ter ceado?

ALCMENA.

Fomos-nos ambos deitar.

AMPHITRIAÕ.

Nunca queira Deos que possa
Achar-se na minha honra
Nenhuma falta, nem móssa:
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.

SOSEA.

Bien lo supe yo entender,
Que era esto encantaciones,

Y aora me avrà de crer,
Que dos Soseas puede aver,
Pues ay dos Amphitriones.

ALCMENA.

Com me quererdes tentar,
Taõ torvada me fizestes,
Que me naõ pôde lembrar,
Que vos mandasse mostrar
A copa que me hontem déstes.

AMPHITRIAÕ.

Eu copa? Se isso ahi ha,
Que estou doudo cuidarei.

SOSEA.

Señor, bien guardada está.

ALCMENA.

Bromia?

BROMIA.

Senhora.

ALCMENA.

Dai cá
A copa que hontem vos dei.

SOSEA.

Pues yo pari otro yo,
Y vòs otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni aun fuera de razon.

SCENA V.

Entra BROMIA *com a copa, e diz.*

BROMIA.

Eis-aqui a copa vem,
Testimunho da verdade.

AMPHITRIAÕ.

Oh estranha novidade!

ALCMENA.

Poder-me-ha dizer alguem,
Que o que digo he falsidade?

AMPHITRIAÕ.

Sosea, quando hontem cá vinhas,
Poder-me-has negar, ladraõ,
Que lhe déste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua maõ?

SOSEA.

Señor, que no pude, no,
Ver a mi Señora Alcmena:
Si aquel esso acà ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.

AMPHITRIAÕ.

Ora eu naõ sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo:

Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo,
Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?

ALCMENA.

Nenhuma cousa me obriga
A que naõ crêa o que vi.

AMPHITRIAÕ.

Se o Patraõ aqui vier,
Que he homem d'authoridade,
Crereis o que vos disser?

ALCMENA.

Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.

AMPHITRIAÕ.

Eu estou em conclusaõ
D'hoje desembaraçar
Taõ enleada questaõ:
A' náo me quero tornar
A trazer cá Belferraõ.
Sosea, até minha tornada
Fica nesta casa em vella,
Qu'eu armarei tal cilada,
A quem m'a mim tem armada,
Que venha hoje a cahir nella. *Vai-se.*

SCENA VI.

ALCMENA.

Oh mulher triste, e suspensa
Da mais alta confusaõ,
Que nunca vio coraçaõ!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitriaõ?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi se sente,
Co' o coraçaõ taõ liado,
Que se de mi era ausente,
Nelle o via figurado.
E pois mulher, que cumprisse
Melhor qu'eu fidelidade,
Naõ a vi, nem quem me visse,
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade.
Pois porque he taõ maltratada
Innocencia taõ singella,
Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coraçaõ livre della?
Mas já que minh'alma está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que for, qu'eu conheço,

Que a verdade me porá
No qu'eu po-la ter mereço.
Bromia?

BROMIA.

Senhora.

ALÇMENA.

Hi mandar
A Feliseo, que vá
Meu primo Aurelio chamar,
Que lhe quero perguntar,
Que conselho me dará.
E pois que Amphitriaõ
Vai buscar sómente quem
Lhe ajude a sua tençaõ,
Quero eu ter aqui tambem,
Quem me defenda a razaõ.

ACTO QUARTO

SCENA I.

JUPITER, e ALCMENA.

JUPITER.

GRÃO desconcerto tem feito
Amphitriaõ com Alcmena:
Qualquer delles tem direito:
Eu sou o que venço o preito,
E ambos pagam a pena.
Quero-me ir lá desfazer
Taõ trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a ver;
Porque, em fim, quem muito quer
Com qualquer desculpa abranda.
E pois que a affeiçaõ
Ha de mudar taõ asinha
Quero ir alcançar perdaõ
Da culpa que sendo minha,
Parece de Amphitriaõ.

ALCMENA

Parece que torna cá

Amphitriaõ, que já se hia:
Naõ sei a que tornará,
Senaõ se lhe peza já
Dos enganos que tecia.

JUPITER.

Senhora, naõ haja error
Que tantos males me faça,
Porque se o contrário for,
Pequeno será o amor,
Que manencória desfaça.
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pezar-me-ha se achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa aggravar de mim.

ALCMENA.

Com palavras de deshonra
Naõ se ha de tratar quem ama;
Nem zombaria se chama,
Por exprimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu para mim,
Que era aquillo experiencia.

JUPITER.

Errei no que commetti;
Bem me basta a penitencia,
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error,

Com que vosso amor se mude
De quem vo-lo tem maior,
Naõ exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor.
Que se com caso taõ vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor accrescentar;
Porque ás vezes hum contrário
Faz seu contrário avisar.
Daqui vem, que a leve mágoa
Firmeza, e affeições augmenta,
Como bem se vê na frágoa,
Onde o fogo se accrescenta,
Borrifando-o com pouca agoa.
Se hum mal grande se alevanta
N'hum coraçaõ, que maltrata,
A affeiçaõ desbarata,
Porque onde a agua he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tençaõ,
Perdoai, Senhora, a culpa
Deste vosso coraçaõ.

ALCMENA.

Naõ se alcança assi perdaõ
D'erro que naõ tem desculpa.

JUPITER.

Ora pois assi tratais

Quem em tanto risco pôs
O amor que vós negais,
Eu m'ausentarei de vós,
Onde mais me naõ vejais.
Que, pois, desculpa naõ tem
Coraçaõ que tanto quer,
Vou-me, que naõ será bem,
Que quem vós naõ podeis ver,
Que possa mais ver ninguem.
Se algum'hora meu cuidado
Vos der dor, em que pequena,
Peço-vos, pois fui culpado,
Que vos naõ peze da pena
De quem vos foi taõ pezado.
E despois que a desventura
Puzer este coraçaõ
Debaixo da sepultura,
As letras na pedra dura
Vossa dureza diraõ.
Isto vos hei de dizer,
Que m'ensinou minha dor:
Se quizerdes léda ser,
Nunca exprimenteis amor
Em quem vo-lo naõ tiver.
Deixai-me ir; naõ me tenhais.

ALCMENA.

Amphitriaõ naõ choreis.

Amphitriaõ.

JUPITER.

Que quereis,
Ou para que nomeais
Homem, que ver naõ podeis?

ALCMENA.

Amphitriaõ, s'eu causei
Com manencória pequena
Cousa, com que o magoei,
Eu quero cahir na pena
Dessa culpa que lhe dei.

JUPITER.

Sempre serei magoado
Se vossa má condiçaõ
Me naõ perdôa o passado.

ALCMENA.

Perdôo, e peço perdaõ
De lhe naõ ter perdoado.

SOSEA.

No le perdone, Señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon,
Que bien se me acuerda aora
Que me ha llamado ladron.

JUPITER.

Sosea?

SOSEA.

Señor.

JUPITER.

Vai buscar
O Piloto Belferraõ,
Dir-lh'as, se desembarcar,
Que me parece razaõ,
Que venha hoje cá cear.

SOSEA.

Si, Señor, voy a la ora.

JUPITER.

De nenhuma calidade
Cure de fazer demora.
E nós vamos-nos, Senhora,
Confirmar nossa amizade. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Entra MERCURIO.

Grandes revoltas vaõ lá,
Grandes acontecimentos;
Cumpre-me que esteja cá,
Em quanto meu pai está
Em seus desenfadamentos.
Porque vi Amphitriaõ
Vir da náo mui apressado,
E tendo corrido, e andado,
Naõ pôde achar Belferraõ,
Que lhe era bem escusado.

Parece-me que virá
Ver se lhe abre aqui alguem;
Mas, porém, se chega cá,
Já póde ser que se vá
Mais confuso do que vem.

SCENA III.

Entra AMPHITRIAÕ, *e diz.*

AMPHITRIAÕ.

Quiz-nos nossa natureza
Com tal condiçaõ fazer,
Que já temos por certeza
Naõ haver grande prazer,
Sem mistura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituio nossa sorte,
He tal, e taõ rigoroso,
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditoso.
Com esta justa balança
O fado grande, e profundo,
Nos refrêa a esperança,
Porque ninguem neste mundo
Busque bemaventurança.
Eu, que cuidei de viver

Sempre contente de mi,
Com tamanho Rei vencer,
Venho achar minha mulher,
De todo fóra de si.
Mas d'outra parte, que digo,
Que s'he verdade o que vi,
E o que ella diz he assi,
Virei a cuidar comigo,
Que eu sou o fóra de mi.
Quero ver se a acho já
Fóra de taõ seccos nós.
O' de casa?

MERCURIO.

O de allà?
Quien sois?

AMPHITRIAÕ.

Abre.

MERCURIO.

Santo Dios,
Pues no os conocen acà.

AMPHITRIAÕ.

Oh que gentil desvario!
Abri-me ora se quizerdes.

MERCURIO.

No haré, que en mi confio,
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo amor mio.

Que cancion para oir!

AMPHITRIAÕ.

Ah Sosea! Zombas de mi?
Ora quero-me fingir
Que ainda o naõ conheci,
Por ver se me quer abrir.
Ah Senhor, naõ abrireis?

MERCURIO.

Que quereis hombre por Dios?

AMPHITRIAÕ.

Duas palavras de vós.

MERCURIO.

Tengo dicho màs de seis,
E aora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acà.

AMPHITRIAÕ.

Ora acabai, abri, lá.

MERCURIO.

Digo que no quiero abrir:
Dixe dos palabras ya.

AMPHITRIAÕ.

Ora sus, bargante, abri.

MERCURIO.

Sino te buelves de aqui,
A gran peligro te ofreces.

AMPHITRIAÕ.

Velhaco, naõ me conheces,

Ou estás fóra de ti?

MERCURIO.

Bonito venis amor.
Quien sois, que hablais tan osado?

AMPHITRIAÕ.

Abre, que sou teu Senhor.

MERCURIO.

Buelvase dessotro lado,
Y conocerlehe mejor.

AMPHITRIAÕ.

Sosea moço.

MERCURIO.

Assi me llamó,
Huelgeme que lo sepais,
Empero digo que os vais,
Que Amphitrion es mi amo,
Vós hi buscar quien seais.

AMPHITRIAÕ.

Pois quero saber de ti:
Eu quem sou?

MERCURIO.

Y quien sois vós?
Como os llaman?

AMPHITRIAÕ.

Abri.

MERCURIO.

A vós os llaman Abri?
Pues, Abri, andad con Dios.

AMPHITRIAÕ.

Quem ha, que possa soffrer
Em sua honra tal destroço,
Que para me endoudecer
Me tem negado a mulher,
E agora me nega o moço?

MERCURIO.

Mira el encantador
Como se lastima y llora,
Y fuesse tomar aora
La forma de mi Señor,
Para engañar mi Señora.
Pues esperad, y no os vais,
Por un espacio pequeño,
Vendrá quien representais,
Y el os harà que bolvais
El falso gesto a su dueño.

AMPHITRIAÕ.

Vai velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro,
Que se elle lá dentro está,
Esta espada julgará
Qual de nós he o verdadeiro. *Vai-se Me*

SCENA IV.

Entraõ SOSEA, *e* BELFERRAÕ, *e diz*

BELFERRAÕ.

Ora ninguem presumíra
Que tinhas taõ pouco siso,
Pois vás achar d'improviso
Taõ bem forjada mentira,
Que me faz cahir de riso.
Hum moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceo,
Porque vos jura que achou,
Que ou elle em dous se perdeo,
Ou de hum, dous se tornou.

SOSEA.

Patron, que no burlo no,
En uno son dos unidos,
Y en dos cuerpos repartidos:
Yo soy el, y el es yo,
De un padre y madre nacidos.

BELFERRAÕ.

Esse tu que lá estás
Taõ velhaco he como ti?

SOSEA.

Mas aun pienso que es màs:
Por delante y por detrás

Todo se parece a mi.
Y fue gran merced de Dios,
Ajuntar a mi mas uno,
Que peor fuera de nós,
Si Dios me hiziera ninguno,
Que no de uno hazer dos.

BELFERRAÕ.

Assi, que se te perdeste
Vieste a cobrar mais hum:
Mui gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

SOSEA.

Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa,
Aunque pone admiracion,
Quiera Dios, que allá en casa
No halleis otro Patron.

AMPHITRIAÕ.

O Patraõ, que fui buscar,
Parece que vejo vir:
Naõ sei quem o foi chamar;
Mas que me ha de aproveitar
Se me naõ querem abrir?
Ah Belferraõ!

BELFERRAÕ.

Ah Senhor!
Já sinto que fui culpado,

Porque quem he convidado,
Se taõ vagaroso for,
Merece naõ ser chamado.

AMPHITRIAÕ.

A vós quem vos convidou?

BELFERRAÕ.

Sosea, por mandado seu.

AMPHITRIAÕ.

Disso Patraõ naõ sei eu,
Que Sosea já me negou,
E já se naõ dá por meu.
E se alguem vos foi dizer,
Qu'eu vos chamo á minha mesa,
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.

BELFERRAÕ.

Quem he esse taõ ousado,
Que vos isso faz, Senhor?

AMPHITRIAÕ.

Sosea, creo, que enganado
Por algum encantador,
Que a honra me tem roubado.

BELFERRAÕ.

Se elle aqui comigo vem,
Isso como póde ser?

AMPHITRIAÕ.

Ah! Que a ira que vou ter,

Taõ cega a vista me tem,
Que mo naõ deixava ver.
Porque razaõ, cavalleiro,
Naõ me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?

SOSEA.

Yo Señor? Y como? Y quando?

AMPHITRIAÕ.

Quereis-lo saber primeiro?
Esperai, dir-vo-lo-ha,
Mas será por outro som.

SOSEA.

Ah Señor Amphitrion,
Porque matandome está,
Sin delito, y sin razon?

AMPHITRIAÕ.

Agora, que vos eu dou
Me chamais Amphitriaõ,
E para me abrirdes naõ?

BELFERRAÕ.

Este moço em que peccou?
Porque pena sem razaõ?
Naõ mais, por amor de mi.

AMPHITRIAÕ.

Naõ, que naõ sou seu Senhor:
Eu sou hum encantador.
Naõ o dizeis vós assi,
Ladraõ, perro, enganador?

SOSEA.

Porque fui presto a llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere aora matar?

AMPHITRIAÕ.

Quem vo-lo mandou buscar?

SOSEA.

Sino ay otro Amphytrion,
Vuestra merced sin dudar.

AMPHITRIAÕ.

Eu te mandei?

SOSEA.

Si Señor,
Si otro no.

AMPHITRIAÕ.

Outro ha aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só desse encantador
Me quero vingar de ti.

SOSEA.

O' Jupiter, a quien bramo
Por su bondad que me vala,
Pues porque Sosea me llamo,
Yo mismo, y despues mi amo,
Me dieron venida mala.

ACTO QUINTO.

SCENA I.

Entra JUPITER, *e diz.*

JUPITER.

Quem he o taõ atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Taõ revoltoso arruido,
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre taõ temido?
Quem aqui faz uniaõ,
Toma mui grande despejo.

BELFERRAÕ.

Oh grande admiraçaõ!
Vejo eu outro Amphitriaõ,
Ou he sonho isto que vejo?

SOSEA.

No mirais la encantacion,
Que aquel hizo a mi Señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Amphitrion,
Qu'estotro es encantador.

JUPITER.

Sosea?

SOSEA.

Mi Señor, ya vò.

JUPITER.

Patraõ, só por vós espero.

SOSEA.

No os lo dizia yo,
Que este era el verdadeiro,
Y esso que alla queda, no?

AMPHITRIAÕ.

Bargante, aonde te vás?
Fazes teu Senhor sandeu?
Pois espera, e levarás.

JUPITER.

O' lá, tornai por detrás,
Naõ deis no moço, que he meu.

AMPHITRIAÕ.

Vosso?

JUPITER.

Meu.

AMPHITRIAÕ.

Póde isto haver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomais o nome,
Casa, moços, e mulher.
Eu vos farei conhecer

Com quem tendes esse trato.

JUPITER.

Sosea?

SOSEA.

Señor.

JUPITER.

Vai dizer,
Que apparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.

BELFERRAÕ.

O' Senhor, naõ seja assim,
Haja em vós concerto algum;
E senaõ, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada hum.

JUPITER.

Patraõ, vossa boa estrella
Me fará deixar com vida
Quem me naõ merece tella.

AMPHITRIAÕ.

Naõ a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ella.

BELFERRAÕ.

O homem que for sisudo,
N'huma taõ grande questaõ,
Ha de tomar por escudo
A justiça, e a razaõ,
Que estas armas vencem tudo,

E pois essa natureza
Muitos homẽes faz iguais,
Dé qualquer de vós signais
De quem he, para certeza
Da fórma que ambos mostrais.

JUPITER.

Sou contente de mostrar
Pelos signaes que vos dou,
Que saõ estes sem faltar.

AMPHITRIAÕ.

Que signaes podeis vós dar,
Para que sejais quem sou?

JUPITER.

Estes, que logo vereis
Se saõ vãos, se de raiz:
Patraõ, vós sede juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.

BELFERRAÕ.

Eu naõ sinto onde consista
A cura desta doença,
Que ha taõ pouca differença,
Que aquelle em que ponho a vista,
Por esse dou a sentença.
Mas, Senhor, vós que ordenastes,
Que o juiz disto fosse eu,
Quando se a batalha deu,
Dizei, que me encommendastes,

Que ficasse a cargo meu?

JUPITER.

Dei-vos cargo, que estivesse
Toda a Armada à bom recado,
E se mal vos succedesse,
Que para os vivos houvesse
O refugio apparelhado.

BELFERRAÕ.

Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes?

AMPHITRIAÕ.

Tres mil, e vós os contastes.

BELFERRAÕ.

Ambos sois Amphitriões
Pelos signaes que mostrastes.

JUPITER.

Para ser mais conhecida
A tençaõ deste sandeu,
Vede est'outro signal meu,
Que he neste braço a ferida,
Que me ElRei Terela deu.

BELFERRAÕ.

Mostrai vós, Senhor, tambem.

AMPHITRIAÕ.

Aqui o podeis olhar.

BELFERRAÕ.

Oh cousa para espantar!

Que ambos a ferida tem,
D'hum tamanho, em hum lugar!

SCENA II.

Entra SOSEA.

SOSEA.

Dize mi Señora Alcmena,
Que no se ha de assi d'estar
Con un bovo a razonar,
Que se le enfria la cena.

JUPITER.

Belferraõ, vamos cear.

AMPHITRIAÕ.

Belferraõ, naõ me leixeis.
Como tambem me negais?

JUPITER.

Andai, naõ vos detenhais,
Vamos, comer se quereis,
Naõ ouçais hum doudo mais.

AMPHITRIAÕ.

Ah máos! Assi me ordenais
Offensa taõ mal olhada?
Eu farei se me esperais,
Com que todos conheçais
Os fios da minha espada.

JUPITER.

As portas prestes fechemos,
Naõ entre este doudo cá.

SOSIA.

De fuera se dormirà:
Entre tanto que cenemos,
Puede passearse allà. *Vaõ-se.*

SCENA III.

AMPHITRIAÕ *só.*

Oh ira para naõ crer,
Em que minh'alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E naõ me ajuda a romper
As paredes desta casa!
E porque? Naõ tenho eu
Forças, que tudo destrua,
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu?
Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
Donde veja arder Alcmena,
Com quem a vejo enganar.

SCENA IV.

Vai-se AMPHITRIAÕ *por huma porta, e entra por outra, vem* AURELIO, *e hum seu* MOÇO, *e diz.*

AURELIO.

No hallo a mis males culpa,
Para que merezca pena
La causa que me condena.

MOÇO.

Essa está gentil desculpa
Para hoje dar a Alcmena.
Tem-no mandado chamar,
E elle está taõ descuidado.

AURELIO.

Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Melhor qu'este meu cuidado?

MOÇO.

E naõ ha mais que fazer?
Com isso a boca me tapa,
Para mais nada dizer?

AURELIO.

Ora da-me cá essa capa,
E vamos ver o que quer.
Naõ trates de mais razaõ,

Pois naõ ha quem te resista,
Que veio outra novaçaõ.

MOÇO.

Que he?

AURELIO.

Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Amphitriaõ.

MOÇO.

Eu ouvi a Feliseo,
Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quiz-me dizer, que veo
Do siso desconcertado.

AURELIO.

Isso quero eu ir saber,
Pois que tal cousa se soa.
Senhor, póde-se dizer,
Que a vinda seja mui boa?

AMPHITRIAÕ.

Essa naõ póde ella ser.

AURELIO.

Porque naõ?

AMPHITRIAÕ.

Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa Prima enganada
Por hum grande encantador.

Si nuestra casa arde en fuego.
Han se de arder mis colchones.

AURELIO.

Vamos a Amphitriaõ
Contar-lhe cousas tamanhas.

AMPHITRIAÕ.

Que vai lá? Que cousas saõ?

AURELIO.

Maravilhas taõ estranhas,
Que me treme o coraçaõ.
Porque aquelle homem, que assi
Tantos enganos teceo,
Como era cousa do Ceo,
Tanto que eu appareci,
Logo desappareceo.
E em desapparecendo,
Com ruido grande, e horrendo,
Toda a casa allumiou,
E de arte nos inflammou,
Que nos vimos acolhendo
Do raio que nos cegou.
Estes acontecimentos
Naõ saõ de humanas pessoas.
Vós ouvís a voz que ouço?
Escutai, estai attento:
Vejamos o que prosegue

E a alma de saudade.
Assi, que quiz minha estrella
Para nunca ser contente,
Que agora estando presente
Viva mais saudoso della,
Que quando della era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com impeto demasiado,
Que poderei presumir?
Que vejo Aurelio sahir,
Como homem desatinado.

SCENA VI.

Entra AURELIO, BELFERRAÕ AURELIO.

AURELIO.

Oh estranha novidade!
Oh cousa para naõ crer!

BELFERRAÕ.

Venho cego de verdade,
Que naõ puderam soffrer
Meus olhos a claridade.

SOSEA.

Oh triste, que vengo ciego
Con rayos, y con visiones;
Y destas encantaciones,

Si nuestra casa arde en fuego,
Han se de arder mis colchones.

AURELIO.

Vamos a Amphitriaõ
Contar-lhe cousas tamanhas.

AMPHITRIAÕ.

Que vai lá? Que cousas vaõ?

AURELIO.

Maravilhas taõ estranhas,
Que me treme o coraçaõ.
Porque aquelle homem, que assi
Tantos enganos teceo,
Como era cousa do Ceo,
Tanto que eu appareci,
Logo desappareceo.
E em desapparecendo,
Com ruido grande, e horrendo,
Toda a casa allumiou,
E de arte nos inflammou,
Que nos vimos acolhendo,
Do raio que nos cegou.
Estes acontecimentos
Naõ saõ de humana pessoa:
Vós ouvis a voz que soa:
Escutai, estai attentos,
Vejamos o que pregôa.

Voz de JUPITER, *de dentro.*

JUPITER.

Amphitriaõ, que em teus dias
Vês tamanhas estranhezas,
Naõ te espantem phantasias,
Que ás vezes grandes tristezas
Parem grandes alegrias.
Jupiter sou manifesto
Nas obras de admiraçaõ,
Que por mi causadas saõ:
Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geraçaõ.
Tua mulher parirá
Hum filho de mi gerado,
Que Hercules se chamará,
O mais valente, e esforçado,
Que no Mundo se achará.
Com este, teus successores
Se honraráõ de serem teus,
E dar-lhe-haõ os Escriptores,
Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.
E dessa illustre fadiga
Colherá mui rico fruito:
Em fim, a razaõ me obriga,
Que taõ pouco della diga,
Porque o tempo dirá muito.

FILODEMO,

COMEDIA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

INTERLOCUTORES

DA COMEDIA.

Filodemo.

Vilardo, seu moço.

Dionysa.

Solina, sua moça.

Venadoro.

Monteiro.

Hum Pastor, Doriano, amigo de Filodemo.

Hum Bobo, filho do Pastor.

Florimena, Pastora.

Dom Lusidardo, pai de Vanadoro.

Tres Pastores bailando.

Doloroso, amigo de Vilardo.

ARGUMENTO

DA DITA COMEDIA.

Hum Fidalgo Portuguez, que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como por largos amores, e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de huma filha d'el Rei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe; e de feito, sendo chegados á costa de Hespanha, onde elle era Senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio dando a galé á costa se perderam todos miseravelmente, senaõ a Princeza, que em huma taboa foi á praia, a qual como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pario duas crianças, macho e femia; e naõ tardou muito que hum Pastor Castelhano, que naquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudio a tempo que a mãi já tinha espirado. Crescidas, em fim, as crianças debaixo da humanidade, e criaçaõ daquelle Pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinaçaõ, deixando o campo, se foi para a Cidade, aonde por musico, e discreto, valeo muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu Pai, a quem

muitos annos servio sem saber o parentesco que entre ambos havia; e como de seu Pai naõ tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu Senhor, e Tio, que incitada ao que por suas obras, e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe naõ queria mal. Aconteceo mais, que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo apoz hum cervo, se perdeo dos seus, e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, irmãa de Filodemo, que assim lhe pozeram o nome, enchendo hũa talha de agua, se perdeo de amores por ella, que se naõ soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu Pai o naõ foi buscar. O qual informado pelo Pastor que a criára, (que era homem sabio na Arte Magica) e como a criára, naõ teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua filha, e prima de Filodemo, e a Venadoro seu filho, com Florimena sua sobrinha, irmãa de Filodemo Pastor, e tambem pela muita renda que tinha, e de seu Pai ficára, de que elles eram verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da Comedia, fará mençaõ o Auto, que he o seguinte:

FILODEMO,

COMEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Entra FILODEMO, *e hum seu moço* VILARDO.

FILODEMO.

Moço Vilardo?

MOÇO.

Ei-lo vai.

FILODEMO.

Fallai era má, fallai,
E sahi cá para a sala.
O villaõ como se cala!

MOÇO.

Pois, Senhor, sahi a meu pai,
Que quando dorme naõ fala.

FILODEMO.

Trazei cá huma cadeira:
Ouvis villaõ?

MOÇO.

Senhor, sim.
Se m'ella naõ traz a mim,
Vejo-lh'eu ruim maneira.

FILODEMO.

Acabai, villaõ ruim.
Que moço para servir
Quem tem as tristezas minhas!
Quem pudesse assi dormir!

MOÇO.

Senhor, nestas manhãasinhas
Naõ ha hi senaõ cahir.
Por demais he trabalhar
Qu'este somno se me ausente.

FILODEMO.

Porque?

MOÇO.

Porque ha de assentar,
Que senaõ for com pam quente,
Naõ ha de desafferrar.

FILODELIO.

Ora hi pelo que vos mando,
Villaõ feito de formento.
Triste do que vive amando,
Sem ter outro mantimento,
Qu'estar só phantasiando.
Só huma cousa me desculpa
Deste cuidado que sigo,

Ser de tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.

Vem o moço, e assenta-se na cadeira FILODEMO, *e diz avante.*

FILODEMO.

Ora quero praticar
Só comigo hum pouco aqui,
Que despois que me perdi,
Desejo de me tomar
Estreita conta de mi.
Vai para fóra, Vilardo.
Torna cá: vai-me saber
Se se quer já lá erguer
O Senhor Dom Lusidardo,
E vem-mo logo dizer. *Vai-se o moço.*
Ora bem, minha ousadia,
Sem azas, pouco segura,
Quem vos deo tanta valia,
Que subais a phantasia
Onde naõ sobe a ventura?
Por ventura, eu naõ nasci
No mato, sem mais valer,
Que o gado ao pasto trazer?
Pois donde me veio a mi
Saber-me tambem perder?

Eu nascido entre Pastores
Fui trazido dos curraes,
E d'entre meus naturais
Para casa dos Senhores
Donde vim a valer mais.
E agora logo taõ cedo
Quiz mostrar a condiçaõ
De rustico, e de villaõ:
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a maõ.
Mas oh qu'isto naõ he assi,
Nem saõ villãos meus cuidados,
Como eu delles entendi;
Mas antes de sublimados
Os naõ posso crer de mi.
Porque como hei eu de crer
Que me faça minha estrella
Taõ alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria della;
Senaõ se amor, d'attentado,
Porque me naõ queixe delle;
Tem por ventura ordenado,
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado nelle?

SCENA II.

Vem o MOÇO, et diz.

MOÇO.

O Senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo o convento,
E elle com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castellinhos de vento.
Pois taõ cedo se vestio,
Com teu damno se conforme,
Pezar de quem me pario,
Que ainda o Sol naõ sahio,
Se vem á mão, tambem dorme.
Elle quer-se levantar
Assi pela manhãazinha:
Pois quero-o desenganar,
Nem por muito madrugar
Amanhece mais asinha.

FILODEMO.

Traze-me a viola cá.

MOÇO.

Voto a tal, que me vou rindo.
Senhor, tambem dormirá.

FILODEMO.

Traze-a, moço.

MOÇO.

Si virá,
Senaõ estiver dormindo.

FILODEMO.

Ora hi polo que vos mando:
Naõ gracejeis.

MOÇO.

Eis-me vou:
Pois pezar de Saõ Fernando,
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei d'estar vigiando?

Vai-se o MOÇO, *e diz* FILODEMO.

FILODEMO.

Ah Senhora, que podeis
Ser remedio do que peno;
Quaõ mal ora cuidareis
Que viveis, e que cabeis
N'hum coraçaõ taõ pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crerieis que foi ousado
Este vosso? de criado
Tornar-se vosso captivo?

SCENA III.

Vem o MOÇO, e tras a viola.

MOÇO.

Ora eu creio, se he verdade
Que estou de todo accordado,
Que meu amo he namorado,
E a mi dá-me na vontade,
Que anda hum pouco abalado.
E se tal he, eu daria
Por conhecer a donzella
A raçaõ d'hoje, este dia,
Porque a desenganaria
Sómente por ter dó della.
Havia-lhe perguntar,
Senhora, de que comeis?
Se comeis d'ouvir cantar,
De fallar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.
Porém se vós comeis paõ,
Tende, Senhora, resguardo,
Que eis-aqui está Vilardo,
Que he como hum camaleaõ,
Por isso bus, fazei fardo.
E se vós sois das gamenhas,
E houverdes d'attentar,

Por mais que por manducar,
Mi cama son duras penhas,
Mi dormir sempre es velar.
A viola, Senhor, vem
Sem primas nem derradeiras:
Mas sabe o que lhe convém
Se quer, Senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiras.
E se estas cantigas vossas
Naõ forem para escutar,
E quizerdes espirar,
Ha mister cordas mais grossas,
Porque naõ possam quebrar.

FILODEMO.

Vai para fóra.

MOÇO.

Já venho.

FILODEMO.

Qu'eu só desta phantasia
Me sostenho, e me mantenho.

MOÇO.

Quamanha vista que tenho,
Que vejo a estrella no dia. *Vai se*

SCENA IV.

Canta FILODEMO.

A dò sube el pensamiento,

Seria una gloria immensa
Si allà fuesse quien lo piensa.

Falla.

Qual espirito divino
Me fará a mi sabedor,
Pois que taõ alto imagino
Deste meu mal, se he amor,
Se por dita, desatino.
Se he amor, digame qual
Póde ser meu fundamento,
Ou qual he seu natural,
Ou porque empregou taõ mal
Hum taõ alto pensamento.
Se he doudice, como em tudo
A vida me abraza, e queima,
Ou quem vio n'hum peito rudo
Desatino taõ sisudo,
Que toma taõ doce teima?
Ha Senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou taõ soberana,
O que vós valeis me avisa,
Mas o qu'eu peno m'engana.

SCENA V.

Entra SOLINA, *moça, e diz.*

SOLINA.

Tomado estais vós agora,
Senhor, com o furto nas mãos.

FILODEMO.

Solina, minha Senhora,
Quantos pensamentos vãos
Me ouvirieis lançar fóra.

SOLINA.

O' Senhor, quaõ bem que soa
O tanger de quando em quando:
Bem sei eu huma pessoa,
Que ha já huma hora, e boa,
Que vos está escutando.

FILODEMO.

Por vida vossa, zombais?
Quem he? Quereis-mo dizer?

SOLINA.

Naõ o haveis vós de saber,
Bofé se me naõ peitais.

FILODEMO.

Dar-vos-hei quanto tiver
Para taes tempos como estes.
Quem tivera voz dos Ceos,

Pois escutar me quizestes.

SOLINA.

Assi pareça eu a Deos,
Como lhe vós parecestes.

FILODEMO.

A Senhora Dionysa
Quer-se já alevantar?

SOLINA.

Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueo por vos escutar.

FILODEMO.

Em camisa levantada!
Taõ ditosa he minha estrella,
O ma dizeis refalsada?

SOLINA.

Pois bem me defendeo ella,
Que vos naõ dissesse nada.

FILODEMO.

Se pena de tantos annos
Merecer algum favor
Para cura de meus dannos,
Fartai-me desses engannos,
Que naõ quero mais de amor.

SOLINA.

Agora quero eu fallar:
Neste caso com mais tento:
Quero agora perguntar:

E de siso his vós tomar
Hum taõ alto pensamento?
Certo he minha maravilha,
Se vós isto naõ sentis
Bem: vós como naõ cahis
Que Dionysa que he filha
Do Senhor a quem servis?
Como? Vós naõ attentais
Os Grandes, de que he pedida?
Peço-vos que me digais
Qual he o fim que esperais
Neste caso, em vossa vida.
Que razaõ boa, ou que côr,
Podeis dar a esta affeiçaõ?
Dizei-me vossa tençaõ.

FILODEMO.

Onde vistes vós amor
Que se guie por razaõ?
Se quereis saber de mi,
Que fim, ou de que theor,
O pertendo em minha dor,
Se eu neste amor quero fim,
Sem fim me atormente amor.
Mas vós com gloria fingida
Pertendeis de m'enganar,
Por assi mal me tratar:
Assi, que me dais a vida
Sómente por me matar.

SOLINA.

Eu digo-vos a verdade.

FILODEMO.

Da verdade fujo eu,
Porque se o amor me deŭ
Pena de tal calidade,
Assas me custa do meu.

SOLINA.

Fólgo muito de saber
Que sois amante taõ fino.

FILODEMO.

Pois mais vos quero dizer,
Que ás vezes no imaginar
Naõ ouso de me'stender,
Na hora que imaginei
Na causa de meu tormento,
Tamanha gloria levei,
Que por onças desejei
De lograr o pensamento.

SOLINA.

Se me vós a mi jurardes
De me terdes em segredo
Huma cousa; mas hei medo
De logo tudo contardes.

FILODEMO.

A quem?

SOLINA.

A'quelle enxovedo.

FILODEMO.

Qual?

SOLINA.

Aquelle máo pezar,
Que ant'ontem comvosco hia.
Quem se fosse em vós fiar!
O que vos disse o outro dia,
Tudo lhe fostes contar.

FILODEMO.

Que lhe contei?

SOLINA.

Já lh'esquece?

FILODEMO.

Por certo qu'estou remoto.

SOLINA.

Hi, que sois hum cesto roto.

FILODEMO.

Esse homem tudo merece.

SOLINA.

Vós sois muito seu devoto.

FILODEMO.

Senhora, naõ hajais medo:
Contai-m'isso, e far-m'hei mudo.

SOLINA.

Senhor, o homem sisudo,
Se em taes cousas tem segredo,
Saiba que alcançará tudo.
A Senhora Dionysa

Crede que mal vos naõ quer:
Naõ vos posso mais dizer:
Isto tende por balisa,
Com que vos saibais reger.
Que em mulheres se attentais,
O querer está visibil;
E se bem vos governais,
Naõ desespereis do mais,
Porque, em fim, tudo he possibil.

FILODEMO.

Senhora, póde isso ser?

SOLINA.

Si, que tudo o mundo tem.
Olhai naõ o saiba alguem.

FILODEMO.

E que maneira hei de ter
Para crer tamanho bem?

SOLINA.

Vós, Senhor, o sabereis;
E já que vos descobri
Tamanho segredo aqui,
Huma mercê me fareis,
Em que me vai muito a mi.

FILODEMO.

Senhora, a tudo me obrigo
Quanto for em minha mão.

SOLINA.

Pois dizei a vosso amigo,

Que naõ gaste tempo em vão,
Nem queira amores comigo.
Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que naõ quero andar
Agora em boca de gentes
A quem s'elle vai gabar.

FILODEMO.

Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano:
Sabei-o, se o naõ sabeis,
Que em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis:
E que outra cousa naõ quer,
Que ter-vos sempre servida.

SOLINA.

Pola sua negra vida
Isso havia eu bem mister.

FILODEMO.

Vós sois desagradecida?

SOLINA.

Si, que tudo saõ enganos
Em tudo quanto fallais.

FILODEMO.

Naõ quero que me creais:
Crede o tempo, que ha dous anos
Que vos serve, e inda mais.

SOLINA.

Senhor, bem sei que m'engano;
Mas a vós como a irmaõ
Descubro este coraçaõ:
Sabei que a Duriano
Tenho sobeja affeiçaõ.
Olhai que lhe naõ digais
Isto que vos aqui digo.

FILODEMO.

Senhora, mal me tratais:
Inda que sou seu amigo,
Sabei que vosso sou mais.

SOLINA.

E já que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas,
Que ha tanto que de mi sei,
Fazei vós nas cousas minhas
O qu'eu nas vossas farei.

FILODEMO.

Vós enxergareis, Senhora,
O qu'eu por vós sei fazer.

SOLINA.

Como me deixo esquecer,
Aqui estivera agora
Fallando té anoitecer.
Vou-me, e olhai quanto val
O que passou ante nós.

FILODEMO.

E porque vos ides vós?

SOLINA.

Porque parece já mal
Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora
A quem vos dá taõ má vida.
Ficai-vos, Senhor, embora.

FILODEMO.

Nessa ide vós, Senhora,
Que já vos tenho entendida. *Vai-se S*

SCENA VI.

FILODEMO *só.*

Ora se póde isto ser
Do qu'esta moça me avisa,
Que a Senhora Dionysa,
Por me ouvir, se fosse erguèr
Da sua cama em camisa!
E diz que mal me naõ quer,
Naõ queria maior gloria;
Mas o que mais posso crer,
Que nem para lhe esquecer
Lhe passo pela memoria.
Mas ter Solina tambem
Em Duriano o intento,

E levar-me a lenha o vento,
Porque s'ella lhe quer bem,
Para bem vai meu tormento.
Mas foi-se este homem perder
Neste tempo, de maneira,
Por huma mulher solteira,
Que naõ me atrevo a fazer
Que hum pequeno bem lhe queira.
Porém far-lh'ei hum partido,
Porqu'ella naõ se querelle,
Que se mostre seu perdido,
Inda que seja fingido,
Como lh'outrem faz a elle.
E já que me satisfaz,
E tanto nisto se alcança,
Dê-lhe fingida esperança:
Do mal que lhe outrem faz,
Tomará nella vingança. *Vai-se Filod.*

SCENA VII.

Entra VILARDO.

Ora boa está a cilada
De meu amo com sua ama,
Que se levantou da cama
Por ouvi-lo: está tomada:
Assi a tome má trama.

E mais crede, que quem canta,
Ainda descantará;
E quem do leito, onde está,
Por ouvi-lo se levanta,
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama formosa, e bella,
Saltasse o demonio nella,
Para a fazer namorar
De quem naõ he igual della?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz Celestina!
Que por naõ lhe aver inveja
Tambem para si deseja
O que o desejo lh'ensina.
Crede, que se me alvoróço,
Que a hei de tomar por dama;
E naõ será grão destroço,
Pois o amo quer a ama,
Que á moça queira o moço.
Vou-me, que vejo lá vir
Vanadoro, apercebido
Para a caça se partir,
E voto a tal, que he partido;
Para ver, e para ouvir.
Que he razaõ justa, e rasa,
Que seu folgar se desconte
Em quem arde como brasa;

Que se vai caçar ao monte,
Fique outrem caçando em casa. *Vai-se Vilard.*

SCENA VIII.

Entra VANADORO.

Approvada antiguamente
Foi, e muito de louvar,
A occupaçaõ do caçar,
E da mais antigua gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tem a ociosidade,
Mãi de todo o bruto vício:
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.
Este, dos grandes Senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,
Como officio que he prezado.
Pois logo porque razaõ
A meu pai ha de pezar
De me ver ir a caçar?
E taõ boa occupaçaõ
Que mal me póde causar?

SCENA IX.

Entra o MONTEIRO, *e diz.*

MONTEIRO.

Senhor, venho alvoroçado,
E mais com muita razaõ.

VANADORO.

Como assi?

MONTEIRO.

Que me he chegado
O mais extramado caõ,
Que nunca caçou veado.
Vejamos que me ha de dar.

VANADORO.

Dar-vos-hei quanto tiver;
Mas ha-se d'exprimentar,
Para se poder julgar
As manhas que póde ter.

MONTEIRO.

Póde assentar qu'este caõ,
Que tem das manhas a chave.
Bem feito? Em admiraçaõ.
Pois em ligeiro? He huma ave.
Em cometter? Hum leaõ.
Com porcos? Maravilhoso.
Com veados, Extremado.

Sobeja-lhe o ser manhoso.

VANADORO.

Pois eu ando desejoso
D'irmos matar hum veado.

MONTEIRO.

Pois, Senhor, como naõ vai?

VANADORO.

Vamos, e vós mui ligeiro
O necessario ordenai,
Qu'eu quero chegar primeiro
Pedir licença a meu pai.

ACTO SEGUN

SCENA I.

Entra DURIANO, *e diz*

Pois naõ creo eu em S. Pisco de pao,
pé em ramo verde, te lhe dar trezento
pois de ter gastado perto de trezentos
ella: porque logo lhe naõ mandei o seti
gas, fez de mim mangas ao demo: na
saber, senaõ qual he o galante que me
se vo-lo eu colho a balravento, eu lhe
mar quantas esperanças lhe a fortuna
minha. Ora tenho assentado, que am
com o dinheiro, como a maré com a Lũ
amor em aguas vivas; mas se vasa, vere
engano, e deixar em secco quantos g
como o peixe na agua.

SCENA II.

Entra FILODEMO, *e diz.*

FILODEMO.

O' lá: cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas noutas, para ver se me sahieis de alguma; porque quem vos quizer achar, he necessario que vos tire como huma alma.

DURIANO.

Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos preais de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados, de cahirem onde vós sabeis; pois sabeis, Senhor Filodemo, quaes saõ os que me matam: hũus muito bem almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e se prezam de brandos na conversaçaõ, e de fallarem pouco, e sempre comsigo, dizendo, que naõ daraõ meia hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gabam mais Garcilasso que Boscaõ; e ambos lhe sahem das mãos virgẽes; e tudo isto por vos meterem em consciencia, que se naõ achou para mais o Grão Capitam Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór rapazia do mundo foram altos espiritos, e eu naõ trocarei duas pescoçadas da minha etc., depois de ter feito a tosquia a hum frasco, e fallar-me por tu, e fingir-se-me be-

bada, porque o naõ pareça por quantos Sonetos estaõ escriptos polos troncos das arvores do Vale Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais.

FILODEMO.

Tá, tá, naõ vades avante, que vos perdeis.

DURIANO.

Aposto que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO.

Que?

DURIANO.

Que se me naõ acudieis com batel, que me hia meus passos contados a herege de amor.

FILODEMO.

Oh que certeza tamanha, o muito peccador naõ se conhecer por esse!

DURIANO.

Mas oh que certeza de maior, de muito enganado esperar em sua opiniaõ! Mas tornando a nosso proposito, que he o para que me buscais, que se he cousa de vossa saude tudo farei.

FILODEMO.

Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que naõ tem, Senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: naõ póde ser que a natureza naõ faça em vós o que a razaõ naõ póde: o caso he este, dir-vo-lo-hei; porém he necessario que primeiro alimpeis como marmélo, e que ajunteis para hum canto de casa todos esses máos pensamentos; porque segundo and

mal avinhado, damnareis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que naõ he servir a Senhora Dionysa; e postoque a desigualdade dos estados o naõ consinta, eu naõ pertendo della mais que o naõ pertender della nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga, que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e naõ de outro nenhum interesse.

DURIANO.

Bem praticado está isso, mas dias ha que eu naõ creo em sonhos.

FILODEMO.

Porque?

DURIANO.

Eu vo-lo direi, porque todos vós-outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melaõ, naõ ha de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Petro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de hum pagem d'arte, mostrando razões verisimeis, e apparentes, para naõ quererdes mais de vossa dama que vê-la, e ao mais até fallar com ella; pois inda achareis outros esquadrinhadores d'amor, mais especulativos, que defenderáõ a justa por naõ emprenhar o desejo; e eu faço-vos voto solemne, se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada, e apparelhada entre dous pratos, eu fico que naõ ficasse pedra

sobre pedra: e eu já de mi vos sei confessar que os meus amores haõ de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente, e eu agente, porque esta he a verdade: mas, com tudo, vá v. m. co' a historia por diante.

FILODEMO.

Vou, porque vos confesso que neste caso ha muita dúvida entre os Doctores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem 30. ou 40. legoas pelo sertaõ dentro de hum pensamento, senaõ quando me tomou á traiçaõ Solina, e entre muitas palavras que tivemos, me descobrio que a Senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

DURIANO.

Cobras, e tostões, signal de terra: pois ainda vos naõ fazia tanto avante.

FILODEMO.

Finalmente, veio-me a descobrir, que me naõ que[...] ria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; q[...] eu estava já concertado com minha pena a soffr[...] por sua causa, e naõ tenho agora sogeito para [...] manho bem.

DURIANO.

Grande parte da saude he para o doente trabal[...] por ser são. Se vos leixardes manquecer na estreb[...] com essas finezas de namorado, nunca chegareis [...] chegou Rui de Sande: por isso boas esperanç[...]

leme, que eu vos faço bom, que ás duas enxadadas acheis agua. E que mais passastes?

FILODEMO.

A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender, que faria por mi tudo o que lhe vós mereceis.

DURIANO.

Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor? porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, no son sino corredores del amor, e a cilada em que ella quer que eu caia.

FILODEMO.

Nem eu naõ quero que lho queirais, mas que lhe façais crer que lho quereis.

DURIANO.

Naõ... quanté dessa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhavados ás panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto naõ bastar, salgan las palabras mas sangrentas del coraçon, entoadas de feiçaõ, que digam que sou hum Mancias, e peor ainda.

FILODEMO.

Ora dais-me a vida. Vamos ver se por ventura apparece, porque Vanadoro, irmão da Senhora Dionysa, he fóra á caça, e sem elle fica a casa despejada, e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar, que todo

o seu passatempo he enxertar, e despôr, e outros exercicios d'Agricultura, naturaes a velhos; e pois o tempo nos vem à medida do desejo, vamonos lá, e se puderdes fallar fazei de vós mil manjares, porque lh façais crer que sois mais esperdiçado d'amor que hum Braz Quadrado.

DURIANO.

Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido d'ho fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha luz. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Entra DIONYSA, *e* SOLINA, *e diz* DIONYSA.

DIONYSA.

Solina, mana.

SOLINA.

Senhora.

DIONYSA.

Trazei-me cá almofada,
Que a casa está despejada,
E esta varanda cá fóra
Está melhor assombrada.
Trazei a vossa tambem
Para estarmos cá lavrando;
Em quanto meu pai naõ vem,
Estaremos praticando,
Sem nos estorvar ninguem.

SOLINA.

Este he o mesmo lugar
Onde estava o bem logrado,
Tal que de muito enlevado
Se esquecia do cantar
Por se enlevar no cuidado.

DIONYSA.

Vòs, mana, sois mui ruim:
Logo lhe fostes contar
Que me ergui polo escutar.

SOLINA.

Eu o disse?

DIONYSA.

Eu naõ o ouvi?
Como mo quereis negar?

SOLINA.

E pois isso que releva?
Que se perde nisso agora?

DIONYSA.

Que se perde? Assi, Senhora,
Folgareis vós que se atreva
A contá-lo lá por fóra?
Que se lhe meta em cabeça
Alguma parvoa tençaõ?
Que faça, se vem á maõ,
Algũa cousa que pareça?

SOLINA.

Senhora, naõ tem razaõ.

Nella, como quem naõ sente,
Fólgo de o escutar,
Só para lhe vir contar
O que della diz a gente.
Que eu naõ quero nada delle,
E mais porque está fallando
Naõ m'esteve ella rogando
Que fosse fallar com elle?

DIONYSA.

Disse-vo-lo assi zombando.
Vós logo tomais em grosso
Tudo quanto me escutais.
Parvo! Que ve-lo naõ posso.

SOLINA.

Ella alli, e o cam co' o osso:
Inda isto ha de vir a mais.
Pois que tal odio lhe tem?
Fallemos, Senhora, em al;
Mas eu digo que ninguem
Merece por querer bem
Que a quem lho quer, queira mal.

DIONYSA.

Deixai-o vós doudejar.
Se meu pai, ou meu irmaõ,
O vierem a aventar,
Naõ ha elle de folgar.

SOLINA.

Deos meterá nisso a maõ.

DIONYSA.

Ora hi polas almofadas,
Que quero hum pouco lavrar,
Por ter em que me occupar,
Que em cousas taõ mal olhadas
Naõ se ha o tempo de gastar.

SOLINA.

Que cousa somos mulheres!
Como somos perigosas!
E mais estas taõ viçosas
Que estaõ á boca que queres,
E adoecem de mimosas.
Se eu naõ caminho agora
A seu desejo, e vontade,
Como faz esta Senhora,
Fazem-se logo nessa hora
Na volta da honestidade.
Quem a víra o outro dia
Hum poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a phantasia,
Todá n'outra transformada!
Outro dia lhe ouviráõ
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginaçaõ
Cahir-lhe a agulha da maõ,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lh'eis á derradeira

A'ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher:
Entaõ diz que quer ser Freira.
E naõ se sabe entender.
Entaõ gaba-o de discreto,
De musico, e bem disposto,
De bom corpo, e de bom rosto:
Quanté entaõ eu vos prometto,
Que naõ tem delle desgosto.
Despois se vem attentar,
Diz que he muito mal feito
Amar homem deste geito,
E que naõ póde alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz taõ Senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra nessa hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.
Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito ha que della entendo
O fim que póde vir ter. *Vai-se Solin.*

SCENA IV.

Entra DURIANO, e FILODEMO, e diz DURIANO.

DURIANO.

Ora deixai-a ir, que á vinda lhe fallaremos: entretanto cuidarei o como hei de fazer, que naõ ha mór trabalho para hũa pessoa que fingir-se.

FILODEMO.

Dar-lhe-heis esta carta, e fazei muito com ella que a dê á Senhora Dionysa, que me vai nisso muito.

DURIANO.

Por mulher de taõ bom engenho a tendes?

FILODEMO.

E porque me perguntais isso?

DURIANO.

Porque ainda hontem entrou pelo a, b, c, e já quereis que lea carta mandadeira, fá-la-heis cedo escrever materia junta.

FILODEMO.

Naõ lhe digais que vos disse nada, porque cuida que por isso lhe fallais; mas fingi que de puro am[illegible] a andais buscando, a tempos que façam á vossa t[illegible] çaõ.

DURIANO.

Deixai-me vós a mi com o caso, que eu sei mel[illegible] as pancadas a estes vintes que vós; e eu vo-la [illegible]

je vir a nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos agrado porque ella lá vem.

FILODEMO.

Olhai lá, fazei que a naõ vedes, e fingi que fallais nvosco, que faz a nosso caso.

DURIANO.

Dizeis bem: yo sigo tristeza, remedio de tristes: la rible pena mia no la espero remediar; pois naõ de- assi de ser posantos e vanselos; mas muitos dias que eu sei que os amos, e os cangrejos, andam ás ssas. Ora, em fim, las tristezas no me espanten, rque suelen afloxar quanto mas duelen. *Vai-se Fil.*

SCENA V.

Entra SOLINA *com a almofada, e diz.*

SOLINA.

A qui anda passeando
Duriano, e só comsigo
Pensamentos praticando:
Daqui posso estar notando
Com quem sonha, se he comigo.

DURIANO.

Ah quaõ longe estará agora
Minha Senhora Solina,
De saber que estou bem fóra
De ter outra por Senhora,

Segundo o amor determina!
Porém se determinasse
Minha bemaventurança,
Que de meu mal lhe pezasse,
Até que nella tomasse
Do que lhe quero vingança!

SOLINA.

Comigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assi como por acerto:
Chegar-me-hei mais ao perto,
Por ver se me quer fallar.
Sempre esta casa ha d'estar
Acompanhada de gente,
Que naõ possa homem passar!

DURIANO.

A' traiçaõ vindes tomar
Quem já feridas naõ sente?

SOLINA.

Logo me a mi parecia,
Que era elle o que passeava.

DURIANO.

E eu mal adivinhava
Que me viesse este dia,
Que ha tantos que desejava.
Se hũus olhos por vos servir,
Com o amor que vos conquista,
Se atrevêram a sobir

Os muros da vossa vista,
Que culpa tem quem vos vir?
E se esta minha affeiçaõ,
Que vos sirve de giolhos,
Naõ fez erro na tençaõ,
Tomai vingança nos olhos,
E deixai o coraçaõ.

SOLINA.

Ora agora me vem riso.
Assi que vós sois, Senhor,
De siso meu servidor?

DURIANO.

De siso naõ, porque o siso
Me tem tirado o amor.
Porque o amor, se attentais,
N'hum taõ verdadeiro amante,
Naõ deixa siso bastante,
Senaõ se siso chamais
A doudice taõ galante.

SOLINA.

Como Deos está nos Ceos,
Que se he verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

DURIANO.

Mas fê-lo o démo, que Deos
Naõ faz mal tanto em extremo.

SOLINA.

Bem. Vós, Senhor Duriano,

Porque zombareis de mim?

DURIANO.

Eu zombo?

SOLINA.

Eu naõ me engano.

DURIANO.

S'eu zombo, inda em meu dano
Vejais vós mui cedo o fim.
Mas vós, Senhora Solina,
Porque me querereis mal?

SOLINA.

Sou mofina.

DURIANO.

Oh real!
Assi que minha mofina
He minha imiga mortal.
Dias ha qu'eu imagino,
Que em vos amar, e servir,
Naõ ha amador mais fino;
Mas sinto que de mofino
Me fino sem o sentir.

SOLINA.

Bem derivais: quanté assi
A' popa o dito vos veio.

DURIANO.

Vir-me-ha de vós, porque creio
Que vós fallais dentro em mi
Como esprito em corpo alheio.

E assi, que em estas piós
A cahir, Senhora vim,
Bem parecerá entre nós,
Pois vós andais dentro em mim,
Que ande eu tambem dentro em vós.

SOLINA.

E bem. Que fallar he esse?

DURIANO.

Dentro na vossa alma digo
Lá andasse, e lá morresse:
E se isto mal vos parece,
Dai-me a morte por castigo.

SOLINA.

Ah máo! Como sois malvado!

DURIANO.

Mas vós como sois malvada,
Que de hum pouco mais de nada
Fazeis hum homem armado
Como quem está sempre armada!
Dizei-me, Solina, mana.

SOLINA.

Que he isso? Tirai lá a maõ:
E vós sois máo cortezaõ.

DURIANO.

O que vos quero m'engana,
Mas o que desejo naõ.
Naõ ha aqui senaõ paredes,
As quaes naõ fallam, nem vem.

SOLINA.

Está isso muito bem.
Bem: e vós, Senhor, naõ vedes,
Que poderá vir alguem,

DURIANO.

Que vos custam dous abraços?

SOLINA.

Naõ quero tantos despejos.

DURIANO.

Pois que faraõ meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?

SOLINA.

Olhai que pouca vergonha!
Hi-vos di, boca de praga.

DURIANO.

Eu, naõ sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
E virdes-me a dar peçonha.

SOLINA.

Ora ide rir á feira,
E naõ sejais dessa laia.

DURIANO.

Se vedes minha canseira,
Porque lhe naõ dais maneira?

SOLINA.

Que maneira?

DURIANO.

A da saia.

SOLINA.

Por minha alma, hei de vos dar
Meia duzia de porradas.

DURIANO.

Oh que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
Que em mim saõ bem empregadas.

SOLINA.

Ao diabo, que o eu dou.
Como me doeo a maõ!

DURIANO.

Mostrai cá, minha affeiçaõ,
Que essa dor me magoou
Dentro no meu coraçaõ.

SOLINA.

Ora hi-vos embora asinha.

DURIANO.

Por amor de mi, Senhora,
Naõ fareis huma cousinha?

SOLINA.

Digo que vades embora.
Que cousa?

DURIANO.

Esta cartinha.

SOLINA.

Que carta?

DURIANO.

De Filodemo
A Dionysa vossa ama.

SOLINA.

Dizei, que tome outra dama,
E dê os amores ao démo.

DURIANO.

Naõ andemos pola rama.
Senhora, aqui para nós,
Que sentís della com elle?

SOLINA.

Grandes alforges sois vós!
Pois hi-lhe dizer que appelle.

DURIANO.

Fallai, que aqui estamos sós.

SOLINA.

Qualquer honesta se abala,
Como sabe que he querida.
Ella he por elle perdida,
Nunca n'outra cousa falla.

DURIANO.

Ora vou-lhe dar a vida.

SOLINA.

E eu naõ lhe disse já
Quanta affeiçaõ lh'ella tem?

DURIANO.

Naõ se fia de ninguem,
Nem crê que para elle ha

No mundo tamanho bem.

SOLINA.

Dir-vos-hia de mim lá
O que lh'eu disse zombando?

DURIANO.

Naõ disse, por S. Fernando.

SOLINA.

Ora ide-vos.

DURIANO.

Que me vá?
E mandais que torne? Quando?

SOLINA.

Quando eu cá vir lugar,
Vo-lo mandarei dizer.

DURIANO.

Se o quizerdes buscar,
Naõ vos deve de faltar,
Senaõ faltar o querer.

SOLINA.

Naõ falta.

DURIANO.

Dai-me hum abraço,
Em signal do que quereis.

SOLINA.

Tá, que o naõ levareis.

DURIANO.

De quantos serviços faço
Nenhum pagar me quereis?

SOLINA.

s-haõ algum'hora,
ami tambem me toca;
ora hi-vos embora.

DURIANO.

mãos beijo, Senhora,
quanto naõ posso a boca. *Vai-se Dur.*

SCENA VI.

IA, que traz a almofada, falla com DION

SOLINA.

Ja' vossa mercé dirá
Que estive muito tardando.

DIONYSA.

Bem vos detivestes lá.
Bofé que estava cuidando
Em naõ sei que.

SOLINA.

Que será?
Aqui somos: quanté agora
Está ella transportada. (*á parte.*

DIONYSA.

Que rosnais vós lá, Senhora?

SOLINA.

Digo, que tardei lá fóra
A buscar esta almofada.

Que estava ella agora só
Comsigo phantasiando?

DIONYSA.

Bofé que estava cuidando
Que he muito para haver dó
Da mulher que vive amando.
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado:
Com passear, com caçar,
Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada,
Que naõ tem contentamento,
Naõ tem desenfadamento
Mais que agulha, e almofada.
Entaõ isto vem parir
Os grandes erros da gente:
Foram mil vezes cahir
Princezas d'alta semente.
Lembra-me que ouvi contar
De tantas affeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,
Que as que agora vaõ errar
Podem ficar desculpadas.

SOLINA.

Senhora, a muita affeiçaõ

Nas Princezas d'alto estado
Naõ he muita admiraçaõ,
Que no sangue delicado
Faz amor mais impressaõ.
Mas deixando isto á parte,
Se m'ella quizer peitar,
Prometto de lhe mostrar
Huma cousa muito d'arte,
Que lá dentro fui achar.

DIONYSA.

Que cousa?

SOLINA.

Cousa d'esprito.

DIONYSA.

Algum panno de lavores?

SOLINA.

Inda ella naõ deo no fito?
Cartinha sem sobre-escripto,
Que parece ser de amores.

DIONYSA.

Essa he a boa ventura?

SOLINA.

Bofé que mo pareceo.

DIONYSA.

E essa donde nasceo?

SOLINA.

No meu çesto da costura:

Naõ sei quem m'alli meteo.

DIONYSA.

Mostrai-ma, naõ hajais medo,
Mana, eu que vos descobri.

SOLINA.

E se ella vem para mi,
Logo quer ver meu segredo?
Naõ a veja: vá-se di.
Ei-la-ahi.

DIONYSA.

Cuja será?

SOLINA.

Naõ sei certo cuja he.

DIONYSA.

Si sabeis.

SOLINA.

Naõ sei bofé

DIONYSA.

Ora a carta mo dirá.

SOLINA.

Pois lêa vossa mercê.

Abre DIONYSA *a carta, e lê-a.*

Carta.

Se para merecer minha pena me naõ falta mais que
iver contente della, já logo ma podeis Consentir,

pois que de nenhũa outra cousa vivo triste, senaõ por naõ ser para taõ doce tristeza. Se tendes por offensa commetter tamanha ousadia, por maior a devieis ter se a naõ commettesse; que amor acostumado he fazer os extremos ás medidas das affeições, e as affeições ás medidas da causa delle. Pois logo, nem o meu amor póde ser pouco, nem fazer menos: se este bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e senaõ muitas graças ao amor, que me soube dar hum cuidado, que com têlo se paga o trabalho de soffrê-lo.

SOLINA.

Quanta parvoice diz!

DIONYSA.

Ora muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
Naõ sejais vós taõ biliz,
Que bem vos entendo já.
Cuja he?

SOLINA.

E eu que sei?

DIONYSA.

Pois quem o sabe?

SOLINA.

O démo.

DIONYSA.

Certo que he de quem temo;
Que os ditos que nella achei

Saõ todos de Filodemo.
Este homem, que atrevimento
He este que foi tomar?
Qual será seu fundamento,
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento?
Naõ entendo delle nada;
Mas inda qu'isto he assi,
Disso que delle entendi,
Me sinto taõ alterada,
Que me arreceio de mi.
Eu inda agora naõ creio
Que he verdade este amor;
Mas praza a Deos, se assi for,
Que inda este meu arreceio
Senaõ converta em temor.

SOLINA.

Já vós, já sedes
Peixes nas redes.
Senhora, quem mais confia,
Mais asinha a cahir vem:
Natural he o querer bem;
Que o amor n'alma se cria,
Sem o sentir quem o tem.
Filodemo, no que ouvi,
Tem-lhe sobeja affeiçaõ;
E postoque o crea assi,
Ou eu sonhei, ou ouvi,

Que era d'alta geraçaõ.
Logo na philosomia,
Nas manhas, artes, e geito,
Mostra mui grande respeito:
Nem taõ alta phantasia
Naõ se põe em baixo peito.

DIONYSA.

Tudo isso cuido, e vi
Mil vezes miudamente;
Mas estas mostras assi
Saõ desculpas para mi,
E naõ para toda a gente.

SOLINA.

O seu moço vejo vir
A nós, seu passo contado:
Este he muito para ouvir,
Que diz que me quer servir
D'amores esperdiçado.

SCENA VII.

Entra VILARDO, *e diz.*

VILARDO.

Senhora, o Senhor seu pai,
Mesmo de vossa mercê,
Já lá para casa vai:
Por isso, Senhora, andai,

Que elle me mandon n'hum pé.
E diz que fosse jantar
Vossa mercê mesmamente.

SOLINA.

E já veio do pomar?

DIONYSA.

Oh quem pudéra escusar
De comer, nem de ver gente!
Nenhũa côr de verdade
Tenho do que m'elle manda.

VILARDO.

S'ella sem vontade anda,
Eu lh'emprestarei vontade,
Empreste-m'ella a vianda.

SOLINA.

Vá, Senhora, por naõ dar
Mais em que cuidar á gente.

DIONYSA.

Irei, mas naõ por jantar,
Que quem vive descontente
Mantem-se de imaginar.

VILARDO.

Pois tambem cá minhas dores
Me naõ deixam comer paõ;
Nem come minha affeiçaõ
Senaõ sopadas d'amores,
E mil postas de paixaõ:
Das lagrimas caldo faço

Do coraçaõ escudella:
Esses olhos saõ panella,
Que coze bofes, e baço,
Com toda a mais cabedella. *Vaõ-se todos.*

SCENA VIII.

Entra o MONTEIRO *em busca de* VANADORO, *q se perdeo na caça, e diz.*

MONTEIRO.

Perdeo-se por esta brenha,
Vanadoro, meu Senhor,
Sem que novas delle tenha:
Queira Deos que inda naõ venha
Desta perda outra maior.
Contra esta parte daqui
Des por hum cervo correo,
Logo desappareceo:
Como da vista o perdi,
O gosto se me perdeo.
Eu, e os mais caçadores,
Corremos montes, e covas,
Fallámos com Lavradores
Deste valle, e com Pastores,
Sem delle acharmos novas.
Quero ver nestes casais
Que cobre'aquelle arvoredo,

Se acharei Pastores mais,
Que me dem algũus signais
Que me possam tornar ledo.

Chama polos PASTORES *do casal, e responde-lhe hum* PASTOR.

O' dos casaes, ó de lá?
Ah Pastores naõ fallais?

PASTOR.

Quien sois, ó lo que buscais?

MONTEIRO.

Ouvis? Chegai para cá.

PASTOR.

Dizid vós lo que mandais.

Falla o BOBO, *filho do* PASTOR.

BOBO.

No vayais adó os llamó,
Padre, sin saber quien es.

PASTOR.

Porque?

BOBO.

Porque este es
Aquel ladron que hurtó
El asno del Portugues.
Y se vais adó estan

Os juro al cuerpo sagrado
De San Pisco, y San Juan,
Que tambien os hurtarán,
Que sois asno, mas honrado.

PASTOR.

Dexame ir, que me llamó.

BOBO.

No, por vida de mi madre,
Que si allà vays, muerto sò;
Y desta vez quedo yo,
Sin asno, triste, y sin padre.

MONTEIRO.

Vinde, que vo-lo encommendo
E em vossas mãos me ponho.

BOBO.

No vais, que dixo encomiendo,
Y encomiendoos al demonio:
Y esso es lo que andais haziendo?

PASTOR.

Dexame yr adò està,
Que no es cosa que me espante.

BOBO.

No quereis sino yr allà?
Pues echale pan delante,
Puede ser amansarà.

PASTOR.

Dios os guarde : que cosa es
Essa porque bozeais?

MONTEIRO.

Dar-m'heis novas, ou signais,
D'hum Fidalgo Portugues,
Se passou por onde andais?

BOBO.

Yo sò Hidalgo Portugues.
Que manda su Señoria?

PASTOR.

Callate : ò que nescio es?

BOBO.

Padre, no me dexarès
Ser lo que quisiere un dia?
Ah Santo Dios verdadero!
No serè lo que otros son?
Digo agora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.

PASTOR.

Callate ya bobarron.

BOBO.

Ya me callo : aora un poco
He de ser lo que yo quisiere.

PASTOR.

Señor, diga lo que quiere,
Porqu'este mochacho es loco,
Y muero porque no muere.

MONTEIRO.

Digo, que se por ventura
Sabeis o que ando buscando;

Hum Fidalgo que caçando
Se perdeo nesta espessura
Apoz hum cervo andando.
Tenho esta parte corrida,
Sem delle poder saber:
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca se tambem a vida.
Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assás.

BOBO.

Yo no puedo callar màs,

PASTOR.

Como no puedes callar?
Quitate allà para tras.
Quanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.

MONTEIRO.

Oh trabalhosa fortuna!

PASTOR.

Mas detras daquesta sierra
Hallareis por dicha alguna:
Que unas choças de vaqueros
Portugueses alli estan,
Y ahi muchas vezes van
Caçadores Cavalleros:
Puede ser que lo sabran.

MONTEIRO.

Quero-me ir lá saber.
Ficai-vos, a Deus Pastor.

PASTOR.

Dios os livre de dolor.

BOBO.

Y a nós dè siempre comer,
Pan, y sopas, qu'es mejor.
Mirad lo que os notifico
En aquel valle, acullá,
Anda paciendo un borrico,
Hidalgo, manso, y bonico,
Puede ser que esse será.

PASTOR.

Calla, y acaba de andar.

BOBO.

Já ando.

PASTOR.

Quieres callar?
Bobo, que tan poco sabe!

BOBO.

No dizeis que ande y acabe?
Ando, y no quiero acabar. *Vaõ-se todos.*

ACTO TERCE

SCENA I.

Entra FLORIMENA, *Pastora, com vai á fonte, e diz.*

FLORIMENA.

Por este formoso prado
Tudo quanto a vista alcança
Taõ alegre está tornado,
Que a qualquer desesperado
Póde dar certa esperança.
O monte, e sua aspereza,
De flores se veste lédo;
Reverdece o arvoredo;
Sómente em minha tristeza
Está sempre o tempo quedo.
Junto desta fonte pura,
Segundo a muitos ouvi,
D'altos parentes nasci:
Foi como quiz a ventura,
Mas naõ como eu mereci.

O dia que fui nascida,
Minha mãi do parto forte
Foi sem cura fallecida;
E o dia que me deo vida
Lhe dei eu a ella a morte.
Do mesmo parto nasceo
Meu irmão, que entre os cabritos,
Cõmigo tambem viveo;
Mas assi como cresceo,
Crescêram nelle os espritos.
Foi-se buscar a Cidade;
Teve juizo, e saber,
Eu fiquei como mulher,
E naõ tive faculdade
Para poder mais valer.
A hum Pastor obedeço
Por pai, que d'outro naõ sei;
E pola mãi que matei
A huma cabra conheço
De cujo leite mamei.
Mas porém, já qu'este monte
Me obriga, e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
Que c' os olhos accrescento.

SCENA II.

Em quanto finge que enche a talha, entra VANADORO, *e diz.*

VANADORO.

Pois que me vim alongar
Dos caminhos, e da gente,
Fortuna que o consente
Se devia contentar
De me ter taõ descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por taõ espesso arvoredo,
Por taõ aspero rochedo,
Quanto mais busco o caminho,
Tanto mais delle me arrédo.
O cavallo, como amigo,
Já cansado me trazia;
Mas deixou-me todavia:
Que mal poderá comigo
Quem comsigo naõ podia.
Quero-me aqui assentar
A' sombra, nesta hervinha;
Porque canso já de andar;
Mas inda a fortuna minha
Naõ cansa de me cansar.
Junto desta fonte pura

Naõ sei quem cuido qu'está;
Mas no coraçaõ me dá,
Que aqui me guarda a ventura
Algũa ventura má.
Ou ganhado, ou bem perdido,
Faça, em fim, o que quizer,
Que eu o fim disto hei de ver;
Que já venho apercebido
A tudo quanto vier.
Oh que formosa Serrana
A' vista se me offerece!
Deosa dos montes parece;
E se he certo que he humana,
O monte naõ a merece.
Pastora taõ delicada,
De gesto taõ singular,
Parece-me que em lugar
De perguntar pola estrada,
Por mim lh'ei de perguntar.
Atéqui sempre zombei
De qualquer outra pessoa
Que affeiçoada topei;
Mas agora zombarei
De quem se naõ affeiçoa.
Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveo;
Dizei-me : Por qual ventura
Andareis nesta espessura,

Merecendo estar no Ceo?

FLORIMENA.

Tamanho inconveniente
Andar na serra parece?
Pois a ventura da gente,
Sempre he mui differente,
Do que ao parecer merece.

VANADORO.

Tal resposta he manifesto
Naõ se parecer co' as cabras;
Pois naõ vos parece honesto
Saberdes matar co' o gesto,
Senaõ inda com palabras.
No mato tudo he rudeza.
Ha tal gesto, e discriçaõ?
Naõ o creio.

FLORIMENA.

Porque naõ?
Naõ supprirá natureza
Onde falta criaçaõ?

VANADORO.

Já logo nisso, Senhora,
Dizeis, senaõ sinto mal,
Que do vosso natural
Naõ era serdes Pastora.

FLORIMENA.

Digo, mas pouco me val.

VANADORO.

Pois quem vos pôde trazer
A' conversaçaõ do monte?

FLORIMENA.

Perguntai-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crer,
Hum as faça, outro as conte.

VANADORO.

Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA.

Senhor, mais naõ pergunteis,
Porque outra cousa de mi,
Sabei, que naõ sabereis.
De vós agora sabei,
O que naõ tendes sabido:
Se quereis agua bebei:
Se andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VANADORO.

Senhora, eu naõ vos pedia,
Que ninguem m'encaminhasse,
Que o caminho que eu queria,
Se o eu agora achasse,
Mais perdido me acharia.
Naõ quero passar daqui;
E naõ vos pareça espanto,

Que em vos vendo me rendi;
Porque quando me perdi,
Naõ cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA.

Senhor, quem na serra mora
Tambem entende a verdade
Dos enganos da Cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual for mais sua vontade.

VANADORO.

O' lindissima donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como estrella;
Quereis-me deixar a pena,
E levar-me a causa della?
E já que vos conjurastes
Vós e amor para matar-me,
Oh naõ deixeis d'escutar-me:
Pois a vida me tirastes,
Naõ me tireis o queixar-me.
Que eu em sangue, e em nobreza,
O claro Ceo me extremou;
E a fortuna me dotou
De grandes bẽes, e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui,
Apoz hum cervo ferido,
Permittio meu fado assi,

Que andando dos meus perdido,
Me venha perder a mi.
E porque inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem m'ensinasse,
Porque via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permitio
A fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o cervo ferio,
Vá como cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte,
Eu a elle, outrem a mi:
Huma differença ha aqui,
Qu'elle vai sarar á fonte,
E eu nella me feri.
E pois que taõ transformado
Me tem vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA.

Dos arminhos he certeza,
Se lhe a cova alguem çujar,
Morar fóra antes d'entrar:
D'estimar muito a limpeza
Pola vida a vai trocar.

Tambem quem na serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser Pastora,
Que perder a honestidade,
A troco de ser Senhora.
Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de mim:
O que ella vio, ella o conte;
Porque eu vou-me para o monte,
Porque ha já muito que vim. *Vai-se F*

SCENA III.

VANADORO.

O' linda minha inimiga,
Gentil Pastora, esperai:
Pois que tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga;
Vá o corpo onde alma vai.
E pois por vós me perdi,
E neste estado amor me pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixaste sem mi,
Oh naõ os deixeis sem vós.
Porque a fortuna me disse,
Que nas serras, onde andais,
Em estes extremos tais,

Naõ era bem que vos visse
Para naõ ver de vós mais.
E pois amor se quiz ver
Da livre vida vingado,
Em que eu sohia viver,
Faça em mi o que quizer,
Que aqui vou ao jugo atado.

Vai-se Vanadoro apoz de Florimena.

SCENA IV.

Entrà Dom LUSIDARDO *pai de* VANADORO, *que quer ir em sua busca, e o* MONTEIRO, *e* FILODEMO, *e diz Dom* LUSIDARDO.

LUSIDARDO.

Oh Santo Deos verdadeiro,
A quem o Mundo obedece!
Meu filho naõ apparece:
E que me dizeis Monteiro?

MONTEIRO.

Digo-lhe que m'entristece.
Que eu corri por esses montes,
Bem quinze leguas, ou mais,
E busquei polos casais,
Por serras, montes, e fontes,
Sem ver novas, nem signais.
Toda a gente que levou,

Buscando-o, muito cansada,
Pelo mato anda espalhada;
Mas ainda ninguem tornou,
Que soubesse delle nada.

LUSIDARDO.

Oh fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho, e meu amor,
Que se he muito grande o mal,
Muito mór he o temor?
Quem tolhe que naõ achasse
Algum leaõ temeroso,
N'algum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse,
Em seu corpo taõ formoso?
Quem ha que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
D'algum monte naõ sahisse,
E com seu sangue tingisse
As hervas nelle nascidas?
O' filho, vai-me a lembrar,
Quantas vezes vos mandava,
Que deixasseis o caçar:
Naõ cuidei de adivinhar
O que fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos
Por esses montes, por hi;
Ou a perder-me, ou cobrar-vos;

Que morte que quiz matar-vos,
Quero que me mate a mi.
Onde fostes, fenecido
Seja tambem vosso pai;
Ser-me-ha acontecido,
Como virote que vai
Buscar outro que he perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Para esta casa guardar,
Que de vosso bom cuidado
Tudo se póde fiar.
Ide-vos a fazer prestes,
Mandai cavallos sellar,
Pois achá-lo naõ podestes,
Ir-m'heis buscar o lugar
Onde da vista o perdestes. *Vaõ-se.*

SCENA V.

Entra o BOBO *com o vestido de* VANADORO, *a quem* VANADORO *o deo, por se vestir de* PASTOR, *e diz cantando.*

Los mochachos del Obispo
No comen cosa mimosa,
Ni çanca d'araña, ni cosa mimosa.

Falla.

De su sayo colorado
Tan loçano me vestiò!
Y pues yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado,
Que este sayo me trocò.
Oh que asno Portugues,
Que loco por Florimena,
Desseò çamarra agena,
E dame por enterès,
Una çamarra tan buena!
Como yo vi la bovilla
Andar con el en questiones,
Y pararsele amarilla,
Dixele: Florimenilla,
Andais en dongolondrones?
El me dixo: Matalote,
No tengais dello desmayo:
Y en esto, como un rayo,
Tomome mi capirote,
Y diome su capisayo.
Capirote, en buena fé,
Si vós, quando en mi entrastes,
Capisayo vos tornastes,
Que yo por esso cantarè,
Pues ansi me mejorastes.

Canta.

Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Con que? Con capirotada.
Por hablar con la golosa
D'amores, mirad la cosa,
Çamarrilla tan hermosa,
Que me ha dado tan honrada,
Con que? Con capirotada.

Falla.

Yo entonces respondi:
Señor, dame pan y queso,
Mas despues que lo entendi,
Dixe a ella: Dale un beso,
Qu'el me diò çamarra a mi.
Agora me miraràn
Quantos a la Yglesia fueren;
Y aquellos que no me quieren,
Aora me rogaràn.
Sabeis porque no querrè?
Porque estoy ahidalgado;
Y quando fuere rogado,
Cantando responderè,
Que ya estoy otro tornado.

Canta, e baila.

Soropicote, picote, moças,
Aora quiero amores con vosoutras.

SCENA VI.

Entra o PAI, *e diz.*

PAI.

Hijo Alonsillo.

BOBO.

Hijo Alonsillo.

PAI.

No me quieres escuchar?

BOBO.

Pues dexame suspirar.

PAI.

Escuchame aora asnillo
Lo que te quiero mandar.
Vete al valle de las rosas,
Di a Anton del Lugar,
Que se puede acá llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar.
Porque es aqui allegado
A este valle un hombre honrado,

ACTO TERCEIRO.

Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.
Dize que quiere casar
Con ella, que su tormiento
No le dexa reposar;
Y que venga festejar
Tan dichoso casamiento.

BOBO.

Dizid, padre, tambien vòs
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adòs.

PAI.

Vè, y has lo que te digo.

BOBO.

Responde, padre, por Dios.

PAI.

Vè luego, y buelve apressado.
Anda. No quieres andar?

BOBO.

Pues que me aveis empuxado,
Juro a mi de desandar
Todo quanto tengo andado.

PAI.

Trabajoso es este insano;
Nunca haze lo que quereis.

BOBO.

Ora no os apassioneis,

Mi padrecico loçano,
Que burlava, y no lo veis.

PAI.

Vete dahi.

BOBO.

Heme aqui.

PAI.

Vè donde te dixe.

BOBO.

Ya vengo.
Oh que padrasto que tengo,
Que assi me manda por ahi,
Sendo camino tan luengo! *Vaõ-se.*

ACTO QUARTO.

SCENA I.

Entra DIONYSA, *e* SOLINA.

DIONYSA.

O' Solina, minha amiga,
Que todo este coraçaõ
Tenho posto em vossa maõ;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que naõ.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remedio lhe naõ sei,
Que entregá-lo ao soffrimento.
Meu pai muito entristecido
Se vai pela serra erguida,
Já da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida.
Sem cuidar,
Foi a casa encommendar

A quem destruir lha quer :
Olhai que gentil saber,
Que vai comigo deixar
Quem me naõ deixa viver.

SOLINA.

Senhora, em tanto desgosto
Naõ posso meter a maõ;
Mas como diz o rifaõ,
Mais val vergonha no rosto,
Que mágoa no coraçaõ.
E bofé, se tanto amasse,
E visse tempo, e sazaõ,
Sem seu pai, sem seu irmaõ,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coraçaõ.

DIONYSA.

Ah mana, que tenho medo,
Que s'eu em tal consentisse,
Que logo o Mundo o sentisse,
Porque nunca houve segredo,
Que, em fim, se naõ descobrisse.

SOLINA.

Se eu tantas dobras tivesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
A' fé qu'eu enriquecesse,
E fosse das mais honradas.

DIONYSA.

Sabeis que tenho em vontade?

SOLINA.

Que podeis, Senhora, ter?

DIONYSA.

Fallar-lhe, só para ver
Se he por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

SOLINA.

Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como para lhe rogar,
Que hum annel, que lá me tem,
Que mo mande concertar.

DIONYSA.

Dizeis mui bem.

SOLINA.

Vou-me lá
Chamar o seu moço á sala;
E s'este parvo vem cá,
Com elle hum pouco rirá,
Que sempre amores me falla.
Vilardo, moço?

SCENA II.

Entra o MOÇO VILARDO.

VILARDO.

Quem chama?

SOLINA.

Vem cá, moço; eu te chamo.
Qu'he de teu amo?

VILARDO.

Ah que dama!
Perguntais-me por meu amo,
E naõ por hum que vos ama?

SOLINA.

E quem he esse amador,
Que quer ter comigo passo?
Será elle algum madrasso?

VILARDO.

Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhasso.
E mais vós sabei de mi,
Se eu a dizê-lo me atrevo,
Que desqu'esses olhos vi,
Que yo, ni como, ni bebo,
Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Naõ sou ora taõ madraço.

SOLINA.

Sois muito desmazelado.

VILARDO.

Mas antes de delicado
Caio pedaço a pedaço,
E mais eu soffrer naõ posso,
Que me façais tanto fero,
Qu'estou já posto no osso,
Porque sou vosso, e revosso,
Por vida de quanto quero.

SOLINA.

Feros está chêa a rua,
Ora estou bem aviada.

VILARDO.

Cupido, por vida tua,
Que a naõ façes taõ crua,
Pois que te naõ faço nada.
Amor, amor, mas te pido,
Que quando se for deitar,
Que le digas al oido:
Devieis-vos de lembrar
Neste tempo de hum perdido.

SOLINA.

E tu já fazes coprinhas?
Ainda tu trovarás?

VILARDO.

Quem eu? Por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas,

Que digais que naõ saõ más.

SOLINA.

Ora pois me quereis bem,
Dizei-me huma.

VILARDO.

Ei-la aqui;
E veja o saibro que tem;
Porque esta trovinha assi,
Saiba qu'he trova do assem.

Diz o mòço a trova.

Passarinhos, que voais
Nesta manhãa taõ serena;
Sabei que só minha pena
Póde encher mil cabeçais.

SOLINA.

O rifaõ está salgado.
Essa pena te dou eu?

VILARDO.

Vós, e amor, que de malvado
Me tem melhor empenado,
Que nenhum virote seu.
Pois se me ouvíreis cantar!

SOLINA.

E tu es tambem cantor?

VILARDO.

Canto melhor que hum açor.
Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor?
E que vos mande tanger,
Muito melhor que ninguem?

SOLINA.

Já isso quizera ver.

VILARDO.

Querer-m'eis se o eu fizer,
Algum pedaço de bem?

SOLINA.

Querer-t'ei trinta pedaços.

VILARDO.

E esse querer dará fruito,
Que me tire destes laços?

SOLINA.

E que fruito?

VILARDO.

Dous abraços.

SOLINA.

Esse fruito custa muito.

VILARDO.

Esse he o amor que em vós ha?
Pezar de minha mãi torta.

SOLINA.

Ora hi, chamai logo lá

Vosso amo que venha cá,
Porque he cousa que importa.

VILARDO.

Logo?

SOLINA.

Logo nessas horas.

VILARDO.

Naõ estarei aqui mais?

SOLINA.

Naõ. Ainda ahi estais?
Vós haveis mister esporas.

VILARDO.

Irei, porque me mandais. *Vaõ-se.*

SCENA III.

Entra o PASTOR, *e* VANADORO *com elle* PASTOR, *e diz o* PASTOR.

PASTOR.

Mas de un mez es ya passado
Que en esta sierra andais;
Y es caso mal mirado,
Que andeis guardando ganado
Por una que tanto amais.
Y si os determinais
En querer casar con ella,
Juro a mi que nada errais;

Y sí esso es para havella,
En vano cabras guardais.
Ya me distes vuestra fé,
Sabenlo estas tierras todas;
Yo con ella m'engañè,
Que luego mandar llamè,
Quien festejasse las bodas.
Y agora dizis con pena,
Qu'es dura cosa casar:
Poes bolveos nora buena,
Que no aveis d'engañar
Con palabras Florimena.

VANADORO.

Quem ha de ter coraçaõ
Para tamanho temor?
Que em mim pegando estaõ,
De huma parte a razaõ,
E d'outra parte o amor.
Tambem vejo que perdella
Será minha perdiçaõ;
Que bem me diz a affeiçaõ,
Que pouco faço por ella,
Pois naõ desfaço em quem saõ.

PASTOR.

Digoos, si por baxeza
Dizis que no os conviene,
Daros he una certeza,
Que en sangre, y en nobleza,

Tanto como vós la tiene.

VANADORO.

Pastor, digo que daqui
Farei tudo que quizerdes;
E se mais quereis de mi,
Digo que vos dou o si
Para tudo o que quizerdes.

PASTOR.

Dios os dè su bendicion;
Y pues que casais con ella,
Yo os afirmo en conclusion,
Que aun de vos, y mas della,
Vendrá gran generacion.
Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla assi mal compuesta;
Vendrá quien haga la fiesta,
Que en plazer y regozijo,
Nos festeje esta floresta. *Vai-se*

SCENA IV.

VANADORO *só.*

O' ribeiras taõ formosas,
Valles, campos pastorís;
Porque vos naõ revestís
De novas flores, e rosas,
Se minha gloria sentís?

Porque naõ seccais abrolhos?
E vós, agua, que regando
Os olhos is alegrando;
Correi, que tambem meus olhos
D'alegres estaõ manando.
Ah Pastora, em quem espere
Poder viver descansado!
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti naõ quero
Nenhuma alteza d'estado.
Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'huma palha,
Porque está claro, e evidente,
Que naõ ha honra que valha
Contra a vida descontente.

SCENA V.

tram tres PASTORES *bailando, e cantando de terceiro, diante do* PASTOR, *que traz* FLORIMENA, *diz o* PASTOR.

PASTOR.

Pues el amor os obliga
A que hagais tan buena liga,
Tomando a Dios por testigo,
Daqui os la entrego amigo,
or muger, y por amiga.

VANADORO.

Consentís nisto, Senhora?

FLORIMENA.

Senhor, em tudo consento.

VANADORO.

Oh grande contentamento!

FLORIMENA.

Saiba que nunca té gora
Lhe houve inveja ao tormento.

PASTOR.

Assi lo dizes bobilla?
O mala dolor os duella!
Pero no es maravilla
Quien consiente ansi la silla,
Consienta tambien la espuela.

SCENA VI.

Tornam a bailar, e cantar, e acabado, en LUSIDARDO, *e o* MONTEIRO, *que and* *busca de* VANADORO, *e diz* D. LUSIDAR

LUSIDARDO.

Tres dias ha jà que ando
Por esta larga espessura
A Vanadoro buscando,
E o que delle vou achando
He como quer a ventura.

MONTEIRO.

Senhor, cuido que lá vejo
Hũus Lavradores cantar.

LUSIDARDO.

Hi diante perguntar.

MONTEIRO.

Cumprido he seu desejo,
Se a vista naõ m'enganar.

LUSIDARDO.

Como assi?

MONTEIRO.

Elle naõ vê
Aquelle Pastor louçaõ,
Com huma moça pola mão?
Se Vanadoro naõ he,
Nem eu o Monteiro saõ.

PASTOR.

Quien veo allà assomar,
Que se viene a nuestras bodas?

BOBO.

No los dexemos llegar,
Que nos vendran a roubar,
Juro a mi, las migas todas.

LUSIDARDO.

O' Vanadoro, meu filho,
Es tu este?

VANADORO.

Tal estou,

Que cuido que este naõ sou.

LUSIDARDO.

Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou.
Como estais assi mudado
No rosto, e mais no vestido!

VANADORO.

Ando já n'outro trocado;
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se vossa mercê vem
Para me levar daqui,
Mais ha de levar que a mi;
E ha de ser quem me tem
Todo transformado em si.

BOBO.

Esso porque lo entendeis?
Por las migas, por ventura?
Boto a tal no llevareis:
Por mas y por mas que andeis
No hareis tal travessura.

VANADORO.

Esta formosa donzella
Em mi teve tal poder,
Que folguei de me perder;
Pois, em fim, vim achar nella
O que naõ cuidei de ser.
Tanto em mi pode este amor,

Que a tenho recebida;
E se o erro grave for,
Aqui quero ser Pastor,
Deixe-me ter esta vida.

LUSIDARDO.

He certo tal casamento?

VANADORO.

Tenha-o por cousa segura.

LUSIDARDO.

Oh grande acontecimento!
Desta arte sabe a ventura
Aguar hum contentamento!

PASTOR.

Oigame, Señor, a mi,
Como hombre sabio, discreto,
Porque acaescio assi,
Y lo que supe hasta aqui
Lo puede tener por cierto.
Muchos años son corridos,
Que en esta fuente abierta,
En estos valles floridos,
Hallè dos niños nascidos,
Y a su madre casi muerta.
Los niños chicos criè,
Y desto cierto me arreo,
Y a la madre sepultè;
Y despues un gran desseo
De saber esto tomè.

Como yo fuesse enseñado
De chico a la magica arte
Por mi padre, qu'es finado,
Mui conoscido, y nombrado,
Soy por tal en toda parte.
Yo con yervas de la sierra,
Animales, y otras cosas,
Harè, si el arte no se yerra,
Que desciendan a la tierra
Las estrellas luminosas.
Soy, en fin, certificado,
Que la madre de los dos
Fue Princeza d'alto estado,
E por un caso nombrado
La traxo a esta tierra Dios.
El macho, como creciò,
Desseoso de otro bien,
A la Corte se partiò:
La hembra es esta por quien
Vuestro hijo se perdiò.
Y si mas quiere, Señor,
De mi arte prestamente,
Dello le harè sabedor;
Mas ha de ser de tenor,
Que no lo sepa la gente.

LUSIDARDO.

Mas vamos-nos, se quereis,
Que naõ soffro dilaçaõ,

A minha casa, e entaõ
Lá disso me informareis,
Que caso he de admiraçaõ.
E vós, filho, naõ cuideis
Que a gloria de vos achar
Naõ he tanto d'estimar
Que em qualquer estado que esteis,
Naõ folgue de vos levar. *Vaõ-se todos.*

ACTO QUINTO.

SCENA I.

Entra SOLINA, *e diz vendo vir a* FILODEMO

SOLINA.

Eis Filodemo lá vem
Asinha : acodio ao leme.

DIONYSA.

Isso he de quem quer bem;
Mas naõ sei se o vio alguem,
Porque quem espera teme.
Agora me quizera eu
Daqui cem mil leguas ver.

FILODEMO.

Folgára eu assi de ser,
Porqu'este cuidado meu
Fora mais de agradecer.
Que quando por accidente
Da fortuna desastrado,
Fosse apartado da gente
N'hum deserto, onde sómente
Das feras fosse guardado:

E por ferro, fogo, e agoa,
Buscar minha morte iria:
A voz ronca, a lingua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa,
A's montanhas contaria.
Lá mui contente, e ufano,
De mostrar amor taõ puro,
Poderia ser que o dano,
Que naõ ouve hum peito humano,
Que movesse hum monte duro.

DIONISA.

Nesse deserto apartadó
De toda a conversaçaõ
Merecieis degradado
Por justiça, com pregaõ,
Que dissesse, por ousado.
E eu tambem merecia
Metida a grave tormento,
Pois que como naõ devia,
Vim a dar consentimento
A taõ sobeja ousadia.

FILODEMO.

Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que amor ordena;
E se pouco mereci,
Tudo o que percò por mi,
Mereço por minha pena.
E se amor pode vencer,

Levando de mi a palma,
Eu naõ lho pude tolher;
Que os homẽes naõ tem poder
Sobre os effeitos da alma.
E ainda que pudéra
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o naõ fizera;
Que pouco valêra eu,
Se contra vós me valêra.
Naõ deve logo ter culpa
Quem se venceo d'armas tais:
Assi que nisto, e no mais,
Tómo por minha desculpa
Vós mesma, que me culpais.
E se este atrevimento,
Com tudo, for de culpar,
Acabai de me matar;
Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar.
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em [illegible] consciencia
O que me [illegible] ora?
Que dize[illegible]

Segundo me sinto agora,
Para poder responder.
Respondei-lhe, vós Solina,
Pois que a vós me entreguei.

SOLINA.

Bofé naõ responderei.
Veja elle o que determina.

DIONYSA.

Naõ o vejo, nem o sei.

SOLINA.

Pois eu tambem naõ sei nada.

DIONYSA.

Porque?

SOLINA.

Do que eu fizer,
Se despois se arrepender,
Dirá que eu fui a culpada.

DIONYSA.

Eu só quero a culpa ter.

SOLINA.

Senhora, por naõ errar,
Naõ quero que fique em mim.
Esta noite no jardim
Ambos podem praticar,
Como isto venha a bom fim.
Lá poderáõ ajustar
Entr'ambos o parecer,
Que eu naõ m'hei nisso de achar;

Levando de mi a palma,
Eu naõ lho pude tolher;
Que os homẽes naõ tem poder
Sobre os effeitos da alma.
E ainda que pudéra
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o naõ fizera;
Que pouco valêra eu,
Se contra vós me valêra.
Naõ deve logo ter culpa
Quem se venceo d'armas tais:
Assi que nisto, e no mais,
Tómo por minha desculpa
Vós mesma, que me culpais.
E se este atrevimento,
Com tudo, for de culpar,
Acabai de me matar;
Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar.
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciencia
O que me podeis dever.
Que dizeis a isto, Senhora?

DIONYSA.

Eu que vos posso dizer?
Já naõ tenho em mi poder,

Segundo me sinto agora,
Para poder responder:
Respondei-lhe, vós Solina,
Pois que a vós me entreguei.

SOLINA.

Bofé naõ responderei.
Veja elle o que determina.

DIONYSA.

Naõ o vejo, nem o sei.

SOLINA.

Pois eu tambem naõ sei nada.

DIONYSA.

Porque?

SOLINA.

Do que eu fizer,
Se despois se arrepender,
Dirá que eu fui a culpada.

DIONYSA.

Eu só quero a culpa ter.

SOLINA.

Senhora, por naõ errar,
Naõ quero que fique em mim.
Esta noite no jardim
Ambos podem praticar,
Como isto venha a bom fim.
Lá poderáõ ajustar
Entr'ambos o parecer,
Que eu naõ m'hei nisso de achar;

Que naõ quero temperar
O que outrem ha de comer.

DIONYSA.

Vós vede a torvaçaõ,
Que lá nessa casa vai?

SOLINA.

Dé-me cá no coraçaõ,
Que he vindo o Senhor seu pai,
Com o Senhor seu irmaõ.

DIONYSA.

Filodemo, hi-vos embora,
Fallai depois com Solina.

SOLINA.

Vamos-nos tambem, Senhora,
Receber seu pai lá fóra,
Naõ venha sentir a mina. *Vaõ-se tod*

SCENA II.

Entra VILARDO, *e* DOLOROSO, *que*
huma musica a SOLINA *com os* MUSICO
logo VILARDO.

VILARDO.

Assi que te contava, Doloroso, destas em
pre andam rugindo as sedas.

DOLOROSO.

Avante, que bem sei que o naõ dizeis pol
de Veneza.

VILARDO.

Já sabeis que esta nossa Solina he taõ Celestina, que naõ ha quem a traga a nós.

DOLOROSO.

Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti; porque estas taes saõ como homens sisudos; se de noite se acham em algum arruido, onde possam fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e ao outro dia, quem ha de cuidar que hum homem taõ honrado havia de fugir: outros dizem, bem póde ser, porque noite escura he capa de Judeos, e de envergonhados.

VILARDO.

Mui gentíl comparaçaõ he esta; mas assi que te dizia o outro dia, assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e já chamei outros dous meus amigos, que logo haõ de vir aqui ter comnosco.

DOLOROSO.

Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Naõ seja de siso; porque será a maiór parvoice do mundo; porque naõ concerta com a parvoice que tu finges.

VILARDO.

A musica naõ he senaõ das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cam de busca pude achar humas nesperas por toda esta terra.

DOLORÓSO.

Nem [illegible] acharás [illegible] alugadas; mas eu naõ sou de opiniaõ que teus amores te custem dinheiro. Ora já lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem aju-darei de telhinha, ou de assovio, e vem-me isto á pepa, porque daqui iremos á porta da minha padei-rinha, porque ando com ella n'hum certo requeri-mento.

VILARDO.

Vossas mercês vem ao proprio : boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

AMIGO.

Tudo vem como cumpre? mandai vigiar a Justiça entretanto.

VILARDO.

Ora sus : fazei como se temperasseis cabeça de pes-cada com seu figado, e bucho, e canada e meia, que nunca meu pai fez tamanho gasto na sua Missa nova.

Neste passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, ou-tro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz VILARDO.

VILARDO.

Estai assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

DOLOROSO.

Justiça, pelo corpo de tal : ora sus : aqui naõ ha outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras. *Vaõ-se todos.*

SCENA III.

Entra o MONTEIRO, *e diz.*

Como he gracioso este mundo, e como he galante, e quaõ gracioso seria quem o pudesse ver de palanque, com carta d'alforria ao pescoço, porque naõ podessem entender nelle Meirinhos, Almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notai bem de quantas côres teceo a fortuna esta manta d'Alentejo: perdeose Vanadoro na caça, eis a casa toda envolta como rio: o pai enfadado, a irmãa triste, a gente desgostosa; tudo, em fim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleaõ, decepado dos pés, e das mãos, por huma Serranica d'Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebesse por mulher; e rapa oleo, e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pai; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deos disse: Por esta deixarás teu pai, e mãi. E attentai isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era solus peregrinus: sabei que os naõ dá a fortuna senaõ aos pares, como quédas. Dionysa mais mimosa, e mais guardada de seu pai que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos naõ tinha feito inda o enequim; mais formosa que

penna.

SCENA IV.

Entra DURIANO, *como cantand*

DURIANO.

Ti ri ri, ti ri raõ.

MONTEIRO.

Que he isso, Senhor Duriano? Que des
esses? Onde he cá a ida agora?

DURIANO.

Vou assi como parvo, porque o melhor
ber homem nada de si.

MONTEIRO.

Que dizeis a vosso amigo Filodemo, q
soube aproveitar do tempo que ficou só em

DURIANO.

Eu que hei de dizer? Digo que descreo desta minha capa, senaõ he isso caso para sahir com elle a desafio.

MONTEIRO.

Porque?

DURIANO.

Porque naõ basta que lhe dê afortuna gostos taõ medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento, senaõ ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de naõ sei quem, nem quem naõ.

MONTEIRO.

Esses saõ outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? Que eu ouvi já sobr'isso naõ sei que fábulas.

DURIANO.

Dir-vo-lo-hei, pasmareis, que naõ he menos que Principe, e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do Senhor Dom Lusidardo, que aggravado del-Rei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

MONTEIRO.

Tudo isso ouvi já.

DURIANO.

Pois esse galante, em satisfaçaõ de muitas mercês que ElRei de Dinamarca lhe fizera, meteo-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante; partes que

lo assi a pobre mulher pola terra estra-
pada, e sem quem a encaminhasse por
de ter perdido tanto a esperança de ter
, dando-lhe as dores de parto, junto
, aonde em breve espaço lançou duas
no, e femia, como vizagras; e como a
çaõ da delicada mulher naõ pudesse
s, e taõ desacostumados trabalhos, fa-
vida que tanto havia que desejava de

ciar, deixando vivos aquelles dous retratos
seu pai, que por causa de seus nascimentos
tiráraram, como acontece a viboras. E com
ças fossem destinadas ao que vedes, naõ fi
Pastor que as criasse, que alli veo tèr, dan
alma a Deos: de maneira, que por naõ g
palavras, o macho he vosso amigo Filoder
mia he a Serrana Florimena, mulher qu
Vanadoro.

MONTEIRO.

Estranhas cousas me contais. Assi que,
pai herdou Filodemo namorar a filha do S
serve: naõ haverá logo por mal o Senhor
dardo tomar por genro, e nora, quem ac
brinhos.

DURIANO.

Sabei, que chora de prazer com elles,
que acha que Filodemo se parece natur
irmão, e Florimena com sua mãi.

MONTEIRO.

Dai-mè a entender, como se creo taõ
Senhor Dom Lusidardo, do quem isso con

DURIANO.

No caso naõ ha dúvida, porque o Pas
achastes, lhe certificou todo o caso; e fe
muitas mercés, e mandou fazer muitas fe
nes. Vanadoro, casado com sua mulher,
Filodemo, que o mesmo parentesco tem con

Dionysa, estaõ fóra de crer tamanho contentame[illegible]
cuido que zombam delle.

MONTEIRO.

Ora deixa-me ir a ver o rosto a esse velhaco de F[illegible]
lodemo; pois de meu matalote se me tornou Senh[illegible]
que creio que vem o Senhor Dom Lusidardo: di[illegible]
mulemos.

SCENA V.

Entra Dom LUSIDARDO *com* VANADORO, [illegible]
traz FLORIMENA *pela mão; e* FILODEMO [illegible]
a DIONYSA, *e diz Dom* LUSIDARDO.

Quem naõ ficará pasmado
De ver que por tal caminho,
Tem a ventura ordenado,
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro, e sobrinho!
Quem naõ pasmará agora
De ver a ventura minha,
Que tem tornado n'hum'hora,
Florimena, huma Pastora,
Ser minha nora, e sobrinha!
Dem-se graças ao Senhor,
Cujo segredo he profundo;
Pois que vemos que quiz dar
A ventura, e o amor,
Por prazeres deste mundo.

VAÕ-SE TODOS, E FENECE A PRESENTE OBR[illegible]

FRAGMENTOS

DE

ALGUMAS OBRAS

DE LUIS DE CAMÕES,

ACHADOS POR MANOEL DE FARIA E SOUSA EM DIVERSOS MANUSCRIPTOS.

O seguinte Soneto, que he o 197 nesta Edição, foi tirado a Luis de Camões, quando ainda de todo o naõ havia emendado. Sahio impresso em nome do Licenciado André Falcaõ, a pag. 299. de hum Livrinho de versos, que, ás reliquias que se collocáram na Igreja de Saõ Roque, imprimio Manoel de Campos em Lisboa no anno de 1588. As lições várias da Lusiada; o Soneto a Manoel Barata, que he o 67, impresso primeiramente com os seus Traslados, e depois nas Rhythmas; o Soneto a Nossa Senhora, impresso primeiro no Livrinho das

Reliquias da Igreja de Saõ Roque, e depois tambem nas Rhythmas, onde he no número o 197; e finalmente a Ode VIII, que, em obsequio de Garcia de Horta, e no seu Livro das *Drogas, e cousas Medicinaes da India*, imprimio em Goa no anno de 1563, por Joaõ de Andem, a qual vimos ao depois muito differente nas Edições de Lisboa, mostraõ claramente o muito que o Poeta emendava, e melhorava as suas Composições.

SONETO.

Oh quanto aprouve, oh quanto contentou,
Maria, unica Phenix, Virgem pura,
Ao Fazedor de tudo a tua feitura,
Pois para si te fez, e reservou!
  Em seu Conceito eterno te gerou,
Primeiro que a primeira creatura:
Tua incorrupta, e perpetua formosura,
Antes que o tempo, em si nos fabricou.
  Divinissima Phenix, que voaste
Taõ alto em tuas humanas qualidades,
Que toda creatura atraz deixaste!
  Mãi de Deos, Filha, e Esposa a ser chegaste,
E a ter só huma, taes tres dignidades,
Com que a Tres em Hum só tanto agradaste.

A Oitava que se segue apparecia em hum Manuscripto, depois da XIII, nas primeiras Estancias, que saõ a D. Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do Mundo. Parece que allude o Poeta no fim della ao que diz Salomaõ no Cap. primeiro do Ecclesiastes: *Ecce magnus effectus sum, et præcessi omnes sapientia, etc. Et mens mea contemplata est multa sapienter, et didici, etc. Et agnovi quod in iis quoque esset labor, et afflictio spiritús: eo quod in multa sapientia multa sit indignatio: et qui addit scientiam, addit et laborem.*

Que monta mais mandar, que ser mandado?
Que monta mais ser simples, que sabido?
Se tudo, em fim, tem termino forçado,
Se tudo está aos fados submettido?
Do mando o temor vem, que exprimentado
Assi foi por Democles, e entendido.
Do saber, como o canta Salomaõ,
Vem os trabalhos, vem a indignaçaõ.

A seguinte Elegia achou Manoel de Faria taõ estragada, e perdida de erros, que naõ faz mençaõ della, senaõ para que se veja a

damno que nas Obras do Poeta fizeram Copiadores ignorantes. Da mesma sorte a damos; e he escripta em nome de certa Dama, a qual se correspondia com D. Antonio de Noronha, que havia passado a militar em Ceuta.

A Aonio, que de amor solto fugia,
A bella Galatéa em vão chamava:
E Aonio, Aonio o eco respondia.
E agora comsigo só fallava,
Ora co' o mar, ora co' a triste sorte,
Ora co' o Tejo, onde chorando estava.
Pois me naõ ouve Aonio em mal taõ forte,
Ouvi, ondas, a propriedade que imitava
A causa, porque estou chorando a morte.
Que a troco de amor puro, e de verdade,
(Quem haverá no Mundo, que isto crea?)
Me deixa em pranto, e triste saudade.
Dizia-me: ó cruel minha Galatéa;
Primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
Tornará atraz co' o curso a rica arèa.
Mas ai triste de mim que ainda vejo,
Como de antes, levar ao Oceano,
E a ti naõ, que he só o que desejo!
Se com quem te deo a alma usaste engano,
Ingrato, quem espera de ti já agora
Tirar nunca, senaõ vergonha, e dano?

Vas-te, cruel, da patria fora,
Por esse mar, entregue ao fero vento,
Fugindo de quem te ama, e quem te adora?
E deixas assi só isento
Esta pura corrente, este tranquillo,
E socegado porto, e o fresco vento?
Onde move hum som com suave estillo,
Sem sobresaltos da Aurora peregrina,
A vontade de quem cá quer ouvillo.
E se a rogos mortaes o Ceo se inclina,
Peço-lhe, que o mar te traga, e ponha espanto,
Vingando-me da fé falsa, e malina.
Porque a ninguem taõ puro, honesto, e santo
Amor deixar naõ queira, antes procure
Louvá-lo com suave, e amoroso canto.
Porque naõ haja alguem, que se assegure
A buscar por o mar injusto, e fero,
Empregos, em que a vida se aventure.
Mas, sem ventura, ai! para que quero
A morte ver daquelle ingrato, e duro,
Se delle já ter bem naõ espero?
Seja-lhe sempre o Ceo sereno, e puro
O mar, o vento brando, a sorte amiga,
O porto que tomar firme, e seguro.
Para que nunca mais alguem naõ diga,
Que minhas cousas foram causa, ou parte
De ser-lhe irado o Ceo, fortuna imiga.
Oh quaõ suave tu em toda a parte

Possas correr co' o Ceo doce, e brando,
Levaste este, que me leva a melhor parte.
Que eu por a sombra, por a luz passando
Ficarei sempre em minha dura sorte,
Sem descansar hum'hora suspirando;
Ou veja a Aonio, ou veja a dura morte.

Em hum Manuscripto appareciam certos troços da Ecloga terceira, os quaes o Poeta reprovou, e diziam assim :

Quero deixar o que he já taõ passado:
Se deo cuidado, naõ me dê paixaõ:
Os dias vaõ gastando estes cuidados:
Pois saõ passados meus contentamentos,
Naõ dem tormentos já tantas lembranças
De taes mudanças : mas por este prado
Levando o gado o quero apascentar:
Quero deixar de me perder por quem,

. . . .

De bellas cores está cheio o prado:
Doce cuidado nelle já logrei:
Se me enganei acaso co' hum Pastor,
Culpa he de amor, que foi conversaçaõ.

. . . .

Se me enganava em quanto me dizia,
O que eu queria me vedava o ver:
Quem muito quer, he leve de enganar:

Quero deixar o que he já taõ passado:
Se deo cuidado, naõ me dê paixaõ.
Os dias vaõ gastando estes cuidados:
Pois saõ passados meus contentamentos;
Naõ dem tormentos já tantas lembranças
De taes mudanças: mas por este prado
Levando o gado o quero apascentar:
Quero deixar de me perder por quem,
. . . .

Em hum Manuscripto foi achada parte de huma Elegia, escripta de Aonio para Galatéa, e dizia desta sorte;

Por verdes campos, valles, e arvoredos,
Galatéa se vai, que naõ cessava
Jamais de lhe contar os seus segredos.
Aonio, quando vio que se mostrava
Taõ cruel quem lhe tinha o seu desejo,
A' sombra de huma faia assi cantava:
Por onde vás, amor, que te naõ vejo?
Por quaes bosques reconditos te escondes?
Em qual rio estarás, pois naõ no Tejo?
Ouves-me, Galatéa, e naõ respondes?
Naõ vês a quem por ti tem descoberto
Tal amor, a que tu mal correspondes?

OBRAS SUPPOSTAS,

OU ATTRIBUIDAS

A LUIS DE CAMÕES.

VEJA-SE A PREFAÇAÕ DESTE V. TOMO.

TERCETOS

A ELREI DOM SEBASTIAM.

Rei bemaventurado, em quem parece
Aquella alta esperança já cumprida,
De quanto o Ceo, e a terra te offerece;
  De Deos formosa planta, concedida
A lagrimas de amor, e lealdade,
Bem nosso só, de nossa vida vida;
  Em quanto esta innocente, e branda idade
Por Deos crescendo vai felicemente,
Té o Mundo encher de nova claridade;
  Em quanto este teu Povo, e do Oriente
Novo accrescentamento por ti esperam,

De outros Reis, d'outras terras, d'outra gente;
Taes promessas os Ceos de ti nos deram
No teu taõ milagroso nascimento,
E esprito igual em ti a ellas puzeram.
Eu levado de amor, de santo intento,
(Quem ante essa brandura temeria?)
Deter-te com meu verso hum pouco espero.
Despois virá hum taõ ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas despregadas
Na multidaõ de toda a Barbaria,
As victoriosas frotas carregadas
Das captivas corôas, e bandeiras,
De outro esprito maior sejam cantadas.
Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
Musas, que levam os Reis a esta alta gloria,
Tendo por armas só vélas ligeiras.
Quantas armadas conta a antigua Historia,
Quantos grandes exércitos perdidos,
Deixáram aos mais pequenos a victoria!
Esses tanto no Mundo conhecidos,
Cujos nomes vencêram tantos annos,
Naõ foram só por força obedecidos.
Naõ se subjigam corações humannos
De boa vontade á força: hum peito aberto
Os vence de bom amor, sem arte, e enganos.
Nesta sombra, onde tudo anda encoberto,
Quem da verdade vê mais que a figura!
Quem seu passo direito leva, e certo!

Hũus falsos longes de huma vãa pintura,
Com sua côr, ao parecer lustrosa,
Quantos detém com falsa formosura!
 Naõ tem côres, nem dobras, a formosa
Verdade: que buscais, ó gente cega?
Humilde, e nua está, naõ taõ custosa.
 Naõ he hum só Cupido, que almas cega;
Mais ha no Mundo que hũus só vãos amores,
Que he tudo o que á vontade mal se entrega.
 Aquelles, que do amor foraõ pintores,
Que os olhos lhe tiráraõ, e o descobríram,
Pintáram para Reis, e Imperadores.
 Altos engenhos, que em figura viram
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço, e cego, e nú, e cruel fingíram.
 Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo.
 Iguaes somos, Senhor, na natureza;
Assi entramos na vida, assi sahimos;
O entendimento he nossa fortaleza.
 Igualmente de hum só principio vimos;
Igualmente a hum fim todos corremos,
E huma estrada commum igual seguimos:
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos:
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto caminho do bom fim perdemos.
 Cegos de nós, que nos taõ mal trocamos;

Que a parte vil e baixa senhorêa;
E o mais alto ao mais baixo captivamos.
Força cruel, que dentro em nós guerrêa;
Vemos a cega vontade, á razaõ clara,
E leva assi de nós victoria fêa.
Aquelle lume que a alma illustra, e acla
Apagado por nós, nelle he perdido;
Como mortos nos deixa, e desampara.
Deo o remedio Deos; eis hum erguido
Por elle em poder alto, de que o povo
He já por bem levado, ou constrangido.
Naõ he nome de Rei titulo novo;
Com elle começou o Mundo, e dura;
Por fábulas antigas naõ me movo.
Despois que daquella alta formosura
Veio o primeiro homem, e a triste sorte
O envolveo nesta sombra grossa, e escura,
Fugio a luz, entrou armada a morte;
Cumprio nova vigia, e guarda, e léi,
Que o cego mostre a luz, e obrigue o forte
Elegeo Deos Pastor á sua Grei;
Vio tambem a razaõ necessidade,
Eis-aqui eleito hum Rei, eis outro Rei.
Conforme, e junto o povo n'hũa vontad
N'hum só por bem communs todos podere
Promettendo obediencia, e fieldade,
Obrigáram suas vidas, e seus haveres;
Prometteo o bom Rei justiça, e paz,

E remedio, e soccorro a seus misteres.
Dalli sujeito ao Rei o povo jaz,
Dalli sujeito o Rei á boa razaõ,
Da mesma luz, que em si esta força traz.
A quem todos seus bẽes, e vidas daõ
Por os livrar da injúria, e violencia,
Se lhas elle fizer, a quem se iraõ?
Será juiz a justa consciencia,
E aquelle santo, e natural preceito
Deve á lei o que a fez obediencia.
Quem o caminho ha de mostrar direito,
Se torce delle, e segue a falsa estrada,
Como terá seu povo á lei sujeito?
Poz Deos na mão do Rei a vara alçada
Para guia do povo errado, e cego;
Mas naõ foi só ao seu desejo dada.
Como déstro Piloto no alto pégo,
Co' o leme guia a náo; ora a huma parte,
Ora a outra a desvia do váo cego.
Naõ valem alli forças, val só arte;
Arte vence do mar a ira espantosa;
Arte sem ferro vence o fero Marte.
Hydra de mil cabeças enganosa,
Pégo de tantos ventos revolvido,
Naõ se vence, Senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
Te deo Deos teu poder em premio, em pena:
Dê-se a cada hum o que he devido.

Aquelle que á sua vontade ordena
Todas as cousas, olha com que amor
Paga o bem logo; e devagar condena.
Naõ se acha alli respeito, nem favor;
Tanto val cada hum, quanto merece;
Iguaes ante elle saõ servo, e Senhor.
Olha-te bem, grão Rei, e a ti conhece,
Nascido só para reger a tantos,
E dessa grande alteza ao teu fim dece.
Ver-te-has igual na humanidade a quantos
Mandas; verás o fim taõ duvidoso,
Como quem tambem morre, e nasce em prantos.
Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se põem em sorte,
Que até ao Filho de Deos foi taõ custoso.
Córte o bom Rei primeiro por si, córte:
Mais vence o exemplo bom, que o ferro, e fogo:
Naõ póde errar quem contra si he forte.
Nem a propria affeiçaõ, nem brando rogo,
Tire a força á razaõ, ou á igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo.
Sómente em Deos razaõ he a vontade:
Absoluto poder naõ o he na terra,
Antes fora injustiça, e crueldade.
Que vontade mortal, Senhor, naõ erra,
Se a justa lei, e razaõ a naõ enfrêa,
De que nasce a injustiça, e cruel guerra?
Cada hum pinta em seu peito aquella idéa,

A' qual, ou mal, ou bem, se se affeiçoa,
Assi lhe sabe fermosa, ou lhe sabe fêa.
 A boa guia he a inclinaçaõ boa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
 Tanto val, tanto póde o santo intento,
Que só por si a honra, a louvor crece,
E a obra que val dez, faz valer cento.
 E quando humanamente erro acontece,
(Quem póde acertar sempre?) a culpa he leve,
E todo o bom juiso a compadece.
 Que injustiça será, que naõ releve
Naõ sahir á vontade a obra igual,
Pois pelo intento só julgar se deve?
 No livre peito, e coraçaõ Real,
Está o bem commum sempre fundado:
Naõ póde de tal fonte manar mal.
 Ama o povo o bom Rei, e he delle amado;
Lédo, e facil em crer, e julgar bem;
Imigo de todo o animo dobrado.
 Sempre a mão larga, sempre aberto tem,
O generoso peito ao premio justo;
E triste, e vagaroso á pena vem.
 Este he chámado Bom, e Grande Augusto.
Da Patria Pai, Prazer, e Amor do Mundo,
Mortal imigo do tyranno injusto.
 Este, logo de hum alto, e de hum facundo
Engenho até ás Estrellas bem cantado,

24.

Voando vai na terra sem segundo.
  Tal nos cresce, grão Rei, por Deos já dado
Inda maior que as nossas esperanças,
Maior que sua Estrella, e alto Fado.
  Cedo teu esprito venceerá as tardanças
Do tempo, e idade, e cedo renovando
Irás dos santos Reis altas lembranças.
  Começa-te já agora ir costumando
A pôr em nós teus olhos Reaes serenos,
O mansissimo Avô teu imitando
  Inteiro, e humano aos grandes e aos pequen

PETIÇAÕ

De huma nobre moça, presa no Limoeiro da Cid de Lisboa, feita ao Regedor, por se dizer que zera adulterio a seu marido, que era na India.

Esprito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere, e accrescente,
Regendo o fiel Reino descansado,
Com vida felicisima, e contente:
A vós, em quem o humil necessitado
Acha sempre favor, e amor ardente,
Peço queirais ouvir, que na verdade,
Zelo e amor de Deos me persuade.
  Naõ vos seja pesado o atrever-me

A querer emprender sogeito alheo,
Porque fizeram lagrimas mover-me
Vir ante vós ousado, e sem receo.
E se por tal quizerdes conhecer-me,
Servindo-vos de mi, por algum meo,
O nome, o braço, a Musa, e quanto posso,
Ha já muito, Senhor, que tudo he vosso.

Quem vos isto offerece dirá quanto
Deseja muito ha já ser-vos acceito,
Porque com vosso zelo, e favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar o que naõ tenho,
Pois me naõ faltam forças, nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando á parte
Que razaõ he devida a que me guia,
A vós venho, com força, engenho, e arte,
Por influxo do Ceo que a vós me envia:
A vós a quem tem dado Apollo, e Marte,
De seus thesouros parte, e melhoria,
Venho cantar com vos rouca, e chorosa,
Por huma encarecerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
Do vosso nome, pondo meu sentido;
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa de que Deos he servido:
E pois elle vos deo justa balança

Para pezar justiça, e dar ouvido,
Ouvi a petiçaõ da miseravel,
Com quem fortuna foi taõ pouco affavel.
Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permitte seu duro, e cruel fado:
Que se na tenra idade foi mofina,
Sua vida entregando ao vão cuidado,
Haja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.
Haja, Senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza naõ tem nenhum respeito,
E mais naõ tendo idade, que lhe sóbre,
Para saber fugir do que he malfeito:
Haja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda sujeito,
E que póde nascer de tal processo
Hum grande e cruelissimo successo.
Certo, que com razaõ urgente, e clara,
Tem alguma razaõ a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste órphãa na flor de meninice,
A fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice
Lhe entrega a honra, e pura castidade,
Nãs mãos de huma cruel necessidade.
Bem sei que de sua culpa naõ carece,

Só por naõ ser do sangue seu lembrada;
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E naõ para taõ longe desterrada:
Que se para lá for, bem se conhece,
Quaõ vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro...

Vede, Senhor, o risco a que se obriga
A desditosa, e fragil mocidade,
Se honra naõ vai buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Naõ queirais naõ, Senhor, que o Mundo diga:
Ah que grande rigor, e crueldade!...
Como já vai dizendo, e murmurando,
Sua grande ignorancia desculpando...

Eu certo naõ duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitaõ,
Usem do costumado vicio roto,
Com todas as que em seus poderes vaõ.
Dai-me vós, Senhor, hum, que esté remoto
De tal delicia, nesta occasiaõ;
E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mi todo o castigo.

Já naõ ha hi Joaõ posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por casto, taõ aceito;
Nem ha quem naõ commetta desconcerto,
Nessa torpeza bruta, e vil sogeito:
Já naõ ha hi Hieronymo taõ certo,

Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne estimulado, assi lhe diga:
Naõ te chegues a mi, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que vendo-a sem amparo, e sem abrigo,
Em tempo que os mais ricos, e esforçados,
Temendo a Deos, fugiam seu castigo;
Hũus para seus jardijs determinados,
Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deixáram taõ só nesta Cidade,
Batalhando co' a vil necessidade.

Pois quem houvera ahi, que naõ cahíra
Vendo-se em tal extremo, em tal miseria?
Qual Artemisa aqui naõ consentíra?
Qual Romana Sophronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fora, que isto víra,
Que naõ rendéra o jugo á vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulysses se negára?

Qual fora a que se víra em taõ infesta
Batalha, turbulenta, e espantosa,
Exercitando a morte rija, e mesta,
Seu duro officio, brava, e rigorosa?
Que Nympha houvera ahi, que deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que naõ rendêra a tudo o casto nome,
Por naõ morrer nas mãos da dura fome?

Ah valeroso esprito! Caso he isto,

Para se dar perdaõ á fraca ovelha,
Naõ seja o perdaõ seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bemquisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pai, e amigo claro.

Por isso olhai, Senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque naõ se cortando, abre-se porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
Dessa Real prosapia produzida.

Olhai, que tem, Senhor, huma menina
Do ausente consorte, e filha sua,
Muito desamparada, e pequenina,
Fóra do natural despida, e nua.
Sede vós, Senhor, agua da Piscina;
A vosso zelo tudo se attribua,
Que movendo-vos elle naõ duvido,
Que tudo a ella seja concedido.

DA CREAÇAÕ

E COMPOSIÇAÕ

DO HOMEM.

CANTO PRIMEIRO.

I.

Na mais fresca, e aprazivel parte do ano,
A Venus dos Antigos dedicada,
Venus, Amor de Marte, e de Vulcano,
Clara Estrella do mar, e terra amada:
Por cujo influxo amigo, doce, e humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza
O summo Creador da redondeza:

II.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humidade do Ceo, e temperança,
De verde e vário esmalte revestida
Mostra dos doces fructos a esperança;
Em toda a planta, e arvore florida,
Com corôa, e odorifera abundança,
Entaõ parece mais formosa, e bella,
Co' o rigor brando da formosa estrella:

III.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
Com lédo canto o ar sereno enchendo,
As manhãas graciosas mais suaves
E aprazíveis do fresco Abril fazendo,
Convidam a doce somno os corpos graves,
Em leves somnos vãos os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado desce do alto monte:

IV.

Em huma manhãa destas, prompto, e espe
Me detinha hum profundo, e grão cuidado
Da estranha providencia, e alto concerto
Do Creador de tudo o que he creado:
Como despois de dar número certo,
E ordem ao Mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
Do alto artificio outro pequeno Mundo:

V.

Que assi como fez só pola virtude
Da sua alta palavra lá de cima,
Naõ do fingido chaos, disforme, e rude,
Nem da vazia e vãa materia prima,
Com ordem certa, e tal, que naõ se mude,
Os Ceos de grão vigor, virtude, e estima,
E os Elementos varios corruptivos,
Em suas qualidades compassivos.

VI.

E assi como delles n'hum momento
Formou diversos corpos de mistura,
Varios na creaçaõ, e nascimento,
No ser, composiçaõ, e na figura:
A's aves dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos terra dura,
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diversidades.

VII.

Como despois de tudo ultimamente
N'hum lugar deleitoso, fresco, ameno,
Quiz formar, e crear distinctamente,
Deste grão Mundo est'outro mais pequeno;
Assi em tudo nas partes differente,
N'huma dellas caduco, vão, terreno,
N'outra immortal esprito, alto, e divino,
De razaõ, e do Ceo capaz, e dino.

VIII.

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do Mundo luminoso,
De toda a luz visibil fonte, e amparo,
Corre como gigante, e alegre esposo;
Assi o entendimento, outro Sol claro,
Anda de huma a outra parte presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz, tudo governa.

IX.

E quiz que os animaes inferiores,
Seu appetite só brutal tomando,
Da terra baixa, e vil habitadores,
Só os pastos attentos vaõ buscando:
E que os homẽes, seus superiores,
A' razaõ seus sentidos vaõ mandando;
Razaõ, que differir os faz da féra,
Que de espiritual em bruto degenera.

X.

Porque bem que o fez do mais baixo elemento,
Deo-lhe mil perfeições em abastança,
Deo-lhe alma racional, entendimento,
E fê-lo, em fim, á sua semelhnça:
De todo outro animal de baixo assento
Lhe deo o senhorio, e governança;
Tudo lhe sujeitou debaixo os pés,
Deixando só sujeito a quem o fês.

XI.

Como este breve Mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Paraiso foi por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sãa penitencia,
Conhecendo o estado que perdera,
E quaõ differente fora do que era.

XII.

Fazendo-se Homem Deos Omnipotente,
Immortal, Infinito, e sem medida,
Amando o homem assi taõ altamente,
Que a sua vida deo por dar-lhe vida;
Humilde, em fim, mortal, pobre paciente,
Soffreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, e deshonras,
Por dar comsigo ao homem eternas honras.

XIII.

Mas d'entre os mortos logo resurgindo,
Com glorioso corpo triumphante,
E ao Empyrio co' os Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja Militante;
Deixa o homem, com seu sangue remindo,
De suaves remedios abundante,
Com que vencendo sempre com victoria,
Pudesse entrar na pura, e eterna gloria.

XIV.

Nesta imaginaçaõ assi passando
Estava eu a manhãa de hum fresco dia,
Quando me em licor humido banhando,
O lento somno ja me adormecia:
E daquillo que estava imaginando,
As especies tomando a phantasia,
Sonhava hum sonhõ assaz estranho, e doce,
Dado que verdadeiro, e certo fosse.

XV.

Porque quanto os sentidos interiores,
Em sua figura assi me apresentavam,
Me parecia ser que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavam;
Cousas maravilhosas, e maiores,
Que humano entendimento me mostravam,
Como aqui mostrarei, se cópia tanta
Me conceder, cantando, a Musa santa.

XVI.

Já todos meus espritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados
No frio cerebro, onde estavam vivos,
Pareciam de todo sepultados;
Impedindo-me as obras aos captivos
Membros, que todos tinha já prostrados
O somno, vindo da cimmeria cova,
Por me mostrar visaõ taõ doce, e nova.

XVII.

Quando de hum alto esprito, poderoso,
Arrebatado ser me parecia,
Elevado a hum grão campo, e espaçoso,
Onde o seu corno a Cópia diffundia;
Porque era fresco, verde, deleitoso,
De fructo, e flores cheo, e de alegria,
E assi o Ceo benino o temperava,
Que hum perpétuo Veraõ sempre mostrava.

XVIII.

Quatro rios formosos, e caudaes,
Regavam este campo taõ florido,
De arvores, hervas, plantas, e animaes,
De toda a especie ornado, e bastecido;
Pastava o manso gado sem curraes,
Do lobo ou do leaõ pouco temido;
Viam-se as féras de maior braveza,
Aqui com mansidaõ domestiqueza.

XIX.

Em tamanha abundancia, e variedade,
De individos em perfeiçaõ creados;
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Hũus naõ sendo dos outros aggravados:
Em conservaçaõ util, e amizade
Sincéra, e pura, todos conformados,
Na terra, na agua, no ar, bruto, peixe, ave,
Tinham vida pacifica, e suave.

XX.

Por este fresco, e bom jardim do Mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, e jucundo,
De alta composiçaõ, e obra excellente;
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, e mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muito mais para quem fora feito.

XXI.

Mostrava ser no sitio, e bom assento,
Inexpugnavel, claro, alto, e puro,
Com justa proporçaõ, arte, e ornamento,
Cercado de lustroso, e forte muro:
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, e fóra estar firme, e seguro;
E tudo vi, que a vista se estendia
Em competente objecto que a servia.

XXII.

Alevantar-se ao modo de hum Castello
Sobre este campo, quasi senhôr nelle;
Do qual vi, que outro mais formoso, e bello
Parecia nascer das costas delle:
E por poder melhór notá-lo, e vê-lo,
Querendo-me eu entaõ chegar para elle
Mui prestes, naõ sei como pareciam,
Que em chão subitamente ambos cahiam.

XXIII.

Desta infelice quêda, triste sorte,
E subita mudança, a mi me vinha
Hum sentimento intrinseco, e taõ forte,
Como que neste mal grão parte tinha:
Cria que me causava a mesma morte
Esta desaventura tanto minha,
E co' o grande pezar que me cercava,
O fresco campo em lagrimas banhava.

XXIV.

Entaõ mais miseravel, dura, e estranha,
Me pareceo a nova Fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha,
Taõ bem feita, com tanta arte, e destreza;
E logo que por grande engano, e manha,
E por traiçaõ mais que por natureza,
Cahíra este edificio com tal ruina,
Que erguê-lo só podia a Mão divina.

XXV.

Este assento já taõ verde, e taõ ameno,
Com pranto, e dor de tudo, em já definhando;
Já me naõ parecendo o ar sereno,
Mas triste, escuro, e gravido aspirando;
Quando naõ terás tu quinhaõ pequeno
Nesta perda taõ grande, (ouvi bradando)
Que o mal que a todos toca geralmente,
Insensivel he bem quem o naõ sente?

XXVI.

E verás que o divino Entendimento,
Tem de longe o remedio apercebido;
Que tudo vem do seu supremo assento,
Suavemente tudo tem provído;
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido;
Que o bem sem galardaõ, e o mal sem pena,
Naõ deixa ao fim do bem quem tudo ordena.

XXVII.

O Castello que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade, e grão potencia,
Senhoreava tanta terra, quanta
Ver naõ podes; a summa Providencia
Ordenou, e dispoz com ordem santa,
Que estivesse á sua obediencia,
E della em qualquer tempo se sahindo,
Perdesse o que estivesse possuindo.

XXVIII.

Que o Senhor a quem tem dado a menagem
Deste castello os dous Alcaides móres,
Fê-los com grande amor á sua imagem,
De perfeições dotados, e primores:
Por o fructo comerem de hum pomagem
Vedado, ficando elles transgressores,
E offendendo o Senhor, pagáram o erro
Com penas, e trabalhos, e em desterro.

XXIX.

Mas porque vejas que ama piedade
Mais que o rigor este Senhor que digo,
Como quem he toda a summa bondade,
Naõ quiz ao fim chegar neste castigo:
Porque elle mesmo em tanta adversidade,
Soccorrendo ao vassallo como amigo,
O remedio lhe deo; que naõ pudera
Outrem alguem dar-lho tal, se elle o naõ dera.

XXX.

Consola-te, que a bom Senhor servimos,
Que sempre quiz, e quer que o homem sirva;
O bem do summo bem vir sempre vimos
Da sua perfeiçaõ, e gloria altiva:
O mal, a quem o passa, attribuimos,
E de sua mesma culpa se deriva;
E já tem, por naõ ser o homem desfeito,
Por elle o Senhor delle satisfeito.

XXXI.

Olha o novo edificio reformado,
Capaz de outra maior, e eterna gloria,
Que aquella em que já o viste situado,
Que, em fim, pois teve fim, foi transitoria;
Mil vezes soccorrido, e visitado.
Pelo Senhor que lhe alcançou victoria
Do máo, que com enganos conquistando
Se andava em sua pena vãogloriando.

XXXII.

Foi este em nossa etherea Hierarchia
Dos principaes, mas ensoberbecendo,
Trocava gloria em pena, em noite dia,
E em seu máo zelo naõ [illegible],
Com isto a este edificio combatia,
Até que enganosamente o foi vencendo;
Fuge a soberba, segue a humildade,
Com firme fé esperança, e caridade.

XXXIII.

Entaõ como eu já claramente visse
Ser este o Esprito bom que me guiára,
O' creatura Angelica, lhe disse,
Se tua luz me naõ acompanhára
Em tanta escuridaõ, que naõ cahisse,
Nenhuma humana industria me livrára;
Pois para ver agora esta tamanha
Obra, e maravilhosa, me acompanha.

XXXIV.

As bellas mostras vejo, e boa figura,
Da Fortaleza, que antes vi formosa;
Mas quero notar bem sua compostura,
Seu fundamento, e traça artificiosa:
E especular por dentro obra taõ pura,
Taõ polída, excellente, e sumptuosa,
Que mostra, sendo a obra em tanto extremo,
Ser della o Architector alto, e supremo.

XXXV.

E como vires tudo, porque estejas
Mais prompto no que vires, e notares,
Me respondeo o Esprito, pois desejas
Ver deste assento as mais particulares
Peças; convém que sem ninguem te vejas;
Mas se em parte sem mi alguma andares,
Tornar-me-has ver despois que o correres
Por dentro, e fóra, se o entender quizeres.

XXXVI.

Isto disse, e de mi jà se apartava,
Deixando-me entre confusaõ, e medo;
Mas como sobre tudo me apertava
Desejo de saber este segredo;
Do Castello que se me apresentava,
Com quanto me pezou ir-se taõ cedo
O bom Esprito que me alli guiára,
Movi o passo a ver cousa taõ rara.

XXXVII.

E como já me achasse mais ao perto,
E do que visse me certificasse,
Maravilhou-me o sitio, arte, e concerto
Deste Forte, e que assi se reformasse:
Estava posto em hum grão campo aberto,
Como que dalli tudo senhoreasse:
Alto, grande, e formoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobreestava todo.

XXXVIII.

Mais que d'alvo alabastro, e obra prima,
Eram lisas, polidas, torneadas,
De subtil artificio, e grande estima,
Sobre pedestaes bem assentadas,
Mais delgadas em baixo do que em cima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestaes, quando se moviam,
Todo o pezo comsigo em si traziam.

XXXIX.

Era tudo taõ primo, e taõ perfeito,
Que alegremente a vista descansava:
No alto, baixo, largo, e mais estreito,
Proporçaõ ordenada se mostrava:
No capitel tinha hum dourado teito,
Que a todo este edificio mais ornava,
Do qual hũus raios de ouro dependiam,
Que ao longe mais que o Sol resplandeciam.

XL.

Nunca acabára assaz de obra taõ clara
Especular o engenho, arte, e bondade,
Se a vista entaõ dalli me naõ cegára
Minha importuna, e vãa curiosidade:
Porque senti, que entaõ se começára
Deste edificio, quasi na metade
Dos seus materiaes, huma Fortaleza
Da mesma compostura, e natureza.

XLI.

Como nas linhas entendi, e na traça,
Ser esta semelhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça,
E fórma, nelle os olhos puz attento:
E vi que da materia, e propria maça,
De que era feito o primeiro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
No mais baixo a fazer outro alli vinha.

XLII.

Neste sobrado baixo huma casa havia,
De grande engenho, e artificio feita,
Na qual com espantosa geometria,
A huma parte, quasi á mão direita,
Hum subtil Mestre de obra esta fazia,
Mui regulada, certa, e mui perfeita,
Sendo o Mestre para isso ardido, e quente,
Esperto, vivo, e muito diligente;

XLIII.

O qual, antes que nada começasse
De pôr em perfeiçaõ, e sua figura,
Os materiaes tomou, com que cêrrasse
Huma abobada assaz humida, e escura.
E deixou só, por onde respirasse,
Hum pequeno buraco, e abertura,
E por onde viesse o mantimento
A toda a obra, e seu sustentamento.

XLIV.

E como que naõ estava inda seguro,
Porque ficasse bem certificada,
Fez dous pannos na abobada do muro,
Que assi de fóra a tinham mais guardada;
E recolher o mais sobejo, e impuro,
Da immundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrário,
Admitindo sómente o necessario.

XLV.

Despois de isto assi ter nesta ordem posto,
O Forte começou perfeiçoar-se,
Tudo por tal saber, e arte composto,
Que póde encarecer-se, e naõ contar-se;
Estando edificado, e já disposto,
Para poder de novo povoar-se,
Com seus quatro retretes, e aposentos,
Janellas, atalaias, guarda ventos;

XLVI.

Em parte parecia inda, com tudo,
Faltar alguma cousa á Fortaleza,
Como quem vê a estatua de hum membrudo
Corpo, a que falta o esprito, e viveza;
Ou vê hum campo solitario, e mudo,
Sem cousa viva mais que sua rudeza:
Era, em fim, este Forte assi acabado,
Como hum corpo sem alma affigurado.

XLVII.

E desejando eu ver em que parava
Esta obra taõ estranha, e peregrina,
Huma donzella vi que nella entrava,
Formosa, clara, pura, e em fim, divina:
De improviso ella delle se apossava,
Como Senhora, mais que delle dina,
A que logo no Forte quanto havia,
Servindo alegremente, obedecia.

XLVIII.

Taõ bem feita vinha a esta alta Senhora
A Fortaleza, e armava tambem nella,
Como que feita nella entaõ só fora
Para ornamento ser, e fórma della:
Logo as partes de dentro, e as de fóra,
Se começáram a mover com ella,
E se vivificáram de tal sorte,
Que o Forte se fez muito mais forte.

XLIX.

Via-se tudo ir já de dia, em dia,
Com taõ nova Senhora em crescimento;
A Fortaleza em perfeiçaõ crescia
Em boa ordem, concerto, e regimento:
E já que naõ coubesse parecia
Naquelle baixo, e humido aposento,
Onde fora composta, e bem traçada,
Pola mão de seu Mestre delicada.

L.

A grande Fortaleza, que em si tinha
Est'outra, já tambem se carregava
Com tanto impedimento, e mal sostinha
O grande pezo, e pejo, que lhe dava:
Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
Para a fabrica della desejava;
E deste modo já de dia, em dia,
Supportava este pejo, e agonia.

LI.

Até que vindo tempo conveniente,
E conjunçaõ para o effeito disto,
Com força, e com industria sufficiente,
E saber deste Artífice previsto;
O Forte quasi milagrosamente
Lançado fóra dalli foi vista;
Ajudado, porém, e soccorrido
Da Fortaleza de que foi nascido.

LII.

E como do aposento fóra esteve,
Donde fundado foi desde o começo,
Logo outro parecer crescido teve,
Outro ser, e figura de mais preço:
A formosa donzella, a quem se deve
Deste alto crescimento o bom successo,
E louvor muito, estava satisfeita
De ter o mando em cousa taõ perfeita.

LIII.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo servida, e venerada,
E com quanto em prisaõ quasi metida,
Estava em parte aqui nesta morada:
Naõ era erro por naõ ser entaõ tida
Por sua casa propria em quanto amada,
Mas porque nesta a sua origem víra,
Daquella antiga torre que cahíra.

LIV.

Porque as achegas, e materiaes,
De que era feito este novo artificio,
Tinham nas mesmas partes integraes
Do outro primeiro o rasto ainda do vicio;
Naõ só na geraçaõ, e maleficio,
Mas tambem na affeiçaõ, e tudo o mais;
E deste mal deixáram por herança,
Em a terra a semente, e semelhança.

LV.

Daqui vinha, que no discurso, e augmento
Da torre, que crescia sem detença,
A Real donzella em seu proprio aposento
Por vezes teve alguma desavença:
Foi logo no principio o regimento
Sem alguma discordia, e differença;
Mas desque a torre em força foi crescendo,
Mal foi a gente della obedecendo.

LVI.

Com tudo a bella dama amava tanto,
Em que o original mal aborrecia,
Que vezes mil dissimulava quanto
Esta liberal gente lhe fazia:
Outra hora ameaçava com espanto:
Que a governança della deixaria,
E que como ella della, em fim, se fosse
Perderiam seu ser, figura, e posse.

LVII.

Mas já pela uniaõ, e liança estreita,
Que em casa tinha, consentia outra hora,
E da culpa em seu damno mesmo feita,
Parecia ser della a causadora:
Porque os descobridores da suspeita
Do mal, ou bem, que sentiam de fóra,
Muitas veses o mal por bem traziam,
E a Senhora, e os criados consentiam.

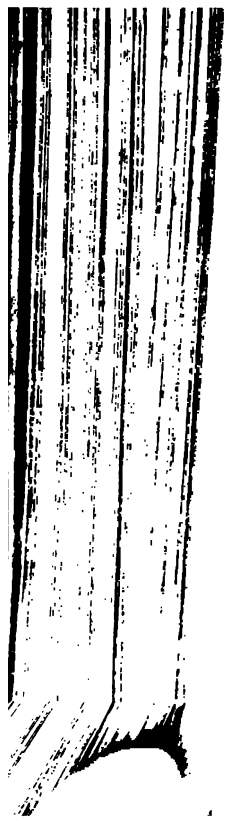
LVIII.

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, e real entendimento,
E convinha á sua alta preeminencia,
Naõ ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, e do mal conhecimento,
Mas já da Fortaleza parecia
Que imperfeições soffrer mais naõ podia.

LIX.

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia consummada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fóra se mostrava ornada
De huma viveza, e graça triumphante,
Forte, nova, alta, fresca, florecente,
Rica, servida bem, léda, contente.

LX.

E como por de fóra assi estivesse,
Com tanto lustro, graça, e formosura,
Desejei ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro, e compostura:
E porque nisto me satisfizesse,
Me pareceo com vista clara, e pura,
Que a via por de dentro, e com espanto,
Tudo como direi nest'outro Canto.

DA CREAÇAÕ

E COMPOSIÇAÕ

DO HOMEM.

CANTO SEGUNDO.

I.

ALTAS obras, soberbas, e arrogantes,
D'espantosa, e subtil Architectura,
Houve em tempo passado, outras galantes
De pincel, prespectiva, e de esculptura:
Mil illustres Varões, como Timantes,
Prothogenes, Polides, na pintura,
Hum Phidias, e hũ Chrysippo, e hũ Praxitelles,
Zeuxis, Parrhasio, e o celebrado Apelles.

II.

Dedalo o Labyrintho embaraçado
E Semiramis fez muro espantoso;
Fez-se em Epheso o Templo celebrado,
E em Rhodes o Colosso ao Sol grandioso:
Fez ao marido seu Mausolo amado,
Artemisa sepulchro, alto, e honroso,
E outras torres, e altos edificios,
E de maravilhosos artificios.

III.

Mas como feitos saõ per mão humana,
Naõ podem dilatar-se em infinito;
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as Pyramides de Egito:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, estatuas de alto, e vivo esprito,
O tempo duro, que de tudo afferra,
Os tem desfeitos, e postos por terra.

IV.

Porém a cimetria compassada,
E sobrenatural proporçaõ viva,
Em que naõ pôde o tempo ter alçada,
Do corpo humano, e Architectura altiva;
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpétua, e que reviva,
Aquella Maõ divina lá de cima,
Que a fez de nada, e o ser lhe deo, e estima.

V.

Os Philosophos grandes, com sciencia
De incansavel industria, que alcançáram
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todas altamente especuláram;
Nenhuma de mais alta arte, e excellencia,
Entre todas, que o corpo humano acháram,
De fórma, e de materia hum só supposto,
Com tamanho primor feito, e composto.

A LUIS DE CAMÕES.

VI.

Mas tornando a meu sonho, que contente
Me tinha, desejando eu ver de perto
O mais da fortaleza, alta, e excellente,
Que por dentro me estava ainda encoberto;
Naõ sei como assi logo estranhamente
Me foi tudo mostrado, e tudo aberto,
Como parte por parte aqui contára,
Se me a fraca memoria naõ faltára.

VII.

Estava a Fortaleza repartida,
Assi toda por dentro, em tres sobrados,
Ou em tres principaes quartos, e cingida
Por de fóra de muros bem lavrados:
Corriam-se estes com certa medida,
E justa proporçaõ, bem compassados;
E tinha cada hum delles seu Mordomo,
Ou Veador de grande cargo, e tomo.

VIII.

E querendo olhar eu para o do meo,
Por lhe ver mais estado, ricamente
De tudo ataviado, ornado, e cheo,
Parecendo mancebo inda valente;
Maravilhou-me ver hum bom meneo
E movimento seu continuamente,
Com muito ar, sem força, nem defeito,
Mas de seu natural hum dom perfeito.

IX.

Dava-lhe grande authoridade, e brio,
Hum tabardo de mangas, que vestia,
Com que mostrava mando, e senhorio,
Em toda a gente que na terra havia:
E por seu aposento ser de Estio,
E muito caloroso, se servia
De muitos pagẽes seus, que o banhavam;
E de ar sereno, e frio o refrescavam.

X.

Por estar n'huma estofa muito quente,
Movendo-se contínuo, e assi convinha,
Para o qual, como mestre diligente,
Hũus dous abanos junto de si tinha;
Aos quaes hum ar frio incessantemente
Para seu refrigerio bem lhe vinha,
Por hũus canos de fóra o admittindo,
O mais, e mais fumoso despedindo.

XI.

Desta estofa era sempre bem provída
E sustentada toda a Fortaleza,
Por seus canos lhe dando esprito, e vida,
E de seu vivo fogo a tendo accesa:
Para este fim huma casa alli escondida
Com promptidaõ estava, e com viveza,
O subtil Mestre da obra, que servia
De accender este fogo, e o partia.

XII.

E como esta grão fábrica, e estranha obra,
Toda em tres regiões se dividia,
Em partes principaes o Mestre da obra
Em todo o edificio, e companhia,
Se via diligente a toda a hora,
Porque em estas mais vivo residia,
E em que neste aposento mais morava,
Nos outros dous mudando o nome andava.

XIII.

Porém como o mover-se he com grão calma,
O mordomo que disse valeroso,
Sujeito estava aos accidentes d'alma,
Ora lédo, ora triste, ora medroso:
Outra hora a ira, que está sempre em calma,
Dominava, e outra hora vergonhoso,
Com esperanças, sem as ter outra hora,
Se alterava, e mudava-se cada hora.

XIV.

E com conhecimento falso, ou certo,
As cousas que de fóra procediam,
Ao Mestre da obra sempre vivo, e esperto,
Desse seu aposento como viam,
Fazendo-o estar as tristes encoberto,
Por toda a torre as lédas o traziam,
Com tanta variaçaõ, que de tal ver-se,
Estava a risco ás vezes de perder-se.

XV.

Mas tinha mais, a fim de recrear-se,
Este rico Mordomo os dous abanos,
Em que bem delles foi aproveitar-se
N'outros serviços seus por outros canos;
Porque no meio delles vi formar-se
Hũa frauta coberta de dous panos,
E até o centro da torre hia direita,
Fazendo vária musica, e perfeita.

XVI.

Com huma subtil porta estava obrada,
No cabo della huma cabeça, ou chave,
Que dos pagẽes, e de outros bem tocada.
Causava esta harmonia taõ suave:
No som que elles queriam temperada,
Soava, ou alto, ou baixo, agudo, ou grav
Com que gosto, e proveito recebia
O Veador, e toda a companhia.

XVII.

Tinha fortificado este aposento,
E repairado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom assento,
Duas fontes n'hum quasi contra muro,
Que trazendo de dentro o nascimento,
O faziam de dentro mais seguro,
Mas estas duas fontes pareciam
Estar seccas entaõ, e naõ corriam.

XVIII.

Despois de eu [illegible] por parte,
Desta casa de [illegible], a fórma della,
A fábrica, [illegible], e arte,
A providencia, e bom serviço della;
Como se alli montava cada parte
De toda a Fortaleza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu líquido, e apurado mantimento.

XIX.

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passei logo ao mais alto sobrado,
E se o do meio tive em muita estima,
Deste inda fiquei mais maravilhado;
Por sua perfeiçaõ, sua obra prima,
E o lugar em que estava situado;
Sobre a entrada da torre com formosa
E aprazivel vista, e espaçosa.

XX.

Procedia com muita authoridade,
Deste quarto o Mordomo nobre, e antigo,
De huma abobada forte, e na metade,
Por ser lugar mui alto, e de perigo;
De hum siso era maduro, e gravidade,
Velho, branco, e das letras muito amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Havia por mór gosto, e passatempo.

XXI.

Vestida tinha huma roupa roçagante,
Que por todas as partes o cobria;
N'huma casa d'abobada galante,
E armada de gentil tapeçaria;
Arada por detraz, e por diante,
Por juntas, que a abobada fazia,
N'outro panno de fóra que a guardava,
E para o mais serviço alli estava.

XXII.

A'lém deste grão panno, que a cercava,
Por de fóra tinha outros dous em roda,
Com que provída, e mais fortificada,
E parecia estar cerrada toda:
Tambem de hum musgo, e hervas se adorn
De fóra a superficie, e toda á roda;
Que estando alta assi, e do Sol lustrada,
Mostrava huma formosa còr dourada.

XXIII.

Em oito partes era dividida,
Bem que continua, e junta na figura,
Esta abobada taõ cerrada, e unida,
Que naõ se divisava ter costura:
Mas pelas em que estava repartida,
Servindo-se exhalava de mistura
Todo o fumo sobejo, que lhe vinha
Dos sobrados debaixo da cozinha.

XXIV.

Mas o sabio Ancião, e bom Mordomo,
Que neste alto aposento residia,
Com grão cuidado, e diligencia, como
Esperto, e prompto, estava noite, e dia,
Em sua esphera, como em celeste tomo,
Ora do Mundo a grande Monarchia
Contemplava com grande, e vário estudo,
Ora o desfazer della, e de tudo.

XXV.

Para isto livraria de diversos
Authores tinha grande, e mui polida,
De vários casos, prosperos, e adversos,
Em tres camaras juntas repartida:
A primeira, ou em prosa, ou doces versos,
Continha alegre Fábula fingida,
Leis a segunda, e a Philosophia antiga,
A terceira Historia grave tinha.

XXVI.

E desta livraria, de maneira
Compassadas estavam as estantes,
Que a camara segunda, e a primeira,
Tinham livros mudaveis, e inconstantes:
Mas os outros, da camara terceira,
Estavam fixos quasi, e mais constantes
E assi os que dos dous mais lhe aprazia,
Nesta terceira sempre os recolhia.

XXVII.

Da sua condição, e natureza,
A par de si o Sabio entretinha,
Que a fábrica de toda a Fortaleza,
Quasi em lugar do velho pai sostinha:
E a torre, ora inclinada, outra hora teza,
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meio de hum estaio de artificio,
A que encostado estava este edificio.

XXVIII.

E por de traz da abobada descia
Esta columna até o fim dos sobrados,
Pela parte de dentro oca, e vasia,
Mas com trinta canudos bem ligados:
E em que de dentro vãos, de cantaria,
Eram firmes, direitos, torneados;
Ficando assi a columna desta sorte,
Coberta de dous pannos, e mui forte.

XXIX.

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente;
Ella e o pai nas mãos atadas tendo
Setenta e cinco cordas longamente:
As quaes por toda a torre se estendendo,
Despertavam para o exercicio a gente,
Dando força, e vigor ao movimento,
Que necessario era, e ao sentimento.

XXX.

Destas nervosas cordas sete pares,
O velho estudioso governando,
Com cinco pares dellas os lugares
Mais secretos da abobada, e espertando
Os mais criados, e familiares
Da casa, e os dous mais hiam liando;
E os trinta pares repartidos tinha
Por toda a torre a filha onde convinha.

XXXI.

Mas pòrque dos trabalhos excessivos
Da torre os servidores, e exercicio,
Se pudesse fazer, e andar mais vivos,
E esforçados cada hum com seu officio;
Foi dado aos espritos sensitivos,
E aos motivos, por grande beneficio,
Hum repouso, e descanso conveniente,
A que chamamos somno vulgarmente.

XXXII.

Delle era causa immediata, e certa,
O subtil Mestre da obra, que habitava
No aposento do meio, e tinha esperta
Da Fortaleza a gente, e alimentava:
E quando ainda mais tinha encoberta
Sua virtude, e o fogo a conservava,
Repousava da torre a companhia,
O velho, e a filha as cordas naõ movia.

XXXIII.

Ajudava tambem, que as humidades,
E fumos que exhalavam, e subiam
Da cozinha, e das mais concavidades;
A esta virtude o caminho impediam:
E adormecendo os velhos, e os Alcades
Da torre, os servidores naõ buliam,
Do movimento a causa assi cessando,
O sentimento entaõ nada operando.

XXXIV.

Pola parte de fóra do artificio,
No sobradó mais alto, e luminoso,
Junto do capitel, e frontespicio,
Hum molde de janellas vi formoso:
Eram tres pares, cada par seu officio
Diverso tinha, e muito proveitoso;
As mais altas de estranha formosura,
Varios no sitio, officio, e na figura.

XXXV.

Tinha cada huma dellas sua espia,
E atalaia de grande vigilancia,
Que ao longe, e perto d'alto descobria
Tudo o que parecia de importancia:
Apresentando logo o que sentia,
A huma atalaia mór, que n'outra estancia
Desta abobada estava aposentada,
Para este cargo dentro deputada.

XXXVI.

Assentadas estavam sobre fino
Martim duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro crystallino,
Que as fazia mais claras, e lustrosas:
E para defender-se do ar malino,
Ou d'outra cousa má, humas formosas
Cortinas de cadilhos se cerravam,
E quando era necessario abrir tornavam.

XXXVII.

Por cima da cortina, e corrediças,
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo arcadas, e maciças,
Cobertas de huma curta, e secca palha:
Eram como convinha movediças,
Ambas de hũ lavor mesmo, e de hũa igualha;
E além de reparar da chuva, e vento,
Davam graças ás janellas, e ornamento.

XXXVIII.

Logo em direito estavam, e além destas,
Duas de outro feitio, e de outra arte,
Descobertas ao vento, e manifestas,
Cada huma a cada mão do baluarte:
E em caracol, e em voltas, duas frestas
Tinham feitas na mais ultima parte,
Das quaes duas escutas de vigia,
Cada huma dava aviso do que ouvia.

XXXIX.

Abaixo destas quatro inda outras duas
Por cima do portal da torre estavam,
Com grande engenho feitas, e com suas
Espias, que do cheiro só avisávam:
Dos dous sobrados altos duas ruas
Aqui vinham, por onde se purgavam
As superfluidades, que desciam,
E dentro o fresco alento recolhiam.

XL.

Destas janellas logo abaixo estava
O grão portal da torre, e serventia,
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha archirectura, e geometria:
Por aqui todo o necessario entrava
De tudo quanto a torre se servia;
E para isto poder ser sem trabalho,
Hum grão remedio se ordenou, e atalho.

XLI.

Que sobre os dous sobrados derradeiros,
E mais baixos cada hum á sua parte,
Estavam dous robustos carreteiros,
De mui grande serviço, engenho, e arte:
Que além de grandes serem, eram ligeiros,
Que chegavam correndo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza,
Para conservaçaõ da Fortaleza.

XLII.

Estes dous carreteiros, sustentados
Eram por seu serviço, e provimento,
Da mesma torre, em que fôram criados,
Com todo o necessario mantimento:
Tendo delles cada hum cinco criados,
Que a tudo davam grande aviamento,
E porque em seu trabalho sempre andavam,
As cabeças de bôos cascos armavam.

XLIII.

Serviam com cuidado, e diligencia,
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, e experiencia,
Do humido, do secco, frio, ou quente:
Em qualquer mechanica Arte, ou Sciencia,
A'lém de obrarem necessariamente,
Com armas resistiam toda offensa,
Da torre, della sendo a mór defensa.

XLIV.

E de fóra da entrada, e serventia
Da torre, dous porteiros sempre estavam,
Lustrosos, e vestidos de alegria,
Que as portas com cuidado bem guardavam:
Tambem o som da frauta, e harmonia,
Com movimento seu perfeiçoavam;
E assi dos tres Mordomos dos sobrados,
Eram por isto em tudo alimentados.

XLV.

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fábrica hum moinho tinha,
O qual moendo estava, e preparando
Tudo o que havia de ir para a cozinha:
Moido, e brandamente assi mandando
O mantimento, que de fóra vinha,
Com esta proporçaõ conveniente
Se repartia, e hia a toda a gente.

XLVI.

Neste moinho junto estão seus porteiros,
Estando juntamente em seu officio,
Duros, e rijos trinta e dous moleiros,
De grande força, e util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeiros
Foram por grão fraqueza sua, e vício;
E os que agora moiam com destreza,
Todos branco vestiam por limpeza.

XLVII.

Tinha cada hum delles sua morada
Em dous lanços de penedo, que havia;
Entre elles huma Dona exprimentada,
Esperta andava, e prompta, noite, e dia:
E della era approvada ou reprovada
A farinha de quanto se moia,
Provando se era saborosa, e alva,
Porque era ella gentil mestra de salva.

XLVIII.

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo desta Dona reverenda,
Sendo frauta, e intérprete elegante
Em tudo, álém do mando, e da moenda:
Dava tambem ao som doce e galante,
Da frauta o ar, compasso, graça, emenda:
Toda fábrica, em fim, desta taõ clara
Torre, sem esta Dona mal passára.

XLIX.

Mas por ser ella femia, hum quasi freo,
Por naõ ir longe, a tinha presa, e atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de huma libré andava ella encostada,
Que por ser de tal graça, e bom meneo,
Servida era de todos, e acatada;
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humidade.

L.

Mas porque quando em casa repousava,
Esta humidade muita a naõ enojasse,
Duas esponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais que sobejasse:
E tambem porque lá dentro importava
Todo o humido sobejo, ou ar, que entrasse,
Tinha logo além mais huma anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

LI.

A'lém desta anteporta pareciam
Os dous principaes canos desta torre,
Por hum delles os frescos ares hiam,
Com que o Veador da mesa se soccorre:
Por outro cano fundo e que moiam
Os moleiros, e o que á cozinha corre;
E nella do primeiro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

LII.

Mas ao quarto do meio esta cozinha
Huma grossa parede dividia,
Porque aqui perpetua morada tinha
O Mordomo que nelle presidia:
O fogo e fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E co' a parede salvo, e defendido,
Fica seu aposento dividido.

LIII.

Co' hũus tres canos por onde era provída
Toda a fábrica, a gente, que aqui estava,
Estando esta parede interrompida,
Nella o quarto do meio se acabava:
Em huma grão cozinha, e bem servida,
Onde o quarto debaixo começava,
Ou tambem logo nella começando
Tudo o que nella havia fui notando.

LIV.

Capaz era a cozinha, e sufficiente
Para cozer-se nella o mantimento,
Que pudesse bastar a toda a gente,
E de muito artificio, e provimento:
Com vivo fogo estava sempre quente,
Para todo o serviço, e cozimento,
N'hum vaso de duas bocas, bem obrado,
Sendo tudo cozido, e preparado.

LV.

Pela boca mais alta se metia
O que vinha a cozer-se, e digerir-se;
Pela outra baixa o mais se despedia
Do que menos haviam de servir-se:
E junto desta boca baixa havia
Hũus quatro canos, para repartir-se
Hum certo manjar branco, e imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.

LVI.

E assi desta mesma obra outros maiores
Seis canos juntamente procediam,
Por onde da cozinha os servidores
As fezes, e superfluo despediam:
Destes canos tambem outros maiores,
Por mais apurar tudo, inda nasciam,
Por huma tea grossa derramados,
Com proveito, e limpeza assi ordenados.

LVII.

Destes seis em o baixo tamsómente
Hũus tres moços havia de serviço
Que por estar entre elles mais corrente,
Estavam nelle postos já para isso:
E no remate delle ultimamente
Estavam outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrando, e abrindo,
E com outros na torre bem servindo.

LVIII.

Presidindo neste ultimo sobrado,
E quarto, inda outro principal Mordomo,
De grão negociamento, venerado,
Muito importante, e bem servindo como
Cada hum dos outros dous; alcatruzado
Hum pouco, muito grave, e homem de tomo,
Triste no parecer, mas no supposto,
Alegre no albernoz de grãa, bem posto.

LIX.

Junto á cozinha tendo o aposento,
Mandava della vir por ordenança,
Só da primeira estancia, e cozimento,
De todo o manjar branco em abastança:
Fazia entaõ todo este mantimento
Outra vez recozer com temperança,
Que mais puro, e cada hum por sua via,
Entre todos na torre se partia.

LX.

E assi despois de já ser bem cozido,
Este manjar que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores convertido,
Diverso ser hum só na côr mostrava:
Mas destes, mal confórme, ou desmedido,
Se algum muito mingoava, ou sobejava,
Fóra de proporçaõ, e sãa concordia,
Em toda a Fortaleza havia discordia.

LXI.

Pelo contrário em justa cantidade,
Em líquido vermelho misturado,
Se este manjar se dá com suavidade,
Todo este assento está delle abastado:
Daqui deste aposento, por metade
Da torre corre inda hum, e outro sobrado,
E por cobertos canos vai mandando,
A toda a gente della alimentando.

LXII.

E com quanto assi leva sua mistura,
Por mais bastar a todos, em chegando
Ao aposento do meio, alli se apura
Summamente, e se vai adelgaçando:
E daqui o Mordomo, com mão pura,
Despois que bem o atina está mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros subtís canos com destreza.

LXIII.

Mas tinha este mais baixo em sua estância
A par de si, por grande beneficio
Da torre, dous criados de importância,
Provídos cada qual com seu officio:
O primeiro com sua vigilancia,
Sentindo haver seccura no edificio,
Por certos canos que para isso tinha,
Espertava grão sede na cozinha.

LXIV.

Vestia-se de hum verde sempre escuro,
Por extremo colerico, e agastado,
E taõ azedo, que por todo o muro
Se via andar ás vezes de enojado:
Tambem causava ser manjar impuro,
Da cozinha o superfluo seu lançado
Por seis humidos canos dalli fóra,
Quando para isso havia tempo, e hora.

LXV.

O segundo criado era tristonho
No corpo, e no vestido, hum homem basso,
Menenconizadissimo, e enfadonho,
De má conversaçaõ, e pouco passo:
Era medroso, e em si muito medonho,
Morto de fome sempre, e muito escasso.
Mas o comer pedia para a gente,
Nisto bem apurado, e diligente.

LXVI.

Abaixo logo destes, dous estavam
No apurado comer tambem servindo;
No corpo, traça, e idade conformavam,
N'hum mesmo officio naõ se desavindo:
Toda a superflua agua a si chamavam,
Pos seus canos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão hũus vasos coadores,
Que coavam esta agua, e outros humores.

LXVII.

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agua coada se metia
Por dous canos subtís n'hũa alagoa,
Que de grande artificio dentro havia:
Esta agua, que he salgada, e aqui se coa,
Da torre fóra, em fim, se despedia
Por outro cano em voltas; e deste modo
Vinha assi a sahir fóra de todo.

LXVIII.

Este aposento abaixo se cercava
Com paredes tambem, e com seu muro,
Com que amparado, e quente assi ficava
Aos perigos de fóra, e mais seguro:
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, e duro;
Finalmente de tudo mui provido,
De gente de serviço bem servido.

LXIX.

E porque esta taõ bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o Mestre com destreza
Que de fóra da torre sempre houvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza
Outros materiaes espiritos désse,
Para se fazer o novo edificio,
Por delicados meios, e artificio.

LXX.

Todos tres aposentos, e sobrados,
Sobre duas columnas se assentavam,
E ao pé dellas, entre elles, gazalhados
Estes dous naturaes Irmãos estavam:
As columnas seus pedestaes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravam
E o mais grosso para cima tinha
A outra torre, de que esta nascer vinha

LXXI.

Sendo, pois, como disse taõ formóso
Este novo edificio, e taõ polido,
Dentro, e fóra em extremo artificioso,
E tudo já por mi visto, e corrido:
No Artifice cuidando poderoso,
Que de tudo o fizera taõ provído,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

LXXII.

Quando enlevado assi me parecia,
Que com triste mudança, estranha, e dura,
Este grande edificio descahia
De sua graça alegre, e formosura:
A máchina total se desfazia,
Vindo abaixo de sua mór altura,
Té de todo cahir por derradeiro,
Como no Canto cantarei terceiro.

DA CREAÇAÕ

E COMPOSIÇAÕ

DO HOMEM.

CANTO TERCEIRO.

I.

O'vida humana, taõ caduca, e breve,
O' falsa gloria della, e imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo, ao fado, á morte, em fim, sujeita:
Quem mais conta fez della, e em mais a teve,
Com mór dor e tristeza a vio desfeita;
Passa, e seu fim remata em pranto, e mágoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa:

II.

Em que parou da terra o mór Tyrano,
Com prospera fortuna, ou com adversa?
Em que parou o grão Sceptro Romano?
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa:
De huma hora incerta hum certo desengano
Daquella hora final, dura, e perversa;
Triste, odiosa a todos, tudo em terra,
Em muito esquecimento, e pouca terra.

III.

Na antiga idade d'ouro, em que abundança
Saudavel da terra florecia,
Em que a saude, e util temperança,
Nos homêes, e elementos mais havia;
Dos innumeros annos a abastança
A muitos pouca, e breve parecia;
Que o callado ladraõ a todos furta
A longa vida, e faz parecer curta.

IV.

Quem vive por viver só nesta vida
Docemente, no fim chorosa, e amarga,
Em que do Ceo lhe seja concedida
Que a de Mathusalem muito mais larga:
Que mais he que na misera partida,
Em que ha de ir ter levar muita mais carga;
Mas quem sómente aspira á eterna, e santa,
Para ella alegre, e leve se levanta.

V.

Levanta-se a alma leve á mór altura,
Do seu charo inimigo desatada,
Ou das obras levada clara, e pura,
Ou á prisaõ perpétua condemnada:
Toda a inferior cousa, e creatura,
De materia, e de fórma fabricada,
Por mais que viva, em fim, seu fim a espera,
Que assi o quiz quem fez a grande Esphera.

VI.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
Para que a dura Parca inexoravel,
Espanto lhe naõ cause, dor, tristéza,
Com seu golpe cruel, e irreparavel:
Assi vendo da bella Fortaleza
A miseravel quéda, em que duravel
Sabia nascer nada; entristeceo-me,
E cousa estranha, e grave pareceo-me.

VII.

Naõ sonhava eu, que via desfazer-se
Com subita ruina este edificio,
Mas que por tempo havia envelhecer-se,
Cada parte cessando em seu officio:
E o governo, e economia perder-se,
Com sua ordem certa, e exercicio,
Naõ servindo os vassallos á Senhora,
Te que ella triste se sahia fóra.

VIII.

Triste se hia, por mal obedecida,
Para queixar-se, na luzida esphera,
Ao Senhor, que a esta envelhecida
Casa sua a mandára, e vir fizera:
Triste se hia confusa, e arrependida
Do máo viver; mas mais viver quizera
Na sua antiga, e taõ chara morada,
Que só por terra jaz desamparada.

IX.

Fazendo mal os grandes, e os menores,
Cada qual seu devido regimento,
Naõ mandando os Mordomos, e Vedores,
E naõ havendo em nada certo assento:
Veo o commum manjar, com seus licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, e as outras logo,
Enfraqueciam, e se esfriou o fogo.

X.

Porque daqui nasceo, que consumindo
Se foi o Mestre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo,
Os Capitães da terre, e outra gente:
E os servidores todos mal servindo,
Os de dentro, e os de fóra juntamente,
Em todos se enxergava huma frieza
De estranha fórma, e misera fraqueza.

XI.

Os mais dos trinta e dous brancos moleiros,
Que estavam no moinho, se faziam
Debilitados já como os primeiros,
E sem poder moer fóra cahiam:
Outros, que em seu vigor, aindaque inteiros
Ficavam, por fraqueza naõ serviam;
E por estarem alli mais arreigados
Ficavam com o velho aposentados.

XII.

Envelhecendo assi tanto o edificio,
De fóra a graça, e lustre hia mudando:
Até no capitel, e frontespicio,
Murchando as flores se hiam, e arrancando;
Porque já naõ lhes sendo taõ propicio
O calor, e alimento, como quando
Em seu vigor, e perfeiçaõ estavam,
Em fria, e branca a côr d'ouro tornavam.

XIII.

Aquelles dous robustos, e valentes
Carreteiros cansadamente andavam,
E já mais froxamente, e negligentes,
O necessario á torre acarretavam:
Tambem os dez criados diligentes,
Como tolhidos, mal se meneavam;
E já as columnas grossas, que traziam
O pezo sobre si, fracas tremiam.

XIV.

Com tal fraqueza, e continuos temores,
Ameaçavam á torre final quéda:
Estavam sem repouso os Veadores,
E toda a gente fraca, e pouco léda,
Da salva a mestra já deixa os sabores,
E cada hum de seu cargo já se arreda:
Arruinado por mil partes o muro,
Abalado se mostra, e mal seguro.

XV.

Attonito com grande dor, e espanto;
Que alli ficava entaõ me parecia,
Por taõ fero espectaculo, e com tanto
Estrondo lacrymoso, como havia:
Porque de fóra estar em alto pranto
Muita gente funesta, e triste, via,
A mortifera quéda desta sorte
Carpindo, e da sua gente a féra morte

XVI.

E o que mais me espantava sobre tudo
Da máchina lançada assi por terra,
Que o material todo, e o campo mudo
Hum vil panno de lenço dentro encer
E a quem estando em pé foi pouco tu
Cahindo o cobria huma pouca terra.
Estando eu nisto cuidadoso, e afflito,
Tornava a apparecer-me aquelle Esp

XVII.

Aquelle Esprito bom, formoso, e pur
Que ao entrar da torre me deixára,
Em cuja companhia eu mui seguro,
Por arriscados passos, já passára:
Tornou-se-me com elle o triste, e esc
Tempo, puro e sereno, e a noite clar
E pondo eu leve, e lédo os olhos nell
Assi me começou de fallar elle:

XVIII.

Que fazes, fraco, aqui? Que cuidas, triste,
Mortal, terreno, cego, e descuidado?
Porque naõ te aproveitas do que viste,
No mal d'outrem por teu bem doutrinado?
Naõ he vão sonho, naõ, o em que consiste
Perderes-te, ou salvares-te coitado:
Os olhos abre já esperto, e pronto:
Regúla a vida só por este ponto.

XIX.

Quem te criou, e quem te fez de nada,
Dando-te o ser, a fórma intellectiva,
Te meteo nesta torre encarcerada,
Naõ foi para que nella sempre viva;
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras, a outra eterna, e altiva,
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

XX.

Para isto vive só, para isto estima
Qualquer bem temporal, que este he seu preço:
O que naõ for para isso desestima,
E no fim o despreza, e no começo:
O bem perfeito e firme lá está em cima,
Sem falta lá seguro, e sem excesso:
Dá-se immenso a cada hum no claro assento,
Mas medido por seu merecimento.

XXI.

Dá-se pena a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, e sem medida,
A qual por sua culpa só padece,
Pospondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Até lhe ser de todo consumida,
Da alma a satisfaçaõ lho verifica,
E o que da terra he, na terra fica.

XXII.

Isto he o que tẽes visto, e o que notaste
No processo, e discurso deste Forte,
Que naõ he mais, se o bem consideraste,
Que hũ vivo homem sujeito á cõmum morte
Tu por dentro, e por fóra especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declarar-te haverei por escusado.

XXIII.

Fé-lo Deos como a ti mortal, terreno,
Mas fé-lo racional, capaz do Ceo;
Fez o grão Mundo, e fez este pequeno,
E nelle por salvá-lo, em fim, desceo
A homem se fazer: com hum aceno
Quem o ser ao Ceo, e á terra deo,
Em huma Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

XXIV.

Remir-te, O' homem, quiz Deos sempiterno,
Co' hum resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu Filho, igual, coeterno;
O qual fazendo-se homem piedoso,
Por te livrar da morte, e escuro inferno,
Deo sua vida, e sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagar-lhe entendes,
Se com a que te deo tanto o offendes?

XXV.

Será razaõ que desça de sua altura
A' baixa terra, só por dar-te vida?
A sua offerecendo santa, e pura,
Com tanto excesso, e tanta dor crescida,
Na Cruz a tanta injúria, á morte dura?
E que seja taõ mal agradecida?
Que elle morra só para tu viveres,
E tu que vivas só para o offenderes?

XXVI.

Enganado, perdido, ingrato, e cego,
Como dormir, como viver, te atreves?
Como affogar-te no profundo pégo
Naõ temes, carregado do que deves?
Emenda a vida, naõ com o máo emprego,
Em quanto tempo tẽes, que as horas leves
Se vaõ, sem esperar, como a figura,
Para isso a derradeira, triste, e escura.

5.

XXVII.

No diluvio cruel, e mar contrário
De teus vicios, em que andas engolfado,
Buscar do bom Noé te he necessario
A santa Arca, que em terra tem lavrado:
Naõ no monte de Armenia, mas Calvario,
No grão Calvario monte, e celebrado,
Do Adaõ segundo busca a Arvore santa,
Que elle por te salvar no Mundo pranta.

XXVIII.

Colhe, pois, sem receo, e confiado,
Della o fructo devido, e taõ jucundo;
Naõ o que a Adaõ primeiro foi vedado,
Mas o que deo a todos o segundo:
Do Ceo vindo, na terra foi plantado,
Para que nella viva o morto Mundo:
D'hum puro lyrio nasce huma flor taõ pura,
No valle por subir tudo á altura.

XXIX.

Olha na sagrada Arvore pendendo,
Do ventre Virginal, o fructo suave,
Para dar bẽes, os braços estendendo,
Como posta lhe foi corôa grave:
Por te esperar, se da vista o vás perdendo,
Pregados pés e mãos tem na alta trave;
E para recolher-te no deserto,
Perdida ovelha, o lado tem aberto.

XXX.

O' lado, fonte viva, donde mana,
Com sangue, e agua, a sãa graça infinita,
Que gostando-te bem a gente humana,
Que vive vida morta, resuscita.
Gloria fica da morte soberana,
Consola, e apura em fogo a alma afflita.
Tu, puríficа Fonte, tudo regas,
E a quem te quer gostar nunca te negas.

XXXI.

De tua perennal clara corrente
Nascem divinos rios sem discordia,
Que essa Cidade regam refulgente
De Deos, que tem a terra em sãa concordia.
Quatro rios de graça sufficiente,
De justiça, de amor, misericordia,
E todo o bem que a seu Deos communica,
Em ti, ó Fonte santa, purifica.

XXXII.

A ti, os que de vida sede trazem,
Tua agua salutifera buscando,
Quanto mais della em ti se satisfazem,
Tanto com gosto a estaõ mais desejando:
De terrena já pura ser a fazem,
Seu bom estado em graça renovando,
Os que te bebem, e teus rios habitam,
E baixo do guiaõ da Cruz militam.

XXXIII.

A taõ líquida vea, e fresca Fonte,
Corre, pois, peccador, lavar-te nella;
Baixos olhos levanta ao alto Monte,
A'quelle Monte santo donde nasce ella:
E vê-la ensanguentada naõ te affronte,
Que he mais formosa assi, que toda a Estrella.
Esse divino Sangue, em que tingida
Vês a santa Agua, te he saude, e vida.

XXXIV.

Faze tuá morada nesta viva
Singular Pedra onde a doce agua nace,
E donde mel e leite se deriva,
Que o Ceo e a terra alegremente pace:
Por esta escada sóbe á estranha altura,
Que o grande Jacob vio que ao Ceo chegace:
Por ella Anjos do Ceo á terra descem;
Sobem ladrões ao Ceo que a reconhecem.

XXXV.

Vai banhar-te doente, e taõ leproso,
Neste divino e sacro Rio Jordaõ:
Passa o da lepra já são, e formoso,
Para na terra entrar de Promissaõ:
Fuge, e sahe-te do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prisaõ:
Passa do sangue, e agua o Mar Vermelho,
Livre do captiveiro antiguo, e velho.

XXXVI.

Olha a sagrada letra, que Ezechias
Em Hierusalem vio impressa, e escrita
Nas testas dos que estavam de agonias,
E a alma tinham triste, e mui afflita:
Enche os corações esta de alegrias
Perpétuas: e lhes dá graça infinita
Agora co' hum signal nellas impresso,
Escripta bem com sangue, alto, sem preço.

XXXVII.

De metal no deserto, em Cruz erguida,
Olha a medicinal mortal serpente,
Que só co' a vista dá saude, e vida,
Aos que feria co' o venenoso dente:
Representava ser serpe esculpida,
Serpe era no metal, serpe apparente:
Assi posto na Cruz, como culpado,
Quem nunca o pode ter, terá o peccado.

XXXVIII.

Esta Arpa de David taõ branda, e santa,
Com vozes taõ divinas, e acordadas
Se tocam na Cruz postas, com dor tanta,
Os nervos seus, e cordas delicadas,
Affugenta o demonio máo, e espanta,
Desfaz, e desbarata suas ciladas:
Toca, pois, a santa Arpa, adora, e ama,
Mil lagrimas d'amor nella derrama.

XXXIX.

Com esperança, amor, e firme fé,
A teus taõ cegos olhos lava, e cura
Na clarissima fonte Siloé,
Sahirás da cegueira triste, e escura:
Verás, por onde pões o enfermo pé,
Ser tudo engano, e má desaventura:
Da vil carne do mundo vem pobrezas,
Do máo sempre malicias, e torpezas.

XL.

Goza-te desta certa medicina,
Bastante estima a toda a enfermidade,
Que o bom, e universal Medico ensina,
Com taõ sincero amor, e boa vontade:
Entra nesta probatica Piscina,
E a tua paralitica maldade,
Convertida verás pela virtude
Desta agua efficacissima em saude.

XLI.

De Deos com puro amor olha o Cordeiro,
Cujo sangue purissimo innocente,
Derramado co' o amor taõ verdadeiro,
Do lobo te livrou percuciente:
Sangue tanto, sem preço, e por dinheiro
Por vil preço vendido injustamente:
Mas assi ás más culpas livramento,
E ás obras boas deo merecimento.

XLII.

As obras que assi nelle resplandecem,
Como n'hum taõ capáz, e claro espelho,
E todas perfeições, sem fim parecem,
E os santos dões do esprito, e são conselho:
As virtudes que mais aqui florecem,
Tinha no fino esmalte, e bom vermelho.
Vê-te bem neste espelho, e o tempo gosa,
Verás toda a virtude aqui formosa.

XLIII.

Se a sempre igual justiça, firme, e forte,
Ver queres, vê que o homem condemnado
Por sua mesma culpa á eterna morte,
Pagando Deos por elle he perdoado:
Deos fez-se homem mortal, e mata a morte;
Morre innocente, e mata ao máo peccado;
Com suas chagas tira a antiga chaga,
Como Deos póde, e quer, como homem paga.

XLIV.

Essa misericordia branda, e amiga,
Que mais se póde ver, que na piedade
Com que ao Filho do Eterno Pai castiga,
Por perdoar do máo servo a maldade?
Olha a que estado desce, e a que se obriga:
Se queres ver a altissima humildade,
Se a sãa modestia, vê com que estreiteza
Nasceo, viveo, morreo sempre em pobreza.

XLV.

Vê com que mansidaõ, com que innocencia
O Redemptor do Mundo se offerece
Ao summo sacrificio, e obediencia,
Até morte taõ crua, que padece:
Em tanta injúria, tanta paciencia,
Que por seus homicidas naõ se esquece,
Por imigos rogar assi os amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

XLVI.

Amor lhe fez que á terra do Ceo deça,
Amor, da terra ser em Cruz subido,
Amor, nos pés, e mãos, corpo, e cabeça,
Com cravos, lança, espinhos ser ferido:
Amor, que com tormentos mil pareça
Ser huma chaga, e por leproso havido;
Amor, que amasse o ingrato Mundo tanto,
Que nelle fique em carne, e em corpo santo.

XLVII.

Deos sendo amor purissimo perfeito,
Quiz pelo mesmo amor communicar-se,
Fazendo-se de huma alma, e humano peito,
E nelle Deos e homem agazalhar-se:
E em lugar taõ estreito, mais se alegra,
Que no espaçoso, e largo Empyrio achar-se;
Que este he só corporal morada nua
D'alma, e esprito, o outro imagem sua.

XLVIII.

Para esta uniaõ santa, e amorosa,
A Divina Eucharistia instituindo,
Com discreta invençaõ maravilhosa,
Dos Discipulos seus se despedindo;
Naquella final Cêa lacrimosa,
Debaixo das especies se encobrindo
De pam e vinho, em doce mantimento
Se dá a comer neste alto Sacramento.

XLIX.

Que como transformado, e convertido,
Em quem o come, o mantimento fica,
Assi a alma do homem a Deos unida,
Por amor se sustenta, e vivifica:
Que este manjar Divino recebido
Vida divina dá, e glorifica
A quem sua Carne come, e Sangue bebe,
E morre indignamente quem o recebe.

L.

Quem bem o come, em Deos fica, e Deos nelle,
Fica em Deos como proprio membro vivo;
E o summo Deos, como cabeça delle,
Hum ser espiritual lhe dando altivo,
Fas-se assi hum corpo mystico com elle,
Por este amor seu, puro, e unitivo;
E o filho assi de Adaõ, e filho de ira,
Fica filho de Deos, e a Deos aspira.

LI.

Contente fica amando, e persevera
Na fonte d'amor puro, alma, embebida;
Abraça aquella amiga, e fiel hera,
Da saudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom Pam da vida; e a vida féra
Perdendo irás, ganhando eterna vida:
Pam sobresubstancial come, e de graça,
Que de terreno, Angelico te faça.

LII.

Esperta já, Christão dormente, esperta
Para este Pam, que tanto te convinha,
Que a satisfaçaõ tẽes taõ boa, e certa,
Cavando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, e chaga n'alma aberta,
Applica esta suave, e sãa mézinha:
Os bẽes do Mundo tem por sonho, e riso,
E o que me ouviste em sonhos, por aviso.

LIII.

Assi me estava o bom Anjo fallando;
Que ao doce som da sua voz divina
Dormia mui quieto repousando
Na visaõ deleitosa, e matutina:
E naõ crendo eu que fosse isto sonhando,
Com branda vara, e inspiraçaõ divina,
No coraçaõ tocar-me parecia,
E despertar do somno me fazia.

LIV.

Taõ confuso fiquei, taõ assombrado,
Já de todo acordado, e só em meu leito;
Daquelle Esprito bom desamparado,
De seu colloquio santo, e brando aspeito;
E do que ouvíra, e víra inda lembrado,
Que impresso me ficou dentro em meu peito:
Comecei a fazer contas comigo,
Quaes todo o homem fazer deve comsigo.

LV.

Misero peccador, mortal, terreno,
De pó, de cinza, e terra hum triste saco,
Quero abarcar hum bicho taõ pequeno,
A terra, e o Ceo, como outro Zodiaco?
Eu me engano, eu me perco, eu me condeno;
Culpado vou perdido, cego, e fraco,
Nascido em dor, em pranto, e em peccado,
E nelle em mil miserias enterrado.

LVI.

Que espero mais, que naõ me desengano
Com tanta inspiraçaõ, tanta doutrina,
Que vou de dia em dia, de anno em ano,
A cura dilatando a esta alma indina?
Ah cruel a mi mesmo, e deshumano,
Que taõ presente, e santa medicina,
Qual se me offerecendo está taõ certa,
Deixo de pôr na mortal chaga aberta!

LVII.

A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando está perpétuamente,
E sem cessar, saude, e luz de vida:
Vejo-me a mi mortal, cego, e doente,
Chegar naõ quero á cura offerecida;
Deixo-me ir obstinado sempre, e duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro.

LVIII.

A Fortaleza, que eu sonhando via
Florente edificar-se, em tanto ter-se,
Té que por tempo, em fim, me parecia
Cahir por terra, e nella desfazer-se;
Donde a immortal Senhora se sahia,
E sem para onde fosse entaõ saber-se,
Era o meu triste, e fragil corpo humano.
E que de todo naõ me desengano?

LIX.

Ah naõ seja assi, naõ! Naõ dure tanto
Minha vida no grave, e máo lethargo,
Que esquecido da eterna, com espanto
A perca, e sem fim morra, em pranto amargo:
Daquella santa Fonte, e Rio santo,
Sempre alto, copioso, doce, e largo,
Lá quero o Pam gostar, e Agua da vida,
Para que fique lá comigo unida.

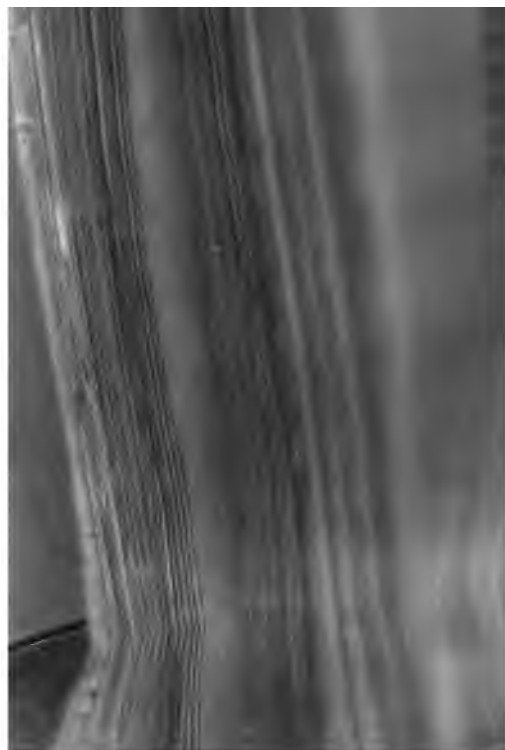
LX.

Por ti quero viver, ó Pam Divino,
Que dás a vida, e és vida por essencia:
Por ti com tua graça, eu fraco, e indino,
Quero, e posso fazer sãa penitencia:
E com ella, mais limpo, de contino
Quero amar-te, e gostar com mais frequencia,
A ti, que és amor puro, e bem supremo,
Por ti suspiro eu já, e por ti gemo.

LXI.

Indaque eu merecer tanto naõ possa,
Nem por mi, ao que devo, satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversaçaõ nossa;
Amiga, se a tua graça nos dá graça:
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo, póde
Chamar-te, o teu poder logo lhe acode.

LXII.

Tu usas só, Senhor, de tal piedade;
Só o remedio nos podes dar seguro,
Tu, Altissimo Deos, tanta humildade,
Que o servo communicas baixo escuro:
Tu, que vestindo a nossa humanidade
No ventre virginal, e sangue puro;
Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
E te dás em comer, tanto nos amas.

LXVI.

Ficou sobresaltada, e temerosa
A Princeza com voz taõ grave, e horrenda;
Mas ainda assi lhe respondeo chorosa:
Espera-me algum tempo para emenda
Minha; e desta morada perigosa,
E o prazo final, mais se me estenda:
Darei ordem, que em taõ triste partida,
Naõ deixe a casa toda destruida.

LXVII.

Grão tempo ha já lhe replicou o velho,
Que nesta torre vives, e o tiveste
Para tudo ordenar com grão conselho;
Sabias isto bem, mal o fizeste:
Se a casa tem remedio, outrem dê-lho;
E a ti o que nella estando mereceste:
Naõ posso esperar mais, vem-te comigo,
Mais tenho que fazer que aqui comtigo.

LXVIII.

Isto disse, e pegando rijamente
Outra vez, com mão dura, com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto a Fortaleza:
Cahio com ella morta toda a gente,
E a grão Regente della, e alta Princeza,
Desapareceo co' o velho a essa hora,
Sem saber mais ninguem certo onde fora.

LXIX.

Pois se ha de haver desagradecimento
De mercê tal a mi, e a todos feita,
Se nisto naõ se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre acceita:
E se eu della tiver esquecimento,
De mi se esqueça a minha mão direita,
E a lingua se me apegue na garganta,
Se eu naõ louvar, e amar mercê taõ santa.

PROTESTAÇAÕ DA FÉ.

LXX.

A'QUELLA santa Barca, que se emprega
Segura no alto mar com bom governo,
Que ao pobre Pescador firme se entrega,
Por mão do universal Senhor Eterno:
Que, pois, vê claro o porto a que navega,
Sempre ondas vencerá do escuro inferno;
A' Catholica Mãi Romana Igreja,
Quanto digo, e disser, sujeito seja.

ADVERTENCIA
DO EDITOR.

Os Editores que despois de Joseph Lopes Fe reira imprimiram as Obras de Luis de C: mões, entendendo, erradamente, que el compuzera a antecedente Oitava como Pr testaçaõ de Fé, para pôr no fim de todos : suas Obras, quando ao certo nos consta q elle naõ as deixou ordenadas para a impre saõ, pois só pode em sua vida ordenar, e d á luz a Luziada; sem mais advertencia a p zeram no fim de todas as Obras do Poet seguindo ao mesmo Joseph Lopes Ferreir que assim o havia feito, sem outro algum fu pamento, que achá-la no fim da Edição q se fez em Lisboa no anno de 1616. por Ped Crasbeeck, e á custa de Domingos Ferna des. Pudéra advertir o mesmo Lopes Ferreir que o vir esta Oitava no fim daquelle volum

fora por serem estes tres Cantos da Creaçaõ e Composiçaõ do Homem a ultima Obra delle o que se prova taõ concludentemente, que ate alli mesmo se acha numerada com as antecedentes, fazendo o numero de 70. naquelle ultimo Canto. A este mesmo lugar a restituimos agora; tanto por ser do Auctor dos mesmos Cantos, como para assim vermos se a pouco e pouco se vaõ desterrando ignorancias.

ELEGIA.

Duvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me naõ ouvir meus danos,
Fizeram que naõ fiz isto mais cedo.
  Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais
Temendo outra mór dor dos desenganos.
  Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Naõ soffre que tal dor encubra mais.
  A ser vosso, Senhora, me condena:
Nisto mercê me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mi a pena.
  Naõ cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.
  Ditosa dor a que por vós se sente:
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para naõ ser das minhas descontente.
  Com tudo, a naõ poder huma vontade
Taõ pura, e tanto a medo offerecida,
Mover-vos de meu mal a piedade;
  Naõ quero mais viver, naõ quero vida:
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo ver servida.
  Banhem, pois, minhas lagrimas meu rosto;

Suspire o coraçaõ, que treme, e arde;
Chorar, e suspirar seja o meu gosto.
  Naõ queiram os meus fados que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais sentí-lo tarde.
  Quizera, desque tive entendimento,
Por ver se com firmeza vos movia,
Naõ ter em outra cousa o pensamento;
  Em vós cuidar a noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós ter para mim que naõ vivia.
  Mas nem por isso haja inda em vós crueza:
Soffre-se mal n'hum peito delicado:
Parece cousa contra natureza.
  Olhai que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Buscá-lo n'outra parte he escusado.
  Porque naõ val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
  Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me naõ soccorrem,
Deixai-me morrer já, ninguem me ajude.
  Ditosos saõ os tristes quando morrem:
No começo dos damnos, que naõ sentem
Quaõ vagarosas as tristezas correm!
  Porém se as esperanças me naõ mentem,
Espero deste conto inda ser fóra,

Que cruezas em vós naõ se consentem.
Em fim, a fim de tudo isto he, Senhora,
Que se me naõ valeis, tenhais por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Já que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó : naõ seja isto, em fim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:
Valei-me, que por vós me perco a mim.

ECLOGA

INTITULADA

CINTRA,

L MANOEL DE FARIA E SOUSA ESCREVE A VIDA
DE LUIS DE CAMOES.

ıeros accusam as annotações que vaõ no fim.

INTERLOCUTORES.

FA RIA, *e* ALMENO.

ɔMBRA deste umbroso, e verde louro,
vendo memorias magoadas,
nte de Aganippe destillando (1)
grimas hum vaso,
verdadeiras lagrimas,
lor me naõ congela a voz no peito,
anto me ajudar engenho, e arte,
ırei o que na alma tenho escripto
ıuelle grão Pastor, que em nossos dias
ıde o ser Divino,

Ornou de altas sciencias o destino.
N'huma mão livros, n'outra ferro, e aço,
N'huma mão sempre a espada, n'outra a pena
Mudando andou costume, terra, e estado,
Vendo Nações, linguagẽs, e costumes,
Desde o Ibéro ao Indo,
De qualquer alegria duvidoso,
Nas mãos da féra morte,
Mas contente, porém, de sua sórte.
Com adourada lyra
(Imitando os espritos já passados)
Cantando docemente,
Com som douto, e jucundo,
As Tagides gentís, e seu respeito;
As glorias sepultadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos;
As Armas, e os Barões assignalados,
Os feitos em que mais se assignaláram,
A quem Neptuno, e Marte obedecêram:
Vasco da Gama, o forte Capitam,
Illustre Lusitano,
Que para si de Enéas toma a fama:
Hum Pacheco fortissimo:
Os temídos Almeidas,
Albuquerque tirribil, Castro forte;
E aquelles, que por obras valerosas,
Dignos todos de fama, e maravilha.
Audazes, e animosos,

Com esforço tamanho,
Virtude sobre humana,
Passáram inda álém da Taprobana.
O' altas semidéas (2),
E vós deosas do bosque, e clara fonte;
Vós Nymphas da Gangetica espessura;
Naiades, vós que os rios habitais;
Vós humidas deidades deste pégo,
Onde a bella Amphitrite só domina:
Pales, do manso gado guardadora:
De Pindo as moradoras:
O' Phebo crespo, e louro,
Neste trabalho extremo,
Qual Yopas naõ soube, ou Demodoco,
Vosso favor invoco.
Deixai logo as aljavas, e aguas frias,
Ouvi da minha humilde sanfonina,
Tambem do estylo novo
As mágoas, que aqui digo:
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que grandes mágoas podem curar mágoas:
Este Canto que escrevo derradeiro (3);
O rudo canto meu, que resuscita
Memorias do passado,
Caduca e debil gloria,
Que nunca passará pela memoria.
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes;
Ouçam a longa historia,

Copioso exemplario para a gente:
As gentes Lusitànas,
A deosa dos amores,
O coro das Nereidas,
Nas aguas crystallinas;
Tritões ceruleos, Próteo com Pàlemo,
Com toda a mais cerulea companhia:
Do monte as Orcadas,
Com a deosa da caça, e da espessura,
Com o coro das Nymphas rodeada.
Naõ deixe o Mundo todo de escutar-me;
Os Faunos, certa guarda dos Pàstores;
E vós Pastores rudos deste outeiro,
E vós féras do monte,
Sylvestres montes, àsperos penedos:
Tu manso Tejo, e tu florido prado,
Por dar allívio hum pouco a seu cuidado.
Chegai desesperados para ouvir-me;
Importune meu canto a toda a gente;
Ouçam todos o mal, que toca a todos;
Porque a todos, em fim, se manifeste;
Com grande sentimento,
Com pranto manifesto o seu tormento.
Já deixava dos montes a altura,
No Reino de Neptuno se escondia
O grão Pastor de Admeto,
Quando polas montanhas (4)
Da Lũa conhecidas,

'Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A's humidas deidades,
Desciam dous Pastores,
Almeno, e mais Faria,
Poetas, nos officios discrepantes:
De idade cada hum era mancebo,
Differentes em tudo da esperança,
Nos engenhos, porém, subtís, e agudos.
Neste lugar ameno;
N'hum valle de altas arvores sombrio,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Entre hũus verdes ulmeiros apartados,
Pola mais fresca parte da espessura
Promptos ás suas queixas pareciam:
Instrumentos altisonos tangiam.
O valle triste estava;
Parecia que o valle estava mudo;
A noite escura triste, e tenebrosa;
Estava tudo triste:
As roucas rãas soavam
Daqui e de alli saltando, o charco soa:
O Tejo corre turvo, e descontente:
Na outra parte do rio retumbava
(Causava hum admirado, e novo espanto)
Do passaro nocturno o triste canto.
Já agora me parece,
Se a vista naõ me engana a phantasia,
Que podem começar os meus Pastores,

Lamentando seu mal, seu duro fado,
Chorando, e suspirando,
E de novo tecendo a antiga historia;
Por partes mil lançando a phantasia,
E ao Mundo mostrando tantas mágoas;
Dizendo a menor parte,
Com mil suspiros tristes,
Que rompiam os ares:
O triste som das mágoas
Retumba na maior concavidade.
Estava o triste Almeno
Tornado hum cysne puro,
Com huma mão na face, e encostado:
O Ceo suspenso olhando,
Ao monte cavernoso se querella.
O outro companheiro,
Com seus olhos no chão, as mãos na face;
Da alma hum fogo lhe sahe, da vista hum rio.
Alli tinha em retrato
A grão Sicilia em fogo, o Nilo em agoa:
Fogo no coraçaõ, agua nos olhos.
Aos montes e ás aguas se queixava
Com soluços, que a alma lhe arrancavam,
O silencio rompendo assi dizia:
E em quanto elle fallava, o outro ouvia.

FARIA.

Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
Ao manso Tejo brando,

A Deos, á gente, ao Mundo, e em fim ao vento,
As semrazões digamos
De amor, e da fortuna (5),
Contra hum bicho da terra taõ pequeno,
Homem formado só de carne, e osso:
Desprezos, desfavores, e asperezas;
O tempo já passado
De bem soffridos danos
Polo Pastor da Musica divina,
Que remove das rochas a dureza.
Mas eu desatinado adonde vou?
Que me queres, Almeno?
Que queres mais de mi,
Que este phantasiar, que imaginando
Em tanta desventura,
Apenas nos meus olhos ponho freo?
Porque qués que renove ao pensamento
Toda a pena cruel, todo o tormento?

ALMENO.

Toca, Faria, toca a doce lyra (6);
Que o nosso claro Tejo,
A' sombra recostado,
E com silencio triste,
Dos olhos derramando
Gottas que o corpo todo vaõ banhando,
Está para te ouvir apparelhado:
Nenhum rumor da serra lhe resiste.
Digamos mal tamanho,

Só porque a meu desejo satisfaça;
Que dias ha que no desejo o tenho.
Façamos novo estylo, e novo espanto.
O' tu, que no tocar pareces mestre,
Aqui têes companheiro.
Canta agora Pastor
Donde teve princípio
O duro caso triste
De aquelle Cavalleiro,
Que busca outro Hemispherio,
Que padeceo deshonra, e vituperio.

FARIA.

Com carga taõ pezada
O engenho me falta, o esprito mingoa:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Eu porei teu desejo em doce effeito.
Nos saudosos campos do Mondego
As filhas de Mnemosine famosa,
Criando-o co' o seu leite, no seu leito,
De hum esprito divino acompanhado,
Inclinaçaõ divina lhe influíram,
Em quem suas altas mentes assignáram
O claro Apollo, e Marte.
Com a doce harmonia nos Cantores,
De todo ser humano differentes,
Passava o tempo alegre, e deleitoso.
Mancebo era de idade florecente,
A barba entaõ nas faces lhe apontava :

De boninas a fronte coroava,
Que as Nymphas lhe tecêram, e ordenáram;
Em quanto Deos queria,
Livre, e contente para si vivia.

ALMENO.

Só sua doce Musa o acompanha,
Imitando de Tityro as Camenas,
Tangendo faz o mar sereno, e lédo,
Entre as Musas dos bosques, das arêas;
Ora nos montes, ora pela arêa,
Tocando com destreza
A cithara dourada,
A cuja voz altisona, e divina,
Os ramos se abaixavam,
As ondas de Neptuno;
O claro Olho do Ceo no quarto assento
Seus raios abaixou,
Porque ante elle tudo se abaixava:
Mil vezes fez parar no ar o vento,
As Tagides no bosque, e na aspereza;
E fez ouvir os mudos nadadores
No mesmo mar undoso.
De varias cores sempre se vestia:
Sem conhecer a amor viver soia.

FARIA.

Que bem livre vivia, e bem isento
De quem por elle via andar perdido!
De quantos bebem a agua do Parnaso,

De Nymphas, e Pastores celebrado,
Mil vontades alhêas enganando:
Muitas Nymphas do rio, e da montanha,
Com palavras mimosas
As trazia contentes, e enganadas,
Seu arco, e seus engenhos desprezando.
Mas ah! Que desta prospera victoria
Da sua idade tenra, em tudo estranha,
Quasi lhe roubará a fama, e glória,
Hum mover de olhos brando, e piedoso,
Que em si está sempre as almas transforman
Contra quem força humana naõ resiste.
Onde menos temia foi ferido;
Ferido sem ter cura perecia,
Na prompta vista a sétta endireitando
O menino que em todos póde tudo.
Que contra o fero amor nunca houve escudo

ALMENO.

No Templo donde toda a creatura,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
Louva o Feitor divino,
O Filho de Maria,
As Chagas recebidas (7),
Por subir os mortaes da terra ao Ceo,
A quem faraõ os Hymnos, Odes, Cantos,
Engenhos peregrinos,
Arrebatados do furor divino,
Em quanto houver no mundo trato humano

Em quanto der o Sol virtude á Lũa:
Alli amor, que o tempo lhe aguardava,
Em morte lhe converte o charo ninho
Da doce liberdade desejada.
Vivas faiscas lhe mostrou hum dia
Dos olhos com que o Sol escurecia
Huma divina angelica excellencia.
Ah dura lei de amor, que naõ consente
A algum juizo isento
Esperança de algum contentamento!

FARIA.

Alli se vio passado
Assi do santo Templo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam:
Formosa Lemnoria (8),
Sybilla, Nympha linda,
Natercia, crua Nympha,
Rachel, serrana bella,
Amanta, e mais Elisa,
Sirene, e Nise, que das mãos fugíram
Dos Faunos petulantes:
A dura Galatéa
Bellissima Oritya,
E excellente Marfida,
Dinamene, e Ephire;
A linda Daliana com Belisa,
Que das outras parece ser Senhora;
De huma os cabellos louros se espalhavam

Polo colo que a neve escurecia:
Outra levando o colo descoberto,
Havendo por pezado o desconcerto.

ALMENO.

De todas estas altas semidéas,
Dignas todas da Homerica eloquencia,
No meio se sublima
Huma de desusada formosura:
Aquella humana fera taõ formosa,
Como cruel, Belisa (9),
Onde mais se mostráram as tres Graças;
A formosura angelica, e serena,
Onde póde aprender-se formosura:
Esprito, e corpo, em liga generosa;
A perfeiçaõ, a graça, o doce geito;
Nenhuma taõ formosa as hervas piza,
A composiçaõ alta, e milagrosa,
Pallas em sábia, Venus em formosa.
Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle naõ sei que,
Que nasce naõ sei onde,
Foram as hervas mágicas,
O eterno esquecimento,
Que pode transformar seu pensamento.

FARIA.

A testa de ouro, e neve (10),
As tranças dos cabellos,
De quem contam que saõ do Sol thesouro,

Mais que de Arabia o ouro reluzente,
A quem o Sol seus raios abaixou:
Os claros olhos bellos,
A cujo abrir abrem no campo as flores;
Debaixo de ouro, e neve, côr de rosa;
As rosas entre a neve semeadas;
Nariz lindo, affilado,
Da transparente massa crystallina;
A boca graciosa;
Riso brando, e suave, olhar sereno,
Que hum peito desfizera de diamante:
Falla, de quem a morte, e a vida pende;
Pérolas dentes, e palavras ouro;
O colo de crystal, o branco peito;
Esta foi a celeste formosura,
Que o Ceo, e a terra espanta,
O Pastor captivou, como elle canta.

ALMENO.

Mas esta linda, e pura semidéa,
Mais cruel que ursa, mais sagaz que cerva,
Entregou-o á fortuna,
Soberba, inexoravel, e importuna;
Pois para passatempo seu tomou
Os enganos suaves de amor cego.
Mas o misero amante,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou peza,
Sacrificou a vida a seu cuidado;
O tempo consumindo

Em lagrimas cansadas,
Sahidas com suspiro vivo, e ardente,
Que mais publica muito, que palavras,
E nos alamos altos escrevia
O nome da inimiga;
O nome que no peito escripto tinha,
Dentro da alma, co' as letras da memoria;
Estando na alma propriamente escripto
Amor, que o gesto humano na alma escreve
E onde he mór o perigo, mais se atreve.

FARIA.

Tocando a lyra de ouro
Entre vaccas, e gado petulante,
Tomando das Sirenas o exercicio,
As mágoas enganava co' os enganos
Para ser menos grave o seu tormento:
Co' o pezado penedo do desejo,
Que todo se desfaz em puro amor;
Todo se desfazia em desejar,
Pedindo (e suspirando)
Hum só revolver de olhos piedoso,
Naõ sabe o que deseja,
Naõ entende a quem pede,
Comsigo só fallava:
O fallar, sem saber o que dizia,
Fallava, e descobria seu tormento:
Hum mal por mil prazeres naõ trocava,
Como quem para penas só vivia:

Só de seu pensamento acompanhado,
Sómente vive nelle o seu cuidado.

ALMENO.

Com estes pensamentos,
Que de taõ bellos olhos,
Nesta florida terra (11),
Para nunca acabar se começáram,
Em fim se contentava.
Nesta vista mesquinha,
Senaõ vivesse triste morreria,
Que taõ conforme estava co' a tristeza.
De si contino, e aspero adversario,
Fugindo, em fim, de todo o humano trato,
Polo monte selvatico,
De aquella humana fera
Está seu nome aos écos ensinando.
Belisa, retumbando,
Responde o valle umbroso.
Ah Senhora, Senhora,
De seu despojo rica?
Se em Nymphas corações houvesse humanos,
Ver desfazer hum peito em triste pranto
Te poderá mover a grande espanto.

FARIA.

Oh desditoso amante!
Pois tanto em teu engenho te confias,
Porque naõ pões hum freo a mal taõ forte?
A doce liberdade

Se converteo no gosto de ser triste?
As namoradas mágoas
Te fizeram de gostos haver medo?
Naõ és tu de saber taõ falto, e rudo.
Mas que digo, coitado?
Com siso, grande dor! Naõ vi nenhuma.
E tu, gentil Senhora, naõ te obriga
Huma alma, que de amar-te só se préza
Com tantas calidades generosas?
Mas pois, Belisa dura,
Em ti tua dureza
Lhe nega o mantimento
Dos raios de esses olhos
Mais certo manjar d'alma, em fim, que tudo
Se da alma, e do corpo tẽes a palma,
Ha dó do corpo só, que está sem alma.

ALMENO.

A'quelle unico exemplo
De amor, e da fortuna,
Sequer algum respeito ter devias,
Senaõ foras, cruel, quanto formosa.
Oh Nympha delicada,
Suave, e venenosa,
Honra da natureza,
Que do mais alto Ceo a nós vieste!
Porque naõ te lembrava
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Naõ vias seu tormento?

Naõ pudéram mover-te o peito duro
O canto nunca ouvido?
Naõ vista, e nova lyra,
De taõ divino accento,
Que em seus módulos versos
Os tigres em Hircania amansaria?
O que de ti escrevia cada hora,
Nos versos saudosos que escrevia,
Como, cruel Belisa, te esquecia?

FARIA.

Oh crua, esquiva, e féra!
Naõ te gerou alguma Tigre Hyrcana.
Formosura do Ceo, a nós descida,
Bem vês que por amor se move tudo.
Cantando por amor suspira, e chama
A ave que no ar cantando voa:
A féra, que he mais féra,
Tambem suspira, e morre,
E naõ temendo nada a amor só teme:
O mais simple animal, mais baixo, e rudo,
Tambem sente de amor a frecha dura.
E tu que de divina,
Na graça, e formosura,
Naõ têes menos que Venus, e Cupido,
Hum amor verdadeiro naõ soccorres?
Porque naõ se soubera,
Que houvesse ahi no Mundo
Nodoa taõ fea em gesto taõ formoso?

Que mudava a humana natureza
Tua nunca entendida gentileza?

ALMENO.

Elle com suas mãos
Para ti huma e huma só ajuntou
As conchinhas da praia,
Argenteas, ruivas, brancas, e amarellas:
Na praia deste rio
Os buzios apanhando,
Os negros mesilhões;
Os curvos camarões, vivos saltando;
A's costas, com a casca, os caramujos,
Que recebem de Phebe crescimento:
A tinta, que no murice se cria;
(Parece-me que vejo
O que de tua boca estou cuidando)
O ramoso coral, fino, prezado,
De ouro a arêa, que o rico Tejo espraia.
Para quem de mergulho no mar bravo
O rico aljofar, que nas conchas nasce?
As perlas de Barem, tributo rico?
A occulta ao Mundo, e preciosa massa (1
Que no mar nasce, e a Arabia em cheiro

FARIA.

Para ti, féra, as flores,
Dões de Zephyro, e Flora.
No rustico raminho
As mais purpureas rosas;

A candida cecem;
Os lirios, e jasmijs;
As violas da côr dos amadores;
O neto de seu pai, da mãi irmão,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.
Das flores delicadas;
As amarellas flores;
As flores Hiacynthinas;
Bonina pudibunda;
E tu constante Clicie.
As hervas do alto monte;
Hortelãa, mangerona;
A hera florecente;
Os mui floridos myrtos;
Sem que por teus rigores
Possa colher o fructo destas flores.

ALMENO.

Os dões que dá Pomona;
Os formosos limões;
A cidreira co' os pezos amarellos;
A romãa rubicunda (13);
Vestido de boninas
O pomo que da patria Persia veio;
Peras pyramidaes;
As cerejas purpureas;
As amoras, que o nome tem de amores;
Medronhos nos raminhos;
Vide co' hũus cachos roxos, e outros verdes:

Andava imaginando
Colher as maçãas de ouro
Do Reino onde as Hesperides vivêram.
E polas solitarias espessuras,
De mel os doces favos;
A branda Philomella;
Os implumes penhores:
Lindo fructo; de dura mão colhido,
Duro peito, cruel, empedrenido!

FARIA.

Por ti feito Pastor de branco gado
Nas selvas solitarias;
N'hum longo esquecimento
De si, todo embebido,
Deixando o gado, e casa,
Em varias flammas, váriamente ardia.
Por ti aos écos dava,
Com a contemplaçaõ de teus amores,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
Com lagrimas em fio;
Taõ differente de seu ser primeiro,
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Por ti aos bellicosos,
Gravissimos perigos
(Co' a esperança de ti toda perdida,
Como inimiga, em fim, de ti fugindo)
Se deo do féro Marte
A ferro, a fogo, e neve;

A's ondas de Neptuno furibundo;
A naufragios, a peixes, ao profundo.

ALMENO.

Porém naõ tardou muito
A instabilidade da fortuna.
Por fraqueza de esprito,
Ou por outro despejo
De algumas temerarias esperanças,
De quem põe o desejo onde naõ deve (14);
Que a lingua descobrio, por desvario;
Ou por segredos que homem naõ conhece:
A vida neste estado
Causou taõ dura, e aspera mudança,
Que era razaõ ser a razaõ vencida.
A culpa teve amor; se alguma teve,
Naõ póde quem quer muito ser culpado.
O murmurar do povo,
A damnada tençaõ dos invejosos,
Desejava que fosse desterrado.
Já paga a culpa enorme com desterro
Para onde Alcides poz a extrema méta,
Nos campos de Ampelusa,
Co' o monte que em máo ponto vio Medusa.

FARIA.

Mas já as agudas prôas vaõ cortando
Onde Hercules ao mar abrio caminho:
Tomam vélas, amaina-se a verga alta,
Péga no fundo a ancora pezada:

Treme a bandeira, voa o estandarte.
De Ceita a Maura tumida vaidade
Recebe o Capitam alegremente:
E com risonha vista, e lédo aspeito,
A'quelle, cuja lyra sonorosa,
Cujo nome naõ póde ser defunto,
Cuja alta fama entaõ subia aos Ceos.
A lyra, nome, e fama,
Fez concorrer a vê lo todo o povo.
Alli canta, e suspira,
E com suave, e doce melodia,
Faz a culpa soberba, e soberana.
Ficou como pasmado,
Ouvindo o doce canto,
Ao som da Mauritana, e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

ALMENO.

Ao longo de huma praia saudosa,
Com grande saudade da partida,
Vai na suà inimiga imaginando.
Nessa imaginaçaõ,
Nem com as armas taõ continuadas,
Africa estar quieto o naõ consente.
Espalhando a contínua saudade,
Figura na lembrança,
Com o extremo trabalho do Thebanõ,
O pomar das Hesperides,
A nova terra, o novo trato humano;

E alli naõ lhe faltava hum brando engano.
As namoradas sombras revolvendo,
Aos montes ensinando
As namoradas mágoas, que dizia,
Com a trémula voz, cansada, e fria.
O grande monte Atlas
A compaixaõ movia,
O peito que naõ sente,
Ouvindo a sua voz, fraca, e doente.

FARIA.

Naõ menos cobiçoso de honra, e fama,
Por armas sanguinosas,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte;
Vestindo o forjado aço,
Malhas finas, e laminas seguras,
Provando os fios vai da dura espada,
Entre as agudas lanças Africanas;
E as armas naõ lhe impedem a sciencia.
Andando em bravo mar,
Que de inimigos mil verá qualhado,
Com vélas, e com remos,
Fará pedaços leme, mastro, e véla.
Mostrando-se no mar hum bravo raio,
Os golpes de seu braço, em fim, provåram
Os bellicosos Mouros,
A furiosa, e dura artilheria
Os montes Sete Irmãos atroa, e abala,
Polas concavidades retumbando:

Farpões, settas, e varios tiros voam;
Instumentos de guerra tudo atroam.

ALMEMO.

As forças Lusitanas
A muitos mandam ver o Estygio lago:
O Exercito nefando
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.
Olha como em taõ justa, e santa guerra,
Da vista o claro lume (15)
Lhe leva hum cego tiro, que passára,
Dos pelouros que tu Vulcano espalhas!
Agora foi ferido
Nos olhos saudosos:
O falso Marte, e rudo,
Nos olhos quiz que logo
Sentisse os golpes asperos, e graves,
De instrumentos mortaes de artilheria:
Ferido sem ter cura
O generoso animo, e valente,
Taõ gravemente foi do raio ardente:
Co' a vista só perdida
Sempre será famoso, e conhecido:
Oh grande esforço mal agradecido!

FARIA.

Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Imitando a seu pai na valentia (16),
(Do velho acompanhado,
Para leaes vassallos claro espelho)

Que de tal pai, tal filho se esperava:
Hum filho que illustrasse
A nossa Lusitania,
E naõ menos por armas, que por letras.
E com esta victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Mostra a fortuna injusta,
Que nenhum grande caso
Mudança na ventura lhe faria.
A gente amiga já contrária via,
Onde de novo chora o novo damno.
Já toma a branda lyra;
Pola praia do Tejo discorria:
Ao rio se queixava
De amor, e da fortuna,
Soberba, inexoravel, e importuna.

ALMENO.

Oh triste desengano!
Mas assi vive quem sem dita nasce.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Se a fortuna em contrário o leva, e guia.
Porém vendo o Pastor que com enganos
Deo á roda a fortuna
A' roda a esperança,
Vendo-se em breve tempo em pena tanta,
Que nem ter esperanças lhe convinha
De poder algum'hora ser contente;
Já de desesperado,

Com animoso esprito,
A vida poz nas mãos de hum fraco lenho,
Buscando á vida algum descanso honesto,
Allívio a seu desgosto.
Para as terras da Aurora se partia,
A buscar outro Mundo, onde naõ visse
Tantas ingratidões, taõ grande inveja.
Fortuna, e o duro fado,
Fez-lhe deixar o patrio ninho amado.

FARIA.

Cortando vaõ as náos a larga via (17),
Na cortadora prôa vigiando
A méta Austrina da esperança boa.
Debaixo estando já da estrella nova
O ar subitamente se escurece,
De altas nuvẽes vestido, hórrido, e feo.
Lutando Boreas féro, e Noto horrendo,
Como touros indomitos bramando,
Sonoras tempestades levantavam.
Em serras todo o mar se convertia,
Hórrido aos olhos hórrido aos ouvidos.
Vibrava o fero, e aspero Tonante
Os raios, com que o Polo todo ardia.
Tremendo os Polos ambos de assombrados,
O Mundo pareceo ser destruido.
A máchina do Mundo parecia
Arruinar a máchina do Mundo.
Os Marinheiros, já desesperados,

A manear o leme naõ bastavam:
Relampagos medonhos naõ cessavam.

ALMENÓ.

Andando em bravo mar perdido o lenho;
Pondo os olhos no Ceo assi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse
A peregrinaçaõ cansada minha,
E vossa formosura
Em figura de mágoas se mostrasse,
Isto só que soubesse me seria
Nova quietaçaõ do pensamento;
Com isto affagaria o sóffrimento.
Só com vossas lembranças,
Por quem do vento a furia pouco temo,
E naõ temo cóntrastes, nem mudanças,
Foge todo o trabalho, e toda a pena!
Oh que este irado mar, chorando, amanso!
Os tigres em Hyrcania amansaria!
Pois como? Pena tanta
Como? Já naõ abranda huma alma humana,
Onde a mesma brandura he natureza?
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Morra eu, Senhora, e vós ficai contente.

FARIA.

Os furiosos ventos
Mais e mais a tormenta accrescentavam.
Mas elle, em fim, (com causa,
Vendo a morte diante)

Espera confiado,
E põe aberto o rosto
Contra o rosto feroz da fera morte,
Que sempre aos Nautas ante os olhos anda:
E torna a seus queixumes.
Senhora, em quem se apura
Huma fé verdadeira;
Por sinal do naufragio que passei,
Debaixo da tormenta
Dos raios de seus olhos,
Em lugar dos vestidos puz a vida,
Donde já me naõ fica mais de resto.
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Se vós me dais a vida,
A'quella em quem eu móro
Levai tambem as lagrimas que chóro.

ALMENO.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas;
As vãas querellas, brandas, e amorosas
A Acidalia, que tudo, em fim, podia.
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Quando chegava a Frota áquella parte
Do Indico Oceano,
De todo pobre honrado sepultura.
Entrava neste tempo (18)
No roubador de Europa a luz Phebea:
O Reino entaõ governa
(Ao fim de sua idade)

Joanne, sempre Illustre,
De Portugal Terceiro, sem segundo:
Frondelio a doce lyra
A doce canto dava
Da morte de Tionio, triste, e escura,
A's Gangeticas Musas:
E o Ganges, que no Ceo terreno mora,
O rosto levantando,
Suspenso esteve os numeros notando.

FARIA.

E como quem naõ era já noviço
No soberbo exercicio da milicia,
Seguindo as armas, que contino usou,
O forte escudo ao colo pendurado,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna,
(A huma rege, e ensina, a outra fere)
Desejoso de ver as cousas grandes,
Toda a Asia discorre,
Até o longinquo China,
(Por nós já convertido á Fé de Christo)
Vendo varios costumes,
Nações de muita gente estranha, e féra
Que cada Regiaõ produze, e cria:
Que taõ longos caminhos rodeou,
A taõ diversos ventos dando as vélas,
Só por ver, e escrever em alto estylo;
Fugir do povo injusto,
O vituperio vil das rudes gentes;

Por estender co' a fama a curta vida,
Polo Mundo em pedaços repartida.

ALMENO.

Agora o mar, agora exprimentando
Na terra tanta guerra, tanto engano:
Ora em louvores dos cabellos de ouro
Toma a lyra na mão;
Na mão, que a dura Pelias meneára:
Agora deleitando, ora ensinando.
A troco dos descansos, que esperava,
Em prisões baixas foi hum tempo atado:
Vio mágoas, vio miserias, vio desterros,
Naufragios, perdições de toda a sorte.
Assi passou a vida
Com mil mortes ao lado,
Vivo neste tormento,
Como Ixiaõ taõ firme na mudança;
Até tornar á doce, e chara terra.
Por Heitor da Silveira (19),
Por espiritos mil, que tem prudencia,
A' Cidade Ulyssea foi trazido,
Co' o rumor famosissimo, e preclaro,
Do Lusitano preço, grande, e raro.

FARIA.

As doces cantilenas
Entre o canto maritimo, e campestre,
Africa, Europa, e Asia as adorou.
A lyra sonorosa,

Que tanto os Portuguezes engrandeçe,
Quanto a gente fortissima o merece,
Deixou segunda vez com maior gloria (20)
Em pequeno volume,
Que impresso á luz sahindo,
O sello poz a quanto tinha feito,
Tudo o que nelle poz engenho, e arte.
Nos campos saudosos
Do Tejo, e do Mondego;
Nas Libicas montanhas;
No Reino Neptunino;
Lá no seio Gangetico;
Polas praias da Persia;
Polas roxas Arabicas ribeiras;
Nos campos indiannos,
Para thesouro dos futuros annos.

ALMENO.

Em Lesbos Ariaõ,
O Musico de Thracia,
O canto das Sirenas;
Em Thebas Amphiaõ,
A Homerica eloquencia,
O Sulmonense Ovidio,
O namorado Gallo;
Aquelle que taõ claro,
Louvando, o crystallino Sorga enfrea:
O Pescador Sincero,
A Toscana Poesia;

O brando, e doce Lasso Castelhano:
Nemhum claro Varaõ,
Grande no tempo antigo, e no moderno,
Que nas azas do verso excelso suba
No cume do Parnaso, duro monte,
(Mas no fim doce, alegre, e deleitoso)
Com nome entre os engenhos mais perfeitos,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma (21).

FARIA.

Mas entre tantas palmas salteado
De desesperaçaõ, de fome, e de ira,
A piedade humana lhe faltava,
Terra em que pôr os pés lhe fallecia.
Os Pastores de Luso
Veraõ morrer com fome
A quem os fez, cantando, gloriosos.
Que em fim, em fim, dest'arte
(Espirito divino!)
A mãos dos teus morreste!
Assi o quiz o conselho
De vil miseria dura,
Amor féro, e cruel, fortuna escura,
Que do contentamento saõ espias.
O que arcos, e pelouros naõ fizeram,
Esquadraõ de Gentios, e de Mouros,
E subita procella,
Fizeram Cavalleiros,

Que a fortuna tem sempre taõ mimosos,
No fim de tantos casos trabalhosos.

ALMENO.

Trabalhos nunca ousados lhe inventáram,
Contra Deos, e justiça.
Injustiça de aquelles,
Que assi sabem prezar com taes favores
Virgilios, nem Homeros:
Doentes desta falsa hydropesia
(E co' o beber lhes cresce mór secura)
Das honras, e dinheiro,
De querer dominar, e mandar tudo:
Que estaõ co' a boca aberta
(Vicio da tyrannia, infame, urgente)
Por se encher de thesouros de hora em hora,
Para servir a seu desejo feo.
Oh vaso de iniquicia,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Sem temer de honra, ou fama, alguns perigos!
Naõ saõ isto que fallo conjecturas:
Oxalá foram fábulas sonhadas
Da solta liberdade!
Mas inda mal, em fim, porque he verdade.

FARIA.

De lagrimas me banha todo o peito (22)
Tamanho mal, tamanha desventura,
Que me faz cá no peito a alma triste,
Sentindo na alma a pena, que tu sentes.

Culpa dos viciosos successores
Do generoso tronco, e casa rica,
A quem fez seu Planeta
Ricos de pobres, livres de sujeitos,
Em gostos, e vaidades atolados:
Tomando por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa,
Nomes de semideoses soberanos,
De seus antecessores a memoria,
E naõ cuidam de si, que saõ peores.
Vede, Nymphas, que engenhos de Senhor
De deoses, semideoses,
Bravos em vista, feros nos aspeitos!
De fábulas composta se imagina
A tumida vaidade.
Quem vio honra, taõ longe da verdade?

ALMENO.

Guerreira Lusitania,
Com mão rapace, e escaça,
E de ti mesma adversa,
Déste causa á molesta morte sua!
E tu nobre Lisboa,
Dos Heroes a Cidade;
Porque, cruel, consentes,
Ou porque naõ te corres,
Com taõ disforme, e aspera dureza,
De huma estrella, que quer q̃ á mingoa m
Quem faz obras taõ dignas de memoria?

De capellas idoneas
Hespanha, França, Italia,
Seu Vate coroáram:
E naõ sei porque influxo do destino,
Contino sopeados
Foram do baixo vulgo,
Como da gente illustre Portugueza,
E de todos os grandes desatinos,
Engenhos peregrinos.

FARIA.

Occultos os juizos de Deos saõ,
Que naõ alcança humano entendimento.
Honra, premio, e valor, que as Artes criaõ,
Naõ o dá a patria naõ; que está metida
N'hum longo esquecimento
Dos trabalhos alheos.
Nenhum ambicioso
Mais o público bem, que o seu respeita;
E nenhum no bem público imagina.
Mas isto he já costume da ventura,
E mal se estranhará o costumado.
Ah patria minha amada,
Naõ vias tu a fé com que te amava?
Mas altos corações, dignos de imperio,
Em ti, e nelle veremos
A baixo estado vir, humilde, e escuro.
Mas com quem fallo? Ou que estou gritando?
Com nada se restaura

O que a este Pastor aconteceo
Com desusadas musicas de Orpheo.

ALMENO.

Cousas grandes, e estranhas,
Que nunca vi (Faria vejo agora (23).
Em desventura tanta.
Quem dissera, que houvesse ahi no Mundo,
Por taõ pequeno erro,
Que a fraca humanidade, e amor desculpa,
Taõ grave penitencia?
Que segredo taõ arduo, e taõ profundo!
Despois de tantas noites mal dormidas,
Só por amor da patria,
Taõ aspera esquivança?
Que effeito em mim (Faria)
De dor, de mágoa pura,
O desditoso Amante
Da inclyta Ulyssea
Fará co' a vista só perdida, e rota,
Só por servir a Regia Mágestade
Com glorias immortaes taõ largamente;
E álém disso nenhum contentamento?
Alli mais enfraquece o entendimento.

FARIA.

Oh quanto ha já que o Ceo me desengana
Que tome exemplo delle, e naõ me espante!
Mas já que pouco a pouco
Te vejo estar pasmado

Da mágoa, sem remedio
Desse caso terribil,
Dizer tudo me offreço.
Escuta hum pouco, nota, e vê Almeno (24)
O que meu canto polo Mundo estende
De hum que só foi das Musas
Naõ menos ensinado,
Que déstro, e costumado
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Do Gangetico mar ao Gaditano.
Agora, tu Calliope, me ensina
Quanto mostrar ao Mundo pertendia
A minha já estimada, e léda Musa,
De aquelle, para quem criado estava
Hum novo engenho ardente.
Este, por haver fama sempiterna,
Desejoso de ver as cousas grandes
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia,
A vida poz nas mãos de hum leve lenho,
Nas mãos do féro Marte.
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
No som, que pelo Mundo se deseja
Da Homerica Musa, e Mantuana,
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
Que de nenhum bem passado se contenta.
Este sempre as soberbas
Da soberba fortuna,
Com peito desprezou firme, e sereno.

Fazendo o que a seu forte peito deve,
Poz na guerra, e na paz devido estudo.
Tirou da escura tréva
As Musas do Parnaso,
No Reino Lusitano,
No Reino Neptunino,
Enchendo a terra, é o mar de maravilha,
Com alto exordio, de alta graça ornado,
Que do poder mais alto lhe foi dado.
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
O singular Artifice,
N'hum breve livro casos taõ diversos,
Começa, e acaba, em fim, por divina arte.
Com a doce harmonia,
Que mais Phebo restaura
(Perdoem-me as Deidades)
Com os deoses celestes competia.
Com fama grande, e nome alto, e subido
Por mais que da fortuna andem as rodas,
Por mais que o tempo corra, o damno possa
Será sempre famoso,
Desde o Tropico ardente, ao Cinto frio.
Aqui, minha Calliope,
A cithara para elle só cobiço,
Se taõ sublime preço cabe em verso.
Nas terras Mauritanas
Os perigos Mavorcios

Hum soldado gentil instituíram
Neste peito mortal, que tanto te ama.
  Aquelle féro indomito mancebo
Aqui pinta no branco escudo ufano
Taõ illustres signaes
Da primeira maritima victoria (25),
Que póde naõ temer a Lei Lethéa;
A Lei Lethéa á qual tudo se rende.
Desprezando a fortuna,
De Colchos o gentil metal supremo,
Que a gente bruta, mais que virtude ama,
Por taõ arduo caminho
Fortuna o trouxe a taõ longo desterro,
Taõ longe da sua patria Lusitana.
  Já deve de bastar o que aqui digo.
Em premio destes feitos excellentes,
As gentes vãas, que naõ os entendêram,
Determinam de ter-lhe apparelhado
O hospicio que o crú Diomedes dava:
Outro Scylla, e Carybdes,
As aras de Busiris infamando,
As Syrtes arenosas,
Outros Acroceraunios,
Tormentos inhumanos
De Scynis, e do touro de Perillo.
Oh famoso Luis!
Moveste com teu canto
A costa da Ethiopia,

A terra Oriental, que o Indo rega,
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara
As Musas do Parnaso,
O Olympo claro, e puro,
O Reino de Plutaõ soberbo, e escuro.
Naõ pudeste mover
O peito Lusitano.
Oh Lusitano espirito!
Oh bemaventurado
Manhoso Cavalleiro, e namorado!
Em ti se vem da Olympica morada
Cousas que juntas se acham raramente:
Estylo grande, e raro;
E com suave, e doce melodia,
Mal entendida do juizo alheo:
E quasi mais que humanos
Pensamentos em obras divulgados,
Com partes de grandissimo respeito:
Aquelle saber grande,
Com longa experiencia misturado:
A discriçaõ segura, a confiança,
Brandura mansidaõ, engenho, e arte,
E palavras sincéras naõ dobradas;
Condiçaõ liberal, e sabio peito,
Que ao juizo das gentes merecia
Da fama eterna ter perpétuo dia,
Entre os deoses no Olympo consagrado.
Animo de cobiça baixa isento,

Digno por isso só de altos estados:
A's armas braço feito,
A's Musas mente dada.
De vós, Nymphas do Tejo,
Oh Tagides Camenas!
O nome tem co' as obras derivado;
Nome em Musas ditoso em nossa Hesperia!
Das Pierides em ti se encerra a arte,
E quem o nega, contra as Musas erra,
E negue mais ao Sol a claridade.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas aquelles avaros
Se encarniçavam férvidos, e irosos,
Em lhe tirar a gloria;
A gloria por trabalhos alcançada,
Como se a naõ tivera merecida.
Que a morte para a morte tenha vida!
No tempo que de amor viver soia,
N'hum bosque que das Nymphas se habitava,
A crystallina Venus
Vivas faiscas lhe mostrou hum dia
Nas lindas faces, olhos, boca, e testa;
Testa de neve, e ouro;
Aquelle crystallino, e puro aspeito,
Que em si está sempre as almas transformando,
Em vida taõ escaça
Naõ como quiz Pythagoras na morte.
Porém vendo o Pastor (26)

Despois de tantas lagrimas vertidas,
Fortuna taõ profana,
Contrária em toda a sua calidade,
Perigos, linguas más, murmurações;
Buscando á vida algum remedio, ou cura,
Por huma Nympha baixa foi perdido:
Prisaõ terreste, e escura,
A qual virá despois a ser Senhora,
De quem era captiva.
Tudo faz a vital necessidade.
Naõ nos leitos dourados,
E de metaes ornados reluzentes,
Se satisfaz do mantimento nobre
De iguarias suaves,
Por entre vivas rosas
Nas alvas carnes, subito mostradas;
Mas co' huma escrava vil, lasciva, e escura.
A vida de Senhora feita escrava
Da captiva gentil, que serve, e adora.
Mas como manda amor na vida escaça,
Que sirva a linda serva,
Estranha, mas naõ Barbara (27),
Esta a captiva he, que o tem captivo;
Altiva, e exalçada,
Porque de seu Senhor se vê senhora.
Da qual a Poesia que cantou,
As frautas dos Pastores,
As armas sanguinosas,

Às Indianas gentes bellicosas,
Agora em som de voz suave, e terso,
Com som de voz está subindo ao Ceo
A gente da Ethiopia,
Em virtude do gesto de que escreve
Aquelle moço féro.
Alli se vio captivo:
Aqui a alma captiva
Se satisfaz co' o bem que naõ alcança.
Triste quem seu descanso tanto estreita!
Triste quem de taõ pouco está contente,
E chora o perdido eternamente!
Mas passo esta materia.
Olha o cysne morrendo que suspira.
O Ibéro o vio, e o Tejo,
Morrer em taõ penoso, e triste estado;
Morrer nos Hospitaes, em pobres leitos.
Naõ tinha parte, onde se deitasse.
Tudo dor lhe era, e causa que padeça.
A pállida doença lhe tocava;
Já diante dos olhos lhe voavam
Pinturas de alegria,
De huma subita luz, e raio santo;
Alguma visaõ santa lhe apparece:
Pállida a côr, o gesto amortecido,
Co' o grave mal que sente,
O colo inclina languido, e cansado,
E fez da vida ao fim breve intervallo.

Com suave, e seguro movimento,
E santa confiança,
O esprito deo a quem lho tinha dado.
Da boca congelada a alma pura
Voa da prisaõ fóra,
Para subir á patria verdadeira,
Da Cidade Hierosolyma celeste.
Tornado á luz superna,
Ao duro Rhadamanto,
Deo ás Parcas a vida transitoria.
Pagou co' a morte fria
A' triste Libitina o seu direito,
De que ninguem se exime dos humanos,
Que pouco val dos homẽes força, e manha,
Contra o terribil fim da noite eterna!
Eterna sepultura
Alli quiz dar aos já cansados ossos.
Sobre cabellos louros (28)
(Côr tem do louro Apollo)
Na fronte a palma leva, e o verde louro,
Dos que vencem corôa verdadeira.
Lá no estellante Olympo,
Apollo, e as nove Musas,
Todas nove nos braços o tomáram:
Com justissima causa se queixáram.
Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulen
Do Mundo, e seus enganos,
Do temor máo, e perfida esperança.

Agora te possua Cytherêa
Lá na terceira esphera;
Amante lá te seja:
Logrando desta gloria
Em pago de louvar della a memoria.
Por alta influiçaõ do immobil fado,
A voz pezada hum pouco levantando,
Quando a Parca queria
O fio de seus dias,
Taes palavras do sabio peito abria:
Pastores deste valle,
Agora vedes bem,
Quaõ facil he ao corpo a sepultura:
Sobre hum triste sepulchro
(Sepulchro sem arreo
Dos roxos lirios, das pudicas rosas)
As exequias fareis de minha morte.
Hum epitaphio triste,
N'huma ruda cortiça pendurado,
A véla enfrêe ao duro navegante:
Diga o pregaõ a causa desta morte,
Póde ser que algum peito se quebrante (29).
Alli Pastores muitos
Nos olhos saudosos,
Saudosos na vista, e descontentes,
Em quanto lhes pedia consentiam.
Mas neste passo assi promptos estando,
Inspirado de angelica influencia,

Em varios pensamentos se derramão
Do Padre sublimado,
Por quem o Ceo, e a terra se governa,
Que vibra mil férreos raios de Vulcano,
Com gesto al[illegible]
As Nymphas espalhando seus cabellos,
Nereidas, e Napéas;
Boninas apanhando,
Com as lindas conchinhas,
Estas, florentes em [illegible], aquellas
E de Helicona as Musas
Com pompa honesta, e régia,
Varios casos em versos modulando,
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Vaõ da morte às exequias celebrando
Com gritos, que a montanha entristecêraõ,
Estaõ perlas dos olhos destillando.
Todo o coro das Nymphas,
Taõ doutas, como bellas,
Aqui se entristeceo;
E junto caminhava,
Para o cume de hum monte alto, e subido,
A fazer o funereo enterramento.
De flores têm o tumulo adornado
Ao pé de hum funereo acypreste.
Todas estas angelicas donzellas
Em torno estaõ do corpo sepultado.
Alli o sublime fogo,

ECLOGA.

Em derredor do corpo,
A's estrellas do Ceo fazendo inveja,
Na branda cera ardia,
Trocando a noite escura em claro dia.
  Todas tamanha grita levantáram,
Que o Mundo pareceo ser destruido.
No derradeiro accento
O éco respondia.
Os Pastores do Tejo,
Para o lugar do monte caminhavam.
Nos versos saudosos
Com ellas se igualavam.
  Huma que de entre as outras se apartou,
Com soluços dizia:
Oh confiado engano!
Ah lei dos fados aspera, e tyranna,
Cruel, acerba, e triste!
Oh tyrannico amor! Oh caso vário!
Que levas, cruel morte,
O mais gentil Pastor, que o Tejo vio,
De Nymphas, e Pastores celebrado!
  Mas tu, gentil esprito,
Repousa lá no Ceo eternamente,
Os trabalhos taõ longos compensando
No Templo da suprema eternidade.
No Olympo luminoso,
Mais alto, e santo monte,
Outras zamponhas ouves, e outro canto,

Com que faças o fim ao teu desejo;
Se lá no assento ethereo, onde subiste
Sobre as azas inclytas da fama,
Polo caminho Lacteo glorioso,
Memoria desta vida se consente,
Se a . . . . . alguma mágoa toca,
Verás huma, que a ti com triste choro,
Em vão sempre chamando,
Está no pensamento,
Que sempre estará firme.
  Cá me acompanhará tua memoria,
(Por testimunhas tómo o Ceo, e estrellas)
Até o derradeiro despedir-me.
Mas pois já me deixaste,
Vive nesta alma minha,
Co' o claro gesto juntamente impresso,
Porque, em fim, a alma vive eternamente,
E naõ tem a fortuna poder nella.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que possam prometter-te longa historia,
Celebrado serás sempre em meu canto;
Será minha escriptura teu letreiro,
Do Herculano Calpe, á Caspia serra;
Em quanto apascentar o largo Polo
As nitidas estrellas;
Em quanto o Sol a terra, e o Ceo rodêa:
Em quanto houver no Mundo saudade:
Em quanto estas hervinhas pasto derem,

A's mimosas ovelhas:
Em quanto os rios para o mar correrem.
Aqui com grave dor, com triste accento,
Seus olhos começáram novo pranto;
E nos alamos altos
Escreve estas palavras:

Naõ passes, caminhante. Quem me chama?
Hum peito magoado, e descontente,
Especial em graças entre a gente,
Gloria, e louvor do tempo, azas da fama.
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Por quem de viver triste sou contente,
Em lagrimas desfeita claramente.
Quem he que taõ gentil louvor derrama?
Huma memoria nova, e nunca ouvida,
De quem naõ ha no Mundo semelhança,
Pois a grande de Roma naõ se atreve.
Tenha sua memoria larga vida;
E quanto he mór a bemaventurança,
Tanto lhe seja agora a terra leve.

O mais que alli foi dito,
O mais deste processo
Remetto a vós, ó Tagides Camenas,
Se o vós, ó altos montes, naõ disserdes,
Que em vossos arvoredos ainda escrito,
O qual offendo em quanto tenho dito.

Aquelle dia [illegible] naõ [illegible]
As cabras, de tristeza,
As tetas [illegible] espalhando:
As fontes crystallinas naõ corriam,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E com esta graveza
Corria mais medonho, que suave,
As aves deixam seu suave canto:
Deixa seu canto Progne, e Philomena,
O campo, como de antes, naõ se esmalta
De pudibunda rosa, e roxas flores.
A terra nos produz duros abrólhos.
A poésia perdida,
Em tua ausencia toda consumida;
A fonte do Parnaso
Parece que se sécca:
Naõ temos luz, despois que nos deixaste,
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Choráram-te, Luis, o Gange, e o Indo (ão
As fontes crystallinas
Choram o mal de tua ausencia eterna;
Te choram as montanhas, e os desertos,
Os altos Promontorios te choráram:
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Nem Pastor ha no campo sem tristeza:
As Halcyoneas aves
Vozes desordenadas em seu canto,
Nesta praia do Tejo,

Junto da costa brava levantáram.
Os Faunos namorados
Já naõ seguem as Nymphas na espessura:
As Nymphas na espessura,
Suspiros espalhando
O campo enchêram de amorosos gritos.
As filhas de Nereo,
As filhas do Mondego,
Com as filhas do Tejo
Longo tempo chorando memoráram
A temerosa morte,
O caso desastrado, a sorte dura;
Tudo qual vês he cheo de tristura.
Os Anjos da celeste companhia
Te recebem na gloria, que ganhaste;
Celebrando-te estaõ na doce lyra
As Musas do Parnaso:
O doce rouxinol,
Os passaros que cantam,
Com taõ divino som, que o Mundo espantam.

ALMENO.

Qual o quieto somno aos cansados,
Entre hũus verdes ulmeiros;
E qual aos sequiosos
A clara, e pura fonte,
Taes me foram teus versos delicados:
O doce accento naõ parece humano:
O tom me espanta, a voz me faz inveja;

No Mundo ouvido seja.
Deste nosso Pastor (31)
Grandemente por certo estaõ provadas
Segredos deliciosos,
Limpos de todo o falso pensamento.
Lá na leal Cidade
Do Douro celebrado
O Interpretè divino,
Das Musas Secretario,
Ouvindo o doce canto,
Que faz passando o Tejo crystallino;
Revolvendo continuo no conceito
A musica divina,
Por caminho taõ arduo, longo, e vario,
Dará da Poesia hum vivo lume:
E Phebo crespo, e louro,
Ajuda ao graõ volume,
E descobrir-nos-ha segredos certos,
A nenhum grande humano concedidos.
Trabalho illustre, duro, esclarecido.
Parece que guardavà o claro Ceo
Este cometimento, grande, e grave,
A Manoel, e seus merecimentos,
A dar aos seus na lyra nome, e fama.
Acorda Manoel com novo espanto:
Manoel, que exercita a summa alteza
Das Musas na Sciencia.
O louvor grande, o rumor excellente

Iraõ representando,
Onde os juizos altos se estimarem.
De ambos de dous a fronte coroada;
Em quanto produzir o Tejo, e o Douro,
Do Baccaro, e do sempre verde louro.
Oh quem cuidar pudéra
Por certo que algum dia
De mim qualquer memoria ficaria,
Em voz alta, e divina,
No cume do Parnaso!
A vida, e esperança,
Por taõ doce memoria trocaría:
Deixára por memoria
A parte principal de minha gloria.

Meio caminho a noite tinha andado,
Quando deo o Pastor fim a seu canto,
Que move os coraçóes a grande espanto;
Ouvindo o instrumento inusitado
Com louvores de Apollo celebrado.

ANNOTACIONES

A LA EGLOGA ANTECEDENTE.

Ya en las advertencias a la Egloga 13 quedan algunas que sirven a esta, y no es necessario repetirlas. Dirè lo que parece serlo, para dar a entender la perfecion de la orden, y la orden de los discursos, y tambien lo que en algunos lances puede causar escrupulo a los curiosos.

Con toda la difficuldad de escribir en centones, se escribe aqui la vida de Luis de Camões, de la misma suerte que la he escrito en prosa; empeçando desde su criança en Coimbra, y llevando todos sus acontecimientos por orden, hasta que muriò en Lisboa. Agora iremos prosiguiendo por los numeros.

1 *Na fonte de Aganippe*, etc. Aludiendo a las nuestras Rythmas en que entra este Poema, siendo el titulo dellas este : *Fuente de Aganipe.*

Alli mismo : *Mudando andou*, etc. El Poeta dize *andei*, no *andou* : y destas alteraciones ay algunas,

aunque pocas en este Poema; però son *precisas*, por que el Poeta habla en aquellos lances de si, y *yo de*

2 *O' altas semideas*, etc. Invocanse aqui las deidades favorecedoras del canto, y aquellas partes po donde anduvo, y las cosas de que cantò.

3 *Este Canto que escrevo derradeiro*, etc. Vinome bien esto, por dos razones; una por ser este el postrer Poema, que he escrito : otra por ser el postrero (esso vale el *derradeiro*) deste volumen: que es la condicion con que Virgilio dixo en su Egloga ultima, *extremum hunc laborem*, y mi Poeta imitandole, en su ultimo Canto : *neste trabalho extremo.*

Alli mismo : *As gentes Lusitanas*, etc. Llamo a ser oyentes de los discursos de su vida aquellas gentes, y tierras, y cosas de que cantò, y por donde anduvo, por hazer harmonia con el modo de la invocacion.

4 *Montanhas da Lũa conhecidas*, etc. Esto es perifrasis de la montaña, ó sierra que llaman de Cintra, llamada de los Antigos Promontorio de la Luna; sitio singular de frescura : y porque a todas mis Eglogas he dado el titulo del theatro adonde passó lo que cuento, di a esta el de Cintra, por ser cerca de Lisboa, adonde el Poeta muriò, de donde se descubre el Tajo, y el mar, de que fueron todos sus cantos.

Alli mismo : *Almeno, e mais Faria*, etc. El Faria en el Poeta és verbo, *faria*, que vale *haria* : en este verso de la Egloga 2. : *Tudo farei Almeno, e mais faria, por te ver algum'hora descançado.* Y tuve por

mas de una querida, porque, como alli dixe, celebra a Belisa con tanta copia; y tambien con muchos a Natercia (que vale Caterina, y era D. Catalina de Atayde) pues de más de dos Sonetos, que andan en lo impresso a ella, tengo en lo manuscrito otros, y una Egloga a su muerte (*he a XV nesta nossa Ediçaõ*) si ya no es que la celebrava tambien con el nombre de Belisa: y puede ser assi, porque tambien el asi proprio se dá differentes nombres; quando habla de Natercia se llama Liso, y Soliso: y Almeno, quando de Belisa; y otros en otras occasiones, como Alicuto, Leonardo, segun provamos en los Commentarios a sus obras. Finalmente por esta razon elegi para esta Egloga el nombre de Belisa.

10 *A testa de ouro, e neve*, etc. En esta Est. (y tambien en la passada) se han recogido todos los principales terminos con que el Poeta celebra y describe la hermosura amada.

11 *Nesta florida terra*, etc. Refierese a lo que dize el num. 11. con aquel verso: *Nos campos saudosos do Mondego;* porque haviendose criado en los estudios de Coimbra, Ciudad puesta a la margen desse Rio, alli fueron los primeros amores que tuvo, como consta de su Cancion quarta.

12 *A occulta ao Mundo, e preciosa massa:* Este verso en el Poeta es deste modo: *A massa ao Mundo occulta, e preciosa.* Rebolvile, sin quitar, ni añadir letra, solo por fenecer con la consonancia.

13 *A ronda* [illegible]. He quitado [illegible] de palabras, las que [illegible] el verso [illegible].

14 *De quem põe o desejo, onde naõ deve*, etc. (*murmurar*, etc. Parece que el Poeta anduvo poco re portado en sus amores, y que los interessados en l causa dellos le perseguian : y si ella era la D. Cata lina de Atayde, Dama de Palacio (como parece) au que el en calidad no le era inferior, eralo tanto e bienes de fortuna, que esso parece diò causa a evit el empeño de su amor; porque quando el se suel mucho, nò es decente en Palacio, sagrado de la hermosuras. Finalmente, esta fue la causa de su de tierro.

Alli mismo : *Já paga a culpa enorme*, etc. Podi parecer, que el enorme aqui desautorisa al Poeta però no es assi, por dos razones : una, que el enorm se ha de tomar en su proprio sentido, que es culp fuera de regla, de orden, de medida; con que parec allude a averse atrevido a violar lo sagrado de Pal cio : otra que el mismo Poeta en la Cancion primera trata esta culpa deste modo : *Algum nefando e* [illegible] *desatino*. Y en la Egloga 3., quexandose de esto l amada, le dize :

Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste louco apartamento, etc.

Y antes le avia dicho :

Naõ es tu de saber taõ falto, e rudo,
Que taõ sem siso amasses, como amaste.

en otros lugares de sus Rythmas se descubre clara-
iente, que el Poeta con la fuerça del amor, anduvo
lgo atrevido, y poco acautelado, y assi está bien aqui
ı *culpa enorme.* Los destierros fueron tres, ò quatro:
n la Est. siguiente describo el de Ceita, porque alli
: empleò bien en las armas.

15 *Da vista o claro lume,* etc. En una batalla na-
al, en que se hallò, en el Estrecho, perdiò el ojo
erecho, en que le dieron unas centellas de un cañon.

16 *Imitando a seu pai na valentia,* etc. Su padre
·a Capitan de un navio, de los que alli peleavan, y
hijo era su soldado. Bolviò a Lisboa con aquella
onrada senal de su valor; y bolviendo a sus amores,
olviò a ser perseguido; y por esso se fue a la India,
›mo consta de las Estancias siguientes.

17 *Cortando vaõ as náos,* etc. Por describir-se en
ita Estancia el horror de una tormenta, en que el
oeta alli se viò, como consta de su Elegia I. no se
sò de algun verso pequeño en ella: y porque en la
guiente se tratan blanduras amorosas, entraron al-
unos versos pequeños, que son suaves.

18 *Entrava neste tempo,* etc. Tuvo difficuldad el
ezir el tiempo en que el Poeta partiò de Portugal, y
ntrò en la India: lo primero contiene la Primavera,
ue es quando parten ordinariamente las naves del
eino: lo segundo que estava entonces ElRei D. Juan

el III., que vivio 4 años despues desta part
fue el año de 1553. : lo tercero, que llegado
a la India, cantò con el nombre de Fronde/.
Ecloga I., las lastimas de la muerte de D. An
Noroña en Ceita, que fue aquel año, y llegò l
della a la India el de 1553. Deste modo cor
buena dicha se dixo el tiempo en que saliò d
llegò allà.

19 *Por Heitor da Silveira*, etc. Despues
Poeta anduvo y sirviò en la India, fue desterr
la China, adonde tambien sirviò, y padeciò
fragio notorio : y veniendo a Goa fue preso : y
despues en Moçambique le truxo al Reino H
Silveira, y otros Cavalleiros, hallandole alli
cha pobresa, y desgustos, y alli avia acaba
mar su Lusiada con que entrò en Lisboa.

20 *Deixou segunda vez*, etc. Porque las ol
ricas fueron primeras, y la Heroica fue segu
nor en cantidad, màs en calidad mayor.

21 *E perdoe-me a illustre Grecia, ou Ro*
todo este Poema no se sacaron dos versos jun
tras otro de las obras del Poeta, sinò los dos
desta Estancia, por fenecerla con la harmonia
sonante: y soy de parecer, que en tanto aprie
pueden los ingeniosos usar desto. En essotra I
Garcilasso ay esto en dos occasiones, y en un
diera escusar, si quisiera; mas porque no lo te
defeto lo dexè ir assi.

22 Esta Estancia, y la siguiente, son quexas de los Cavalleros, y de Portugal, por aver tratado con tanto descuido al Poeta : y vienen a ser las mismas, que el proprio haze al fin del Canto setimo de su Lusiada.

23 *Que nunca vi, Faria, vejo agora.* El verso es de la Ecloga primera, y adonde digo *Faria,* dize *Frondelio :* Vea-se para esto lo dicho, debaxo del numer. 6.

24 *Nota, e vé, Almeno.* Es el verso en la Ecloga 1. y dize : *Nota, e vé, Umbrano.* Vea-se lo dicho en el num. 6.

25 *Da primeira maritima victoria.* Primera a respeto del Poeta, porque esta batalla naval fue la primera en que el se hallò : y por esto pongo el *maritima* entre comas : como se dixese : *Desta primera victoria, en que tuvo parte, y que fue maritima.*

Màs adelante : *A's armas braço feito.* Este verso, y el siguiente tienen trocada una palabra cada uno, porque no quedassen languidos, por que allà dizen, *braço ás armas feito; mente ás Musas dada.*

Alli mismo : *Camenas, o nome tem*, etc. Porque el Appellido de Camões en anagramma es Camenas; y el nombre de Luis tiene en España y en Italia muchos Poetas buenos, más que otro alguno, como observamos en la vida del Poeta, que se verà al principio de los Commentarios a su Lusiada.

26 *Porém vendo*, etc. Aqui se empieça a dar cuenta de los amores que el Poeta tuvo con una esclava, des-

pues de verse falto de todo. *De quem era captiva.* verso es de unas Endechas a la esclava, y dize: *quem he captiva:* y le alterò por llenar el [illegible] sieta. [illegible]

27 *Estranha, mas não Barbara.* Este verso es dos de aquellas endechas, que dicen: *Bem fo estranha, mas Barbara não:* y Barbara era el nom de la esclava. Lo mismo corre en el verso: *Esta a tiva he, que o tem captivo:* porque en las ende dize: *Esta he a captiva, que me tem captivo.* Y abaxo: *Aquelle moço fero:* es el primero verso Ode 10, que el Poeta escriviò a esto de estar ena rado de la esclava, y es una de las grandes cos sus Rythmas.

28 *Sobre cabellos louros*, etc. Parecerà que era mas proprio para una Dama, a lo menos a quie supiere que el Poeta era roxo de pelo; y porqu era, vino alli de molde el parenthesis: *côr tem de l Apollo.*

29 *Póde ser que algum peito se quebrante.* Aqu vamos hablando, a salga lo que saliere; sus har nias se tiene este Poema, quales se pueden espera quien escriba con seso, y a su arbitrio, no ya a a centones. Advertimos solamente esta; y es, q esto de quebrantarse algun pecho con su muerte, responde la Nympha, que le llora, despues del n 29., supponiendo, que la que nunca se doliò del, vi agora se duele viendole muerto.

30 *Chondram-te Luis*, etc. Adonde aqui está *Luis*, dize el Poeta *Thomé*. Vea-se para esto lo dicho en el num. 6. Mucho fue que el Poeta no se nombrasse a si proprio en sus obras: solamente con anagramma de Liso, que es Lois, se nombra dos, ò tres vezes.

31 No infelizmente se hallaron aqui las alabanças de los Commentarios a las Obras del Poeta.

FIM.

INDEX

E VAI DE MAIS NESTA EDIÇAÕ, E SE NAÕ ACHARÁ EM HUMA DAS OUTRAS, QUE ATÉ ESTE PRESENTE ANNC 780. SE TEM FEITO DAS OBRAS DE LUIS DE CAMÕES

NTA e quatro Estancias, que o Poeta regeitou rezou ao tempo de imprimir o seu Poema a pri vez. Estas Estancias, sendo descobertas po el de Faria e Sousa em dous differentes Manus s, sómente se acham nos Commentarios dest r á Lusiada, e em nenhuma outra Ediçaõ. Nest ntas a pag. 195. do segundo Tomo.

Liçoes várias do Poema, observadas pelo mesm e Sousa, na confrontaçaõ dos mesmos dou scriptos, com os exemplares da primeira e se Ediçaõ. Acham-se sómente nõ fim dos Com rios de Faria á Lusiada; e nesta Ediçaõ vaõ n o segundo Tomo, a pag. 225.

n Discurso de Fernando Rodrigues Lobo Sur , que sahio na primeira Ediçaõ que de alguma mas do Poeta se fez em Lisboa no anno de 159 iserto no Prologo do terceiro Tomo.

m Index por ordem alphabetica de todos os Sc ; Canções, Odes, Sextinas, Elegias, Oitavas ogas, que se contém no Tomo terceiro, cor laraçaõ do argumento ou assumpto a que h osto cada hum daquelles Poemas. Este Index

38.

que vai no fim do Tomo terceiro, sendo todo trabalhado de novo, se naõ achará em outra alguma Ediçaõ das antecedentes.

Hum Discurso de Manoel de Faria e Sousa, em que prova concludentemente serem de Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, cinco Eclogas, achadas em hum Manuscripto; as quaes o mesmo Bernardes havia impresso por suas no seu *Lima*. Este Discurso, copiado fielmente dos Manuscriptos originaes do mesmo Faria, vai no principio do quarto Tomo desta Ediçaõ.

As mesmas cinco Eclogas, as quaes nesta Ediçaõ, pelo muito que o Poeta riscava, e emendava, se acharáõ (pelos que as cotejarem, e conferirem) muito differentes das que Bernardes imprimio, por se servir de Manuscriptos, ou viciados, ou a que o Poeta naõ havia posto a ultima mão. Saõ extrahidas fielmente dos mesmos Manuscriptos originaes de Faria, e vaõ logo depois do Discurso deste Auctor, no principio do quarto Tomo.

Duas Eclogas (saõ a XIV e XV. nesta Ediçaõ) nunca impressas até ao presente, como já dissemos, e extrahidas dos mesmos Manuscriptos originaes de Manoel de Faria e Sousa; as quaes vaõ a pag. 152., e 162. do quarto Tomo.

Varios Fragmentos de Obras do Poeta, achados por Faria em alguns Manuscriptos, e copiados tambem agora de diversos lugares dos seus Commentarios.

Vaõ neste quinto Tomo, depois das Comedias, a pag. 257.

Huma Ecloga, que contém 1414 versos, tirados todos de diversos lugares das Obras do Poeta, na qual Manoel de Faria descreve a vida do mesmo. Vaõ no fim della humas Annotações do mesmo Auctor á referida Ecloga; e naõ nos constando que estas duas Obras se imprimissem atégora, com ellas damos fim a esta Ediçaõ. Principia a Ecloga na pag. 357. deste quinto Tomo.

Naõ fazemos mençaõ de Prologos, vida do Poeta, e mais advertencias necessarias, e concernentes assim á mesma Ediçaõ, como á intelligencia das Obras do mesmo Poeta, o que tudo se achará nos seus devidos lugares.

Em ultimo lugar advertimos, que se o Leitor achar de menos 12 Sonetos nesta Ediçaõ, he porque nas duas ultimas que se fizeram das Obras do nosso Poeta (saõ a de París do anno de 1759, e a de Lisboa de 1772) se acham repetidos alguns em diversos lugares; como puzemos patente em huma advertencia que deixámos no fim dos mesmos Sonetos, a pag. 155 do Tomo terceiro.

ADVERTENCIA FINAL.

Temos posto fim a este nosso trabalho;
mos obrigados a dizer aos nossos Leitores
puzemos todo o cuidado e diligencia em
dar nesta huma Edição mais completa, e
pla, que as antecedentes: não sabemos,
tudo, se o conseguimos, e só o poderão
os que livres de paixão costumam julga
cousas. Se porém aqui se achar alguma
desagrade, poderá muito bem attribuir
debilidade das nossas forças, e não a n
intenções; que na verdade são rectas, de s
bem ao Público, e dirigidas todas a acert

Ao tempo que estavam debaixo do Pr
ultimas folhas deste V Tomo, nos foi
que o Reverendissimo Padre Mestre, o
hor Fr. Francisco de S. Bento Barba, M
Benedictino, Doutor pela Universidad
Coimbra, dignissimo Deputado da Real

ıria, e bem conhecido pela vastidaõ da
tteratura, possuia hum Exemplar da pri-
. Ediçaõ da Lusiada, com algumas notas
.naes, que se dizia serem do proprio
ɔ do Auctor. Sem perda de tempo pro-
ıos a este Doutissimo Religioso, o qual
nhado, tanto na gloria do Poeta, como
do o que póde utilizar a República Litte-
com a maior benevolencia, e generosi-
nos facilitou o examinarmos o referido
, em que naõ achámos outra cousa, que
ıas notas bastantemente superficiaes, e
ıcentes á Mythologia: de sorte que, pos-
.a letra de que estavam escriptas incul-
bastante antiguidade, pois que já algu-
e naõ liam, o juizo que fizemos foi, que
ıs notas naõ haviam sido escriptas por
le Camões; por quanto se naõ faz crivel,
um tal homem se occupasse em explicar
.s cousas facillimas de comprehender,
por aquelles que saõ menos instruidos
melhantes estudos, e deixasse outras que
ɔsmo Poema ha de summa difficuldade,

tambem por nós no mesmo Faria, nest
duas Edições. E se he licito alterala, o
conjecturas de outros Editores, ou c
ções varias de Manuscriptos, que de
pareçam, julguem-no os judiciosos. (
Faria e Sousa teve suas conjecturas,
Manuscriptos, e teve suas lições var
como prudente, e judicioso, e como
bia tratar estas cousas, tendo por atr
alterar o texto, que o mesmo Poeta ha
dado, e impresso, reservou tudo para
Poema, onde separadamente o deo
Leitores. Isto mesmo he o que atéq
visto praticado pelos Editores mais
tanto com os Poetas Latinos, como co
gares das outras Nações.

FIM DO QUINTO E ULTIMO TOM

ERRATA.

TOMO V.

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
xxviij	23	Advertancia, *leya*	Advertencia.
55	6	guerro,	guerra.
72	4	en vo-la direi,	en vo-lo direi.
172	v. 5.	extramado,	extremado.
255 linh.	19	do quem,	de quem.
271	3	a ainclinaçaõ,	a inclinaçaõ.
282 est.	10 v. 4	semelhaça,	semelhança.
320	59	8 patria,	partia.
343	49	8 Emorre indgnamente,	E morre, indignamente.

5..